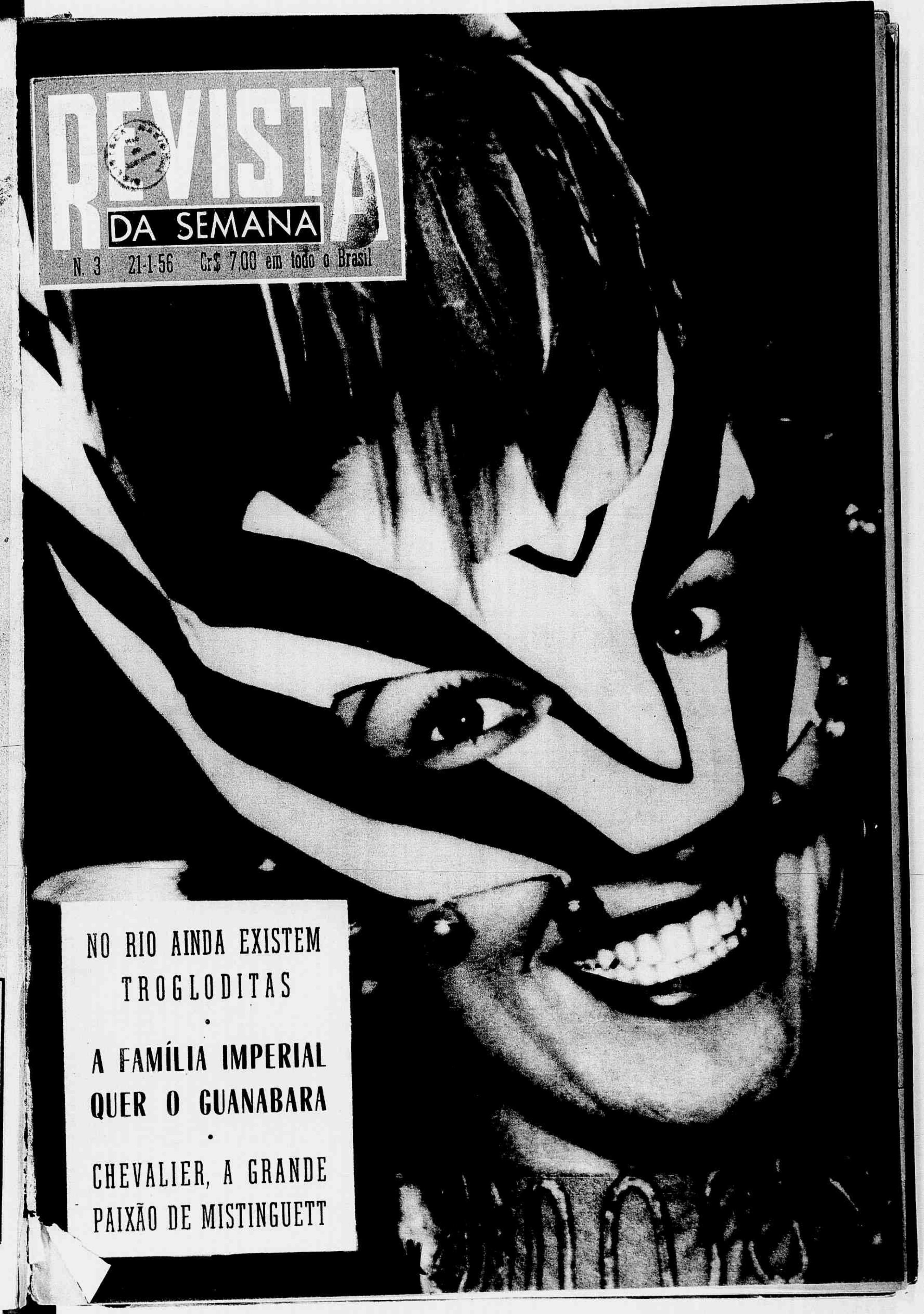




REVISTA

DA SEMANA

N. 3 21-1-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

NO RIO AINDA EXISTEM
TROGLODITAS

A FAMÍLIA IMPERIAL
QUER O GUANABARA

CHEVALIER, A GRANDE
PAIXÃO DE MISTINGUETT

VOCÊ E O MUNDO FUTURO

de RICHARD M. BARR

(Copyright United Feature Syndicate — Exclusividade para o Brasil)

NO presente capítulo de «Você e o Mundo Futuro» — segundo de uma série dedicada às condições de vida no ano de 1980 — Richard M. Barr examina, de maneira amena e prática, isto é, sem qualquer fantasia, baseado unicamente em planos já em vias de desenvolvimento nos Estados Unidos, o problema das comunicações e dos transportes. As comunicações inter-planetárias, por volta de 1980, estarão já em uso, embora em sua fase experimental: aparelhos serão enviados, inicialmente, à Lua, a fim de procederem a estudos sobre as condições ambientes do satélite terrestre. Depois de examinados os materiais colhidos em tais viagens experimentais, começará o tráfico de passageiros, propriamente ditos. Entrementes, as experiências com foguetes eletronicamente dirigidos, destinados a chegar à Lua, partindo de imensas plataformas e satélites artificiais da terra, serão aproveitadas para o transporte transcontinental. Foguetes a jacto atravessarão de lado a lado o mundo, a velocidades espantosas. Os próprios automóveis, mais leves e maiores dos que os atuais, correrão a velocidades inacreditáveis, através de vias especiais, que dispensarão o uso dos controles manuais.

2

Há a história do homem para quem o tempo não andava. Porém, para aqueles que, como nós, vivem no dia de hoje, as perspectivas vão do bom para o excelente no sentido de que possamos ver o desenvolvimento máximo do tempo. Poderiam acaso nossos avós acreditar que os homens chegariam a criar luas artificiais? Contudo, até ao fim do ano vindouro, estará lançado ao espaço o primeiro satélite terrestre construído por mãos humanas. Por volta de 1980, esse primeiro satélite artificial estará transformado em uma permanente plataforma suspensa no espaço. Existirão, provavelmente, àquela época, três delas, todas possuindo a mesma órbita. Estarão em comunicação com a terra por meio da televisão e da eletrônica.

Esses satélites, plataformas permanentes no espaço, serão utilizados para inúmeros fins. Servirão, certamente, de estações centrais de TV, fazendo com que um programa transmitido em determinado lugar na Terra possa ser visto e ouvido em qualquer outro ponto do planeta. Nelas serão realizadas acuradas experiências climatéricas, mediante as quais será possível um controle perfeito de extensas áreas, no que se refere às condições climáticas. Instalar-se-ão ali observatórios, de onde poderão os astrônomos melhor observar o céu, livres da atmosfera nublada que envolve a Terra. Também laboratórios de pesquisas médicas e científicas serão ali montados, bem como, possivelmente, estações intermediárias, que sirvam de pousada para os viajantes que se destineem a outros planetas. Essas plataformas, naturalmente, circundarão a Terra, a uma altura aproximada de cerca de 1.000 milhas, e requererão cerca de três horas para executar um giro completo ao redor do mundo.

Quanto à primeira viagem a um «outro mundo», será feita provavelmente à Lua. Quase que com certeza, será levada a efeito a partir de uma das plataformas aéreas, por um veículo sem nenhum tripulante, algo mais aperfeiçoado, porém bastante semelhante, ao satélite, que se cogita em lançar ao espaço dentro de um ano mais. Essa primeira expedição lunar circulará o satélite terrestre, fotografando-o mediante câmaras de TV e cinematográficas, enquanto inúmeros outros aparelhos registrarão informações sobre a atmosfera, temperatura, topografia, composição e densidade do ar. O foguete retornará então à base de onde partiu, e os dados coligados por ele serão então coligidos e enviados a laboratórios, para estudos mais minuciosos.

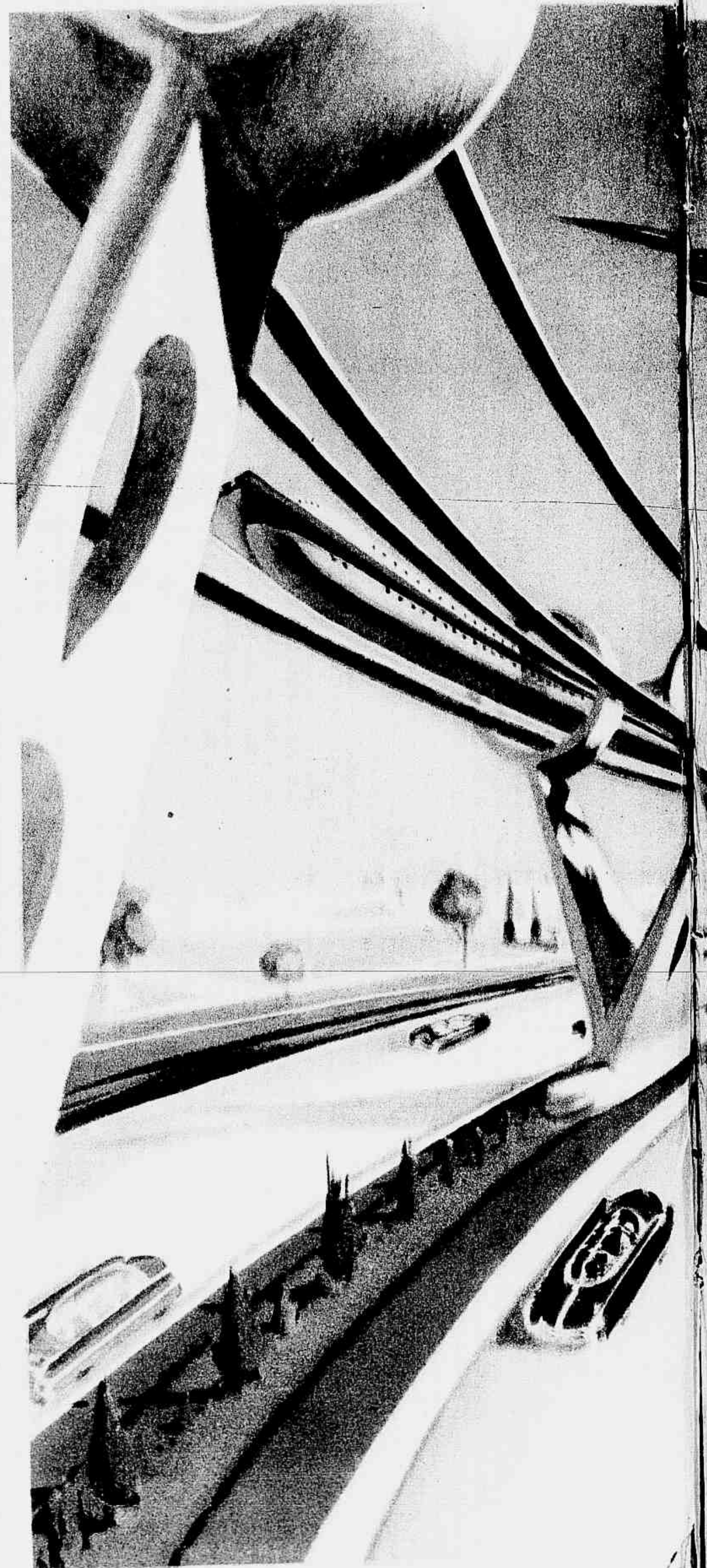
Entrementes, na Terra, serão aproveitados os resultados das experiências relativas à navegação inter-espacial. Por volta de 1980, existirá a navegação transcontinental e transoceânica em grandes foguetes a jacto, que voarão a uma velocidade de aproximadamente 2.500 milhas horárias. Para vôos entre duas cidades, serão utilizados os velhos e vagarosos helicópteros a jacto, cuja máxima velocidade será de 400 a 500 milhas horárias.

No solo, poderemos dispor de comunicações dentro da própria cidade e atingindo também o perímetro suburbano, mediante os monocarris, provavelmente movidos a energia atômica. Esses monocarris correrão sobre um só trilho elevado do solo, assim eliminando inúmeros inconvenientes com que se têm de defrontar, por exemplo, os «subways». Além do que, a milha do monocarril custará somente 3 milhões de dólares, ao passo que o «metro» sai pela fortuna de 11 milhões de dólares cada milha. As cidades de Los Angeles, Baltimore, Detroit, Saint Louis, Miami, Montreal, Houston e New York já estão estudando os planos de engenharia destinados à rápida construção de monocarris.

Os automóveis, em 1980, serão provavelmente mais baixos, largos e compridos que os atuais. Harry E. Chesebrough, engenheiro em chefe da Chrysler Corporation, pensa que os carros de 1980 dividir-se-ão em três grandes categorias. Ele as designa pelos nomes de Highway Cruiser, Urbano e Esportivo.

O Highway Cruiser, diz ele, será a prova de choque, e estará provido de um painel eletrônico e eletromecânico, destinado a fazê-lo ultrapassar obstáculos, acelerar ou diminuir a marcha. «Com um motor bem mais li-

geiro e de menor potência que os atuais, será possível dotar os automóveis, em 1980, de maior velocidade e resistência, graças aos aperfeiçoamentos da aerodinâmica», diz Chesebrough. As janelas, portas e maçanetas serão construídas em forma super-aerodinâmica e estanques, porque o veículo terá ar condicionado. Por dois sistemas poderá ser feita a propulsão: por turbinas elétricas, ou por turbinas diretas, com poder transmitido às quatro rodas.

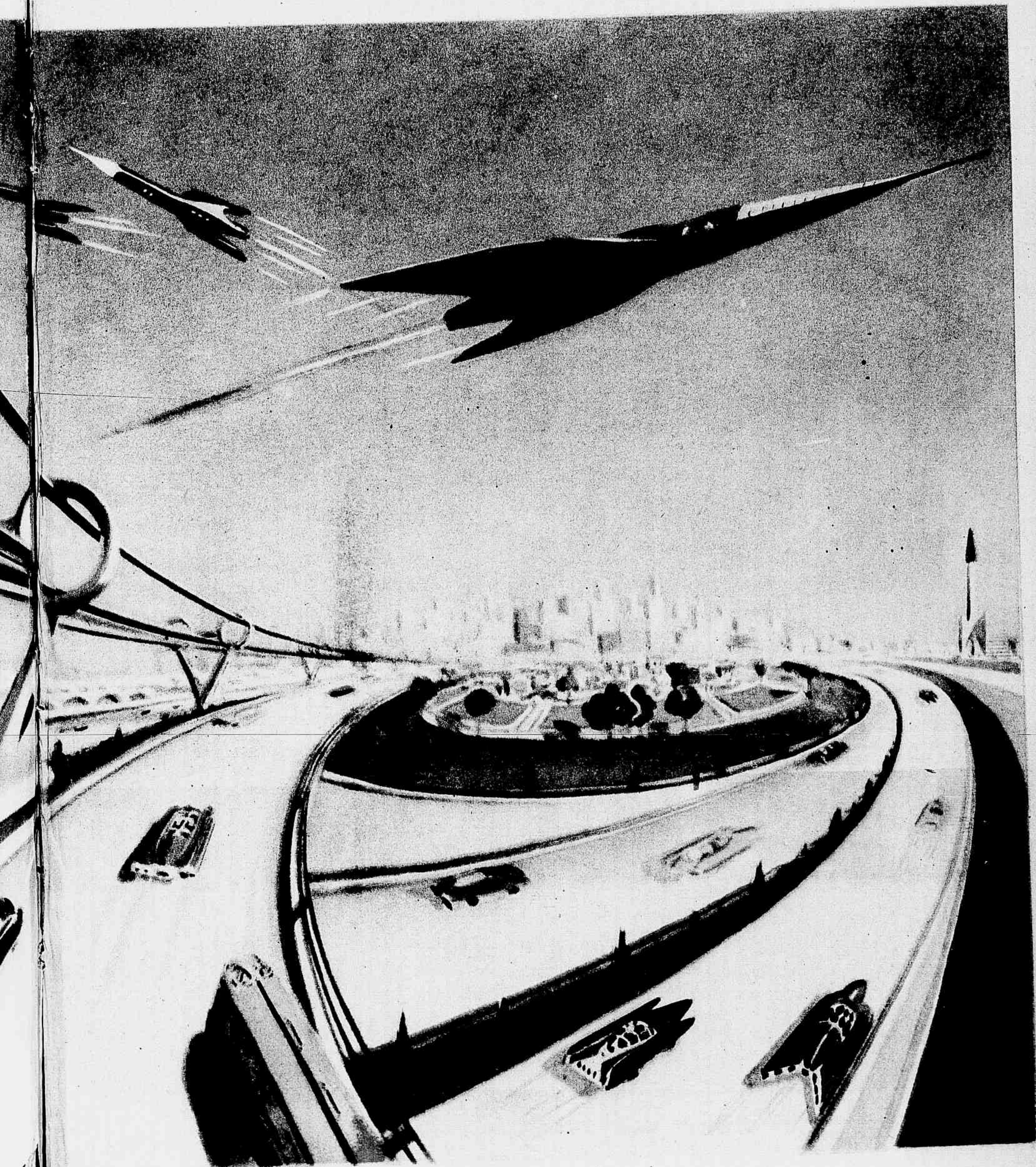


Pensa Chesebrough que esse tipo de carros pesados poderá ser usado em um sistema de estradas elevadas de acesso limitado. Pode-se começar uma viagem de, digamos, Pittsburgh, e após, dirigindo o carro para a via apropriada de média altura, assestar os controles para Chicago, e calmamente descansar durante todo o decurso da viagem. Também será possível matar o tempo observando a TV, ou então, ler a última publicação, enquanto o carro, controlado eletronicamente, voa a uma velocidade de 150 milhas horárias. Será desnecessário tocar no painel de controle; até ao momento em que se é chegado ao destino proposto, quando, então, será necessário desviar o carro da pista elevada para a cidade.

Para viagens menores, próximo ao centro urbano das cidades, Chesebrough recomenda o modelo por ele designado «Urbanite», muito menor e menos complicado que o anterior, embora, é claro, dotado de velocidade consideravelmente inferior. Em certas estradas de velocidade con-

trolada, sua velocidade poderá aumentar um pouco, porém seu uso específico é à velocidade média, dentro ou próximo das cidades. Ainda não existem especificações concernentes aos carros esportivos. «Deixo-os ao gosto da imaginação de cada um», diz Chesebrough. «Será um automóvel destinado às pessoas que gostam de dirigir em estradas tradicionais, pelo simples gosto de dirigir. Será, creio eu, um carro de fácil manejo, com controle manual, com alto poder e capaz de atingir a altas velocidades».

O material usado em veículos, nos futuros carros, engrenagens, cabines e eixos, por exemplo, será bem mais leve que o atualmente em uso. Por volta de 1980, será muito mais largamente difundido o uso de metais como o alumínio, o titânico, o magnésio e mais alguns outros, hoje em dia ainda desconhecidos ou mal conhecidos, na indústria automobilística. É possível também que carrocerias pre-fabricadas, em plásticos, venha a tornar-se popular.





Cauby Peixoto ao lado de Kitty Garson. Ele parece ensinar a batida do nosso samba à americana.

Lembro-me como se fôsse hoje. Era uma noite paulista, noite fria acompanhada de garoa na terra bandeirante. A noite estava lá fora e uma beemia segura dentro de todos

CAUBY PEIXOTO FAZ A AMÉRICA ★ UM SONHO RÁPIDAMENTE REALIZADO ★ O MOÇO SIMPLES E ANÔNIMO DE ONTEM O PREÇO ARTÍSTICO MAIS ELEVADO DE AGORA ★ INSTANTÂNEOS DO ÍDOLO DAS MENINAS MOÇAS

FERNANDO LÔBO

nós. Deixamos que ela se alongasse, pois a noite é melhor quando mais velha, mais junto da madrugada. Porque seguimos para a «boite» «Lord», lembro-me também. A presença de Alvarenga e Ranchinho nos chamava e, por isso atracamos nas mesas devidamente cobertos com uma garrafa zero quilômetro pe «Haig's». O que queríamos da noite ela nos deu. Mas quando a madrugada quis chegar e as mesas ficaram vazias, então deu pra ver um quinteto de gente nova, em bom ritmo, em bom tom. O cantor era o moço Cauby. Dentro d'ele havia aquela modéstia que é marca da família. Assim é seu irmão, pisto-nista do «Chicote», sua irmã cantora Andiará, da «African Boite». Mas, já está mais que provado que neste país os homens simples e as figuras modestas só poderão ganhar vida de simples e a base de aspirações muito curtas. Cauby deveria saber e, já se dar por feliz por ter subido ao palco de uma «boite» grã-fa e ter ganho um programa em horário vulgar numa emissora. Essa coisa de sonhar todos sonham. Essa coisa de querer todos carregam



JÁ DA AMÉRICA. Cauby enviou essa fotografia. Que tal a pose do rapaz, à la norte-americana? Cauby adaptou-se com facilidade.



AS SAUDADES do Brasil se afoagam quando chega uma carta. Recebe muitas de fãs brasileiras. Não deixa nenhuma sem resposta.



O INVERNO está brabo. Mas o moço Cauby estava acostumado ao frio paulista, e não ligou. Zero grau é «fichinha» para êle.

DAS ESTRADAS E DO TEMPO... CANSEI

no peito, mas tôda gente sabe o tamanho do sonho que deve ter.

ACONTECEU

No mesmo lugar onde estava ali ficou mal sabendo que ali mesmo êle teria encontro marcado com a sorte. Não pensou na loteria, não fez reza forte, apenas esperou que a mão amiga o levasse, duas mãos o empurrassem para frente, dois braços o erguessem para o ponto da fama. Foi De Veras o homem que fez acontecer o sonho de Cauby Peixoto. Apenas olhou o moço e escutando a voz soube bem o que poderia fazer da sua arte. Ela estava bruta, sem moldura, sem luz que chamasse atenção, sem colorido berrante. E uma vez feito, isso, pensava De Veras, o Brasil ganharia um cantor novo, um cantor moderno, capaz de chamar a atenção de públicos variados, assim como foi Sinatra quando surgiu, assim como está sendo Johnnie Raye. Transferiu a voz para o Rio. Apresentou-o ao alfaiate dêsses dias. Deu mais que tudo a Cauby, uma coragem moça para enfrentar a batalha dura. E em menos de um ano tinha o rádio um novo astro e o público um ídolo novo.

NOS ESTADOS UNIDOS

Os jornais e revistas brasileiras já noticiaram amplamente o que foi a presença de Cauby Peixoto no rádio, na televisão americanos. Os dias para êle na cidade imensa foram de duros trabalhos. Era ver, ouvir, apren-

der tudo o que fôsse de bom para a sua arte. Vem com a cabeça arejada e com planos civilizados dos traçados firmemente. Sabe-se que agora é uma voz com um preço alto, um artista com um dos salários mais elevados no país. Êle, que ainda ontem tocava para dançar na «boite» paulista e que com a presença de De Veras, ganhou passos firmes para caminhar com segurança, sem perigo pela estrada da fama, enquanto a vida durar.

Cauby Peixoto gravou o seu último samba nos Estados Unidos. Tem letra romântica e melodia suave. Fala das suas andanças e para consolar a cabeça romântica da menina-moça, o grande cantor diz assim:

passa, o tempo passa
a vida passa...

e eu já nem sei mais o que eu sou,

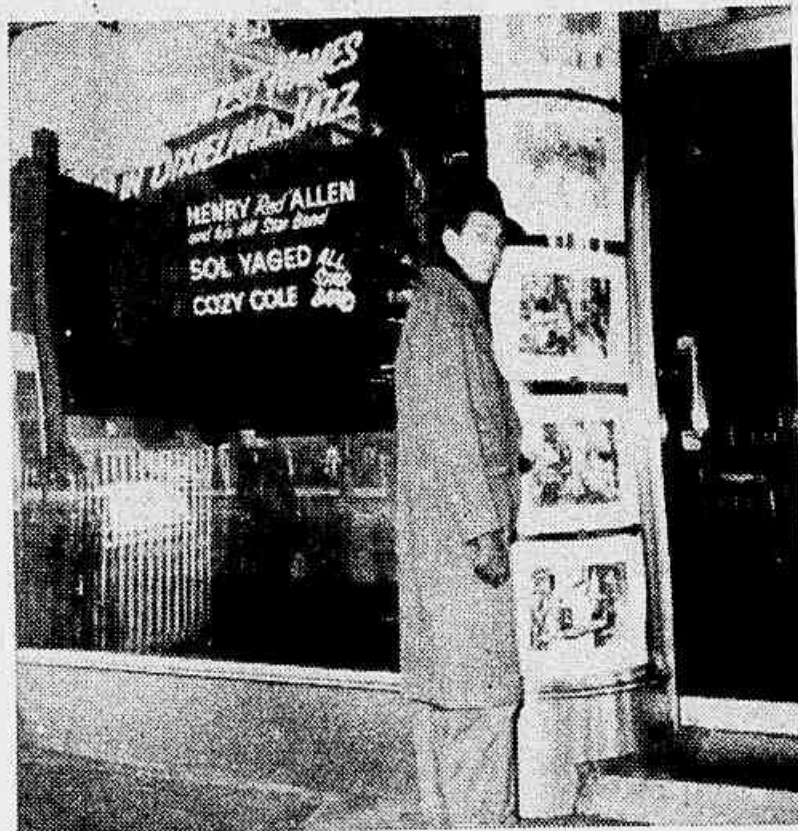
...
nas estradas e do tempo... cansei...



Quando seguiu para os Estados Unidos, Cauby recebeu o trote regulamentar na passagem do Equador. Êle é o da tabuleta «Plain-Fancy».



AGORA um giro pela cidade. Vai a Brooklyn ouvir «jazz» puro. Ou quem sabe, dará apenas uma volta pelo Central Park?



NO «METRÓPOLE», onde comparecem os cartazes do «jazz» «yankee». Cauby foi grande freqüentador dêste «night-club».



HORA DO CAFÉ — e a saudade do Brasil aperta. Eis o cantor com duas «garçonnetes-fans», no «drug-store» de sua predileção.



A srta. Luiza Fernandes da Costa, ao receber a faixa de Rainha, lê o seu agradecimento.

Foi uma solenidade singela mas por isso mesmo expressiva e de larga emotividade que se realizou em a noite de 4 do corrente, na sede da União Portuguesa Oliveira Salazar. Nessa ocasião, foi proclamada e coroada a srta. Luiza Fernandes da Costa, rainha da referida entidade e sua representante no certame que a REVISTA DA SEMANA, em combinação com a «Voz de Portugal» e a Rádio Globo (programa «Revista de Portugal», de Celestino Silveira), estão promovendo. Não podia ser mais feliz a escolha, ao recair sobre uma das mais distintas associadas da União Portuguesa Oliveira Salazar, jovem de reconhecidas prendas e raros encantos pessoais. Suas palavras, proferidas depois do ato, isso mesmo traduziram, notando-se o entusiasmo e a simpatia de todos os associados daquela instituição, pela sua representante. Damos, nesta página, alguns flagrantes batidos naquela ocasião. E até 31 do corrente, as demais associações que se interessaram por essa iniciativa, de tão largo alcance luso-brasileiro, terão apresentado suas representantes. Aqui divulgaremos, também, ampla reportagem descritiva e fotográfica.



Ostentando a coroa e a faixa de Rainha da União Portuguesa Oliveira Salazar, no seu trono.

RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS

A UNIÃO PORTUGUÊSA OLIVEIRA SALAZAR APRESENTA A SUA REPRESENTANTE

PROCLAMAÇÃO E COROAÇÃO DA SRTA. LUIZA FERNANDES DA COSTA
ATÉ 31 DO CORRENTE, TÔDAS AS CANDIDATAS ESTARÃO PROCLAMADAS



A coroação foi feita, gentilmente, pela simpática Rainha da Primavera, da Banda Portugal, presente à festa.

→
A Rainha da União Portuguesa Oliveira Salazar, as duas princesas e a convidada de honra, a Rainha da Primavera da Banda Portugal.



REDATOR-CHEFE Celestino Silveira
ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira, Vinicius Lima e W. Guarnieri.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMARIO

● REPORTAGENS

Cauby foi à América	4/ 5
Bênção dos Barbadinhos	8/10
A Família Imperial Quer o Palácio	18/21
Décio Escobar, Poeta de Rua	24/25
Túnel Rio-Niterói	30/33
Estão Matando o Teatro!	40/41
Pitigrilli Interpreta «As Mãos de Eurídice»	44
No Rio Ainda Existem Trogloditas	45/49
Morreu Mistinguett	54/57

● SEÇÕES

Puxe Pelo Cérebro	12
Semana Em Revista	14/15
Música	16
Pelas Esquinas da Noite	17
Astrológica	22
Palavras Cruzadas	28
TV Na Revista	29
Femininas	36/37
Artes	38
Literária	39
Por Esse Mundo de Deus	42/43
Flashes do Brasil	50
Revista Há 50 Anos	51
Champanhota	52/53
Último Flash (Juscelino nos E.U.)	58
Figura em Foco (Dida)	59
Fortuna	62/63

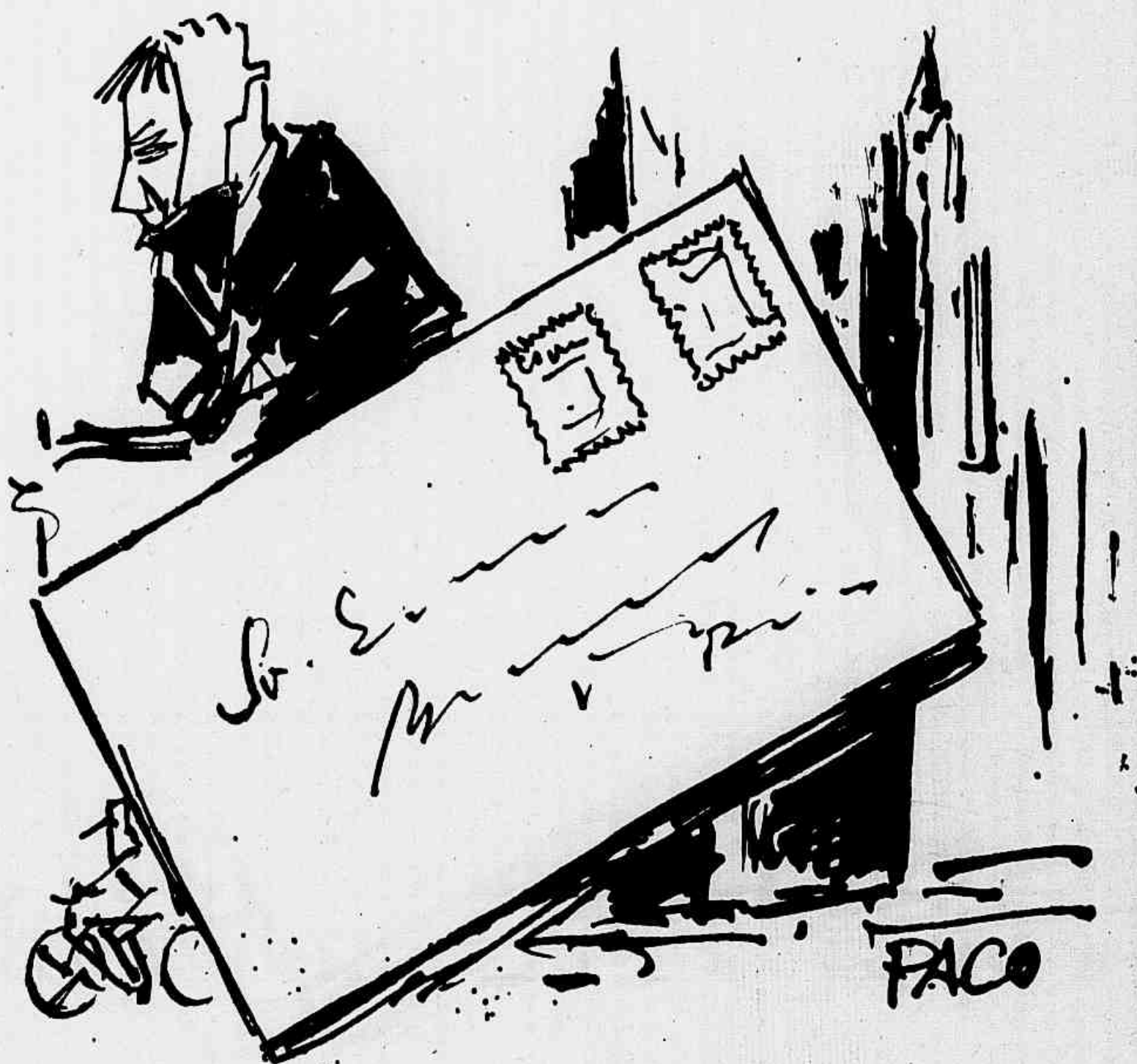
● LITERATURA

Você e o Mundo Futuro	2/ 3
Explicação Contundente (A. Nery)	7
Cine-Romance: Tesouro do Barba Rubra	26/27
Uma Noite de Chuva (Ribeiro Couto)	34/35
Dora (T.P. Kragg)	60/61

● CAPA

O Carnaval Vem Por Aí (Foto de Alberto Ferreira)

Esse número consta de 64 páginas.



Desenho de MARIA TEREZA.

EXPLICAÇÃO CONTUNDENTE

O serviço mais perfeito do mundo é o Departamento de Correios e Telégrafos dos Estados Unidos. O brasileiro tem o feio hábito de não responder a quem lhe escreve e o feíssimo costume de mentir descarregando a sua culpa em cima do nosso Departamento de Correios e Telégrafos porque é notório e secular o desleixo dessa repartição governamental no cumprimento do seu dever. Quando estava eu nos Estados Unidos, e um brasileiro se escusava junto a um americano que lhe havia mandado uma carta, admitindo que a resposta não lhe fôra entregue por culpa daquele Departamento, eu notava um riso atravessado na fisionomia do americano. Sabia com certeza que o meu patricio era mentiroso pois, não há caso de alguém ter enviado pelo Correio o mais simples e inofensivo bilhetinho e acontecer o desvio de endereço. É o melhor serviço organizado na América do Norte e não falha da Califórnia à Flórida. Aqui no Brasil, muitas vezes temos de escrever duas ou três vezes a mesma carta para a mesma pessoa e ainda ficamos na dúvida do seu recebimento. Volta e meia acrescentamos mais um selo para qualquer coisa que justifique o aumento, sob o título de melhoramento de entrega. Quando o Departamento anunciou há pouco uma taxa extra de cinco cruzeiros para a correspondência considerada e desejada «entrega rápida», achamos uma boa inovação e muitos votos fizemos para que a medida tomasse força e os Correios um pouco de brio. Mas, nem com o estímulo do nosso crédito e nem os cinco cruzeiros, o serviço melhorou. Os atrasos e os desvios de correspondência continuam cada vez mais animados. Há dias, um fato curioso aconteceu na seção de «entrega rápida» aqui no Rio. Alguém precisando de enviar notícias de uma pessoa de família enferma à um parente residente num município fluminense, teve a ingenuidade de gastar tempo em escrever, em ir pessoalmente àquele Departamento governamental e pagar, sem reclamar, a taxa de cinco cruzeiros exigida para o tal fim. Depois de duas semanas constatou com surpresa, a volta do envelope intacto. Como o remetente era pessoa precavida não deixou de citar o seu endereço e o seu nome no verso do mesmo. Estranhando a devolução da carta, reparou ao lado a seguinte justificativa do carteiro: — «Não entreguei esta carta porque eu estava com muita dor de cabeça». Apesar da decepção, o remetente fracassado ainda agradeceu a gentileza do funcionário que a devolveu com uma explicação, embora isso não acalmasse a inquietação dos parentes distantes à espera de notícias do enfermo. Claro que a taxa não foi devolvida com o envelope. Este fato nos Estados Unidos seria motivo de escândalo público. Não só o carteiro, como o seu chefe e o diretor geral dos Correios e Telégrafos seriam punidos como irresponsáveis e relapsos no cumprimento dos seus deveres.

Mas aqui, serve apenas como história engraçada; e que ninguém duvide da sua autenticidade, por que infelizmente, temos nesse Departamento do governo o exemplo mais completo de desorganização e o modelo mais aperfeiçoado do relaxamento das suas obrigações em relação ao público. No Brasil é assim: Dando para uma anedota, o assunto está resolvido!

ADALGISA NERY





Esta sra., impossibilitada de penetrar no templo, decidiu fazer suas orações junto à gruta onde centenas de velas ardiam. Todos os anos tais cenas são freqüentes.

Orando, com o têrço entre os dedos, a senhora, já bastante idosa recebe a água benta das mãos do Capuchinho.

A BÊNÇÃO DOS BARBADINHOS

Texto e fotos de SÉRGIO ANDRADE

Ir aos barbadinhos nas primeiras sextas-feiras do mês, para "tirar o pêso" tornou-se uma tradição dos crentes. Bem cedinho, ainda não batidas as cinco badaladas, o povo ia-se aglomerando no pátio fronteiro à Sé, aguardando a abertura dos portões. Numa fila interminável, desfilava pacientemente ante os frades, que no interior da nave faziam jorrar água benta sôbre as cabeças. Prosseguindo até o meio dia, quando os portões foram cerrados, continuou na parte da tarde. Uma espera longa, sob calor cruciante, fêz com que várias senhoras perdessem os sentidos. Impossibilitadas de penetrar no templo, um grande número de pessoas recebia a bênção no exterior e faziam as orações junto às paredes, ajoelhadas no chão. Pela tarde, com a temperatura mais amena, reuniram-se mais católicos esperançosos de um 1956 melhor, sem as desavenças provocadas pelo 55, passado há pouco.

As cinco horas da manhã, o templo dos Frades Capuchinhos apresentava este aspecto. A longa espera, debaixo de um sol implacável foi cansativa.





Um jorro de luz suave parece quedar sôbre as cabeças dos cristãos, enquanto os cânticos sagrados são entoados, em uníssono. Em baixo: Mãos enrugadas, nervosas segurando ávidamente o têrço, a senhora de véu negro, ora. Que lhe passará no âmago?



A sexagenária, quase sem poder caminhar, comparece, mesmo assim e amparada pelas «bandeirantes».



Entre o atropêlo do povo e o vozerio das crianças, esta anciã ajoelha-se no pátio fronteiro do templo e reza convictamente.

Desmaios em profusão, assistência imediata. A temperatura, no interior-da igreja aproximava-se a quarenta graus.



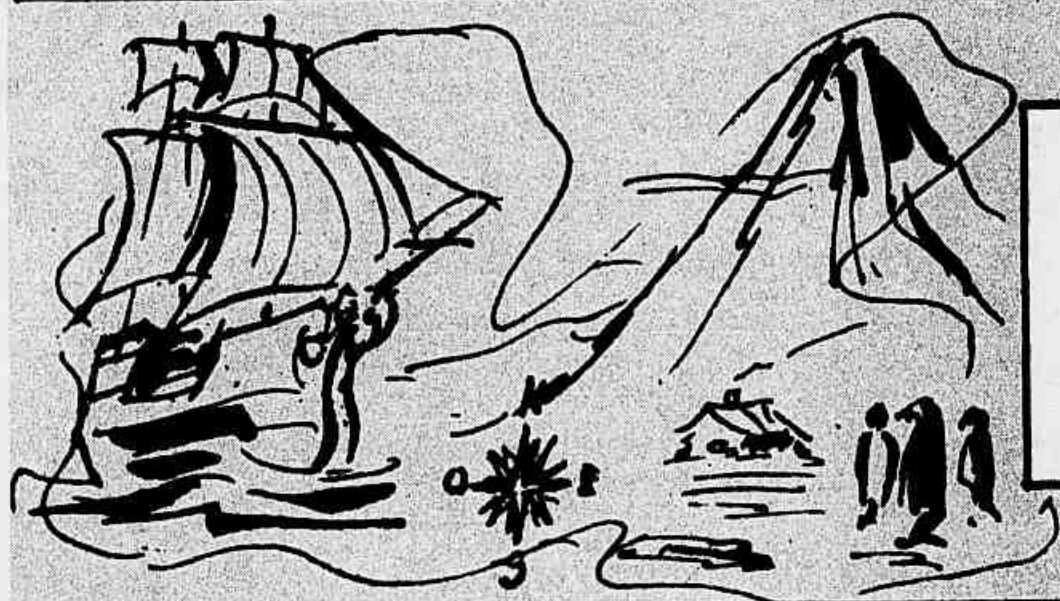
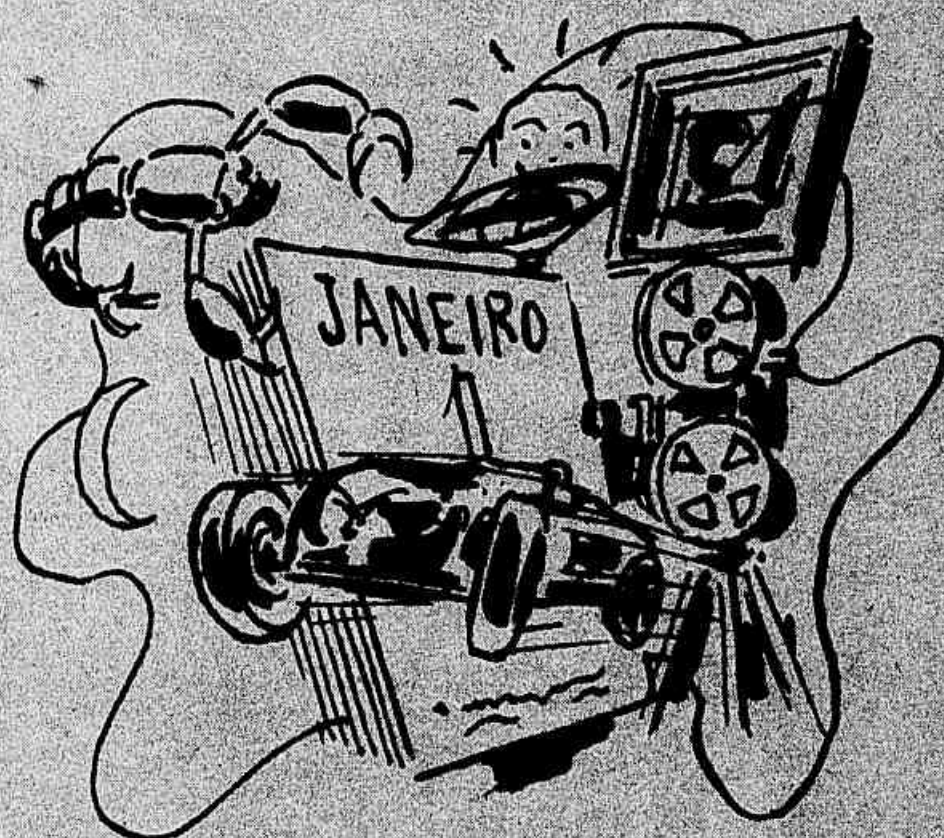
ALMANAQUE EU SEI TUDO

para

1956

O LIVRO MAIS ESPERADO DO ANO... PORQUE TEM TUDO
QUE PODE INTERESSAR A TODOS, SEM DISTINÇÃO DE
SEXO, IDADE E PROFISSÃO!

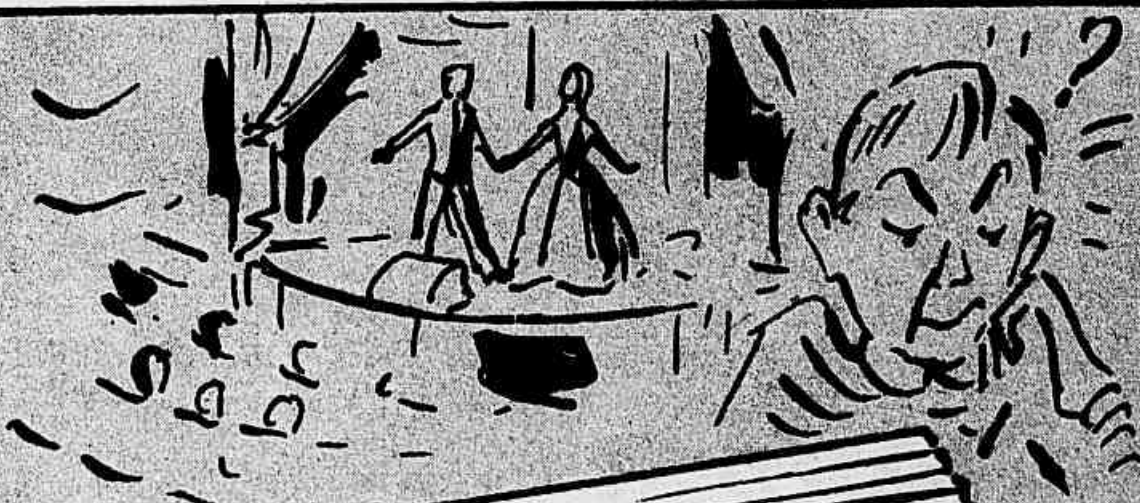
CALENDÁRIO PERPÉTUO ★ CALENDÁRIO PERPÉTUO
DAS FESTAS MÓVEIS ★ CALENDÁRIO CATÓLICO ★
CALENDÁRIO PROTESTANTE ★ CALENDÁRIO CIVIL
★ CALENDÁRIO CRISTÃO ★ O ANO AERONÁUTICO
★ O ANO ESPORTIVO ★ O ANO CINEMATOGRAFICO
★ O ANO ARTÍSTICO ★ O ANO AUTOMOBILÍSTICO
★ O ANO CIENTÍFICO ★ O ANO EX-LIBRÍSTICO ★ O
ANO HOROSCÓPICO ★ O ANO AGRÍCOLA ★ FASES
DA LUA, ENTRADA NOS SIGNOS, ECLIPSES DOS
ANOS, CONCORDÂNCIAS COM AS DEMAIS ERAS



A MAIS COMPLETA HISTÓRIA SOBRE O AVANÇO
DO HOMEM SOBRE A SUPERFÍCIE TERRESTRE.
«O FIM DO DESCONHECIDO»

RICAMENTE ILUSTRADA COM QUADROS CÉLEBRES,
MAPAS E CARTAS MARÍTIMAS DE TODOS OS TEMPOS.

1 ROMANCE COMPLETO — 1 COMÉDIA PARA REPRESENTAR
Contos — Narrativas Históricas — Testes, Adivinhações
UMA INFINITA VARIEDADE DE ASSUNTOS PARA DISTRAIR



Propriedade da CIA. EDITORA
AMERICANA — Rua Visconde
de Maranguape. 15 — RIO

ADQUIRA QUANTO ANTES O SEU EXEMPLAR!

O SEGRÊDO É OUTRO E ESTÁ AO SEU ALCANCE



Não adianta vender tudo mais barato. O caminho para vender mais e, portanto, para obter mais lucro é anunciar mais — e anunciar num veículo cujos leitores tenham, de fato, poder aquisitivo. O MUNDO PORTUGUÊS é o jornal indicado para promoção de vendas — 80% dos seus leitores são compradores em potencial de todos os produtos anunciados pela imprensa.

Está ao seu alcance o segredo para ganhar mais, para obter mais lucro:

ANUNCIE EM

O MUNDO PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Publicidade: AVENIDA RIO BRANCO, 277 - 1.203 - Tel. 32-0499

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro
tesouro!*



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

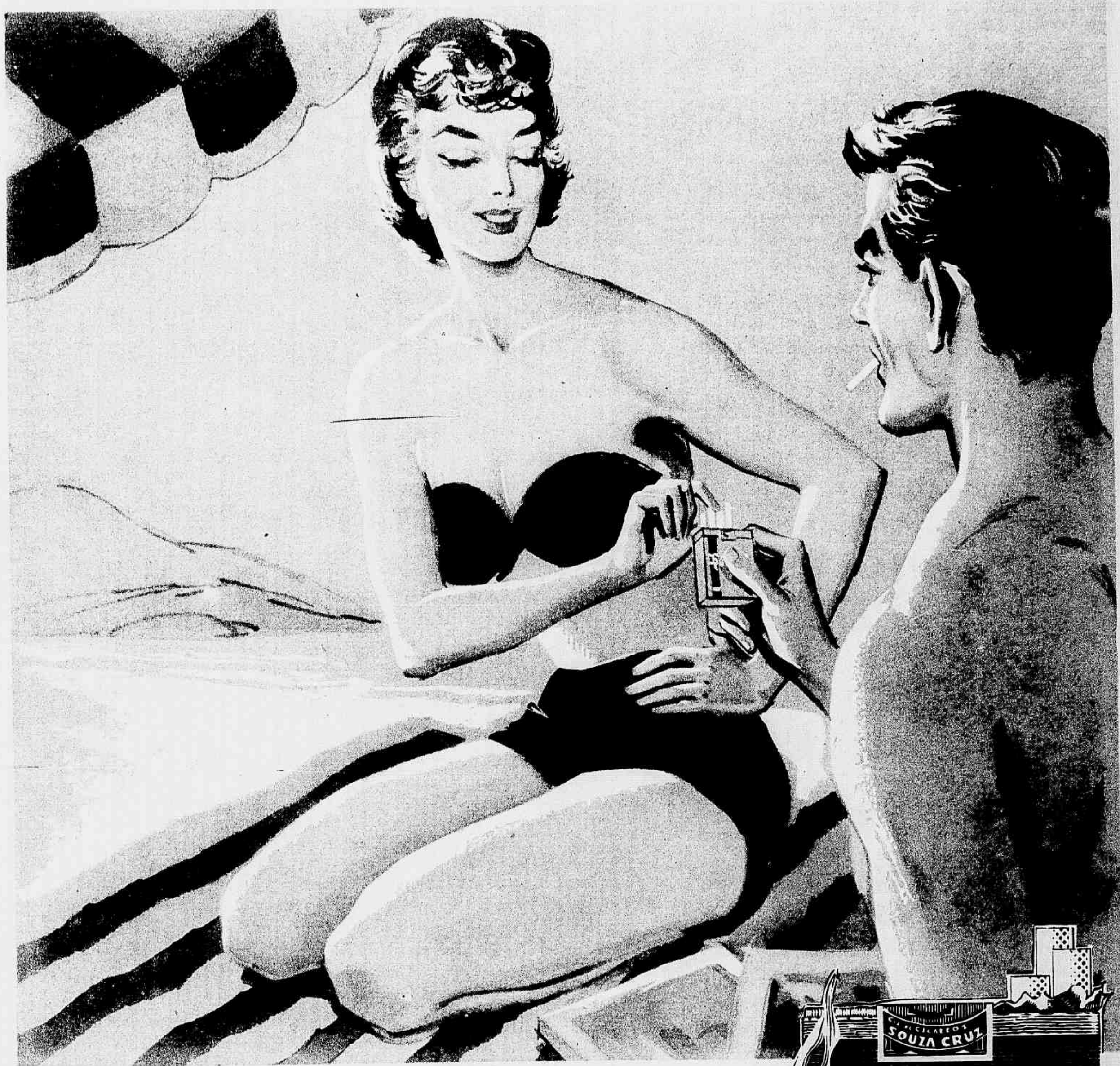
Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1) «Davanti a lui, tremava tutta Roma» — frase final da ópera:
— Turandot?
— Traviata?
— Tosca?
- 2) «Weltschmerz» lembra:
— o Romantismo alemão?
— a unificação alemã?
— a Guerra Mundial de 1914-1918?
- 3) Qual dessas marcas de uísque é irlandesa?
— Red Hackle?
— Old Bushmill?
— House of Lords?
- 4) Qual é a moeda do Japão?
— Dracma?
— Yen?
— Piastra?
- 5) Foi um grande historiador judeu:
— Josefo?
— Tucídides?
— Herodoto?
- 6) «Aqui jaz alguém cujo nome foi escrito em água» — epitáfio escrito para seu próprio túmulo pelo poeta:
— Byron?
— Keats?
— Shelley?
- 7) O que é «burduno»?
— Sinônimo de mau cheiro?
— Um grande cajado indígena?
— Uma ave amazônica?
- 8) O que era um «Puritz»?
— Sacerdote ortodoxo russo?
— Príncipe da nobreza rural, na Rússia do czar?
— Alto funcionário czarista?
- 9) Laso foi mestre de:
— Píndaro?
— Virgílio?
— Enio?
- 10) A quantos quilos equivale o quintal?
— 100?
— 1.000?
— 10.000?
- 11) «Sur des pensées nouveaux faisons des vers antiques» — verso de:
— Lamartine?
— André Chenier?
— Boileau?
- 12) Que poeta, nascido em Roma, crítico de arte, morreu em consequência de um ferimento recebido na Grande Guerra?
— Aragon?
— Cendrars?
— Apollinaire?
- 13) Quem foram os Hicsos?
— Povo de pastores, invasores do Egito?
— Os fundadores de Cartago?
— Os destruidores de Troia?
- 14) Como se chamam os pseudo habitantes da lua?
— Selenitas?
— Selênios?
— Selenes?
- 15) Quem era o mensageiro dos deuses?
— Hermes?
— Pan?
— Ceres?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

1) Tosca; 2) Romantismo alemão; 3) Old Bushmill; 4) Yen; 5) Josefo; 6) Keats; 7) Um grande cajado indígena; 8) Príncipe da nobreza rural na Rússia czarista; 9) Píndaro; 10) 100; 11) Chenier; 12) Apol-
linaire; 13) Povos de pastores, invasores do Egito; 14) Selenitas; 15) Hermes.



— *Tem razão...*
estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood
uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ



QUEM É AFINAL A FERA?

A SEMANA

O grande assunto da semana foi o Leão Marinho, ou Elefante Marinho, ou seja o que fôr, que deu para aparecer pelas cercanias do Arpoador e da Praia Vermelha, atraindo uma imensa multidão de curiosos, que desejavam pegar, fôsse como fôsse, o colossal bicharoco. Um grupo de nada menos de duzentos «indômitos» pescadores, munidos de rédes, arpões, porretes e o mais que pudessem

alcançar, chegou mesma a capturar o **temível monstro**, que mede três metros de comprimento, quase dois de altura, e pesa cerca de duas toneladas, ferindo-o fundamente no focinho. O animal, porém, em dado momento, rompendo com sua força as rédes que o seguravam, lançou-se de novo ao mar, deixando atrás de si um longo rastro de sangue — sangue que terminará por atrair, segundo as

palavras do diretor do Jardim Zoológico, os cardumes de tubarões. Entregue pois às bocarras dos esqualos, graças à estupidez de um grupo de banhistas, pergunta-se: quem é afinal a fera? O animal, que em seu elemento é perseguido selvagememente, ou o bicho homem, autor da perseguição?

INTERNACIONAIS

Em Salerno, uma mulher que se encontrava no interior de uma casa ouviu a voz débil do filho, no quintal, pedir por socorro. Dirigiu-se para lá, mas nada do filho. Entrementes, a mesma voz lhe pedia que se dirigisse a uma localidade distante cerca de quinze quilômetros dali. E ao chegar, deparou com o corpo inanimado do filho, que acabava de sofrer um desastre de motocicletas. O rapaz em seguida faleceu.

E na Colômbia, foi encontrado um jacaré que tinha, no bucho, um legítimo «Pateck Philippe». O relógio está funcionando bem, porém o bicho já deixou há muito de funcionar.

Na Itália, uma galinha pôs um ovo de alto valor artístico... Na casca trazia, em relevo, a figura de uma mulher com um criança ao colo.

A SEMANINHA

O general Charles de Gaulle, famoso líder dos franceses livres, boicotou as eleições da sua pátria.

Não vemos nisso questão
Nem podemos comentá-la;
Sendo De Gaulle, tem razão
Só podia «degolá-la»...

— Os professores Antenor Nascentes e Cândido Juca Filho declararam o francês e o inglês, línguas da civilização.

Concordamos. Mas não nos chamem, por isso, de incivilizados...

— Cientistas norte-americanos revelaram, em Atlantic City, que se os homens parassem de fumar tanto, possivelmente reduziriam em oitenta por cento a incidência do câncer na laringe e nos pulmões.

Ponha a mão na consciência
E livre-se da incidência
Atendendo ao que receito:
Sim, não fume em demasia...
(A qualquer hora do dia
Os seus cigarros aceito!)

— Dezenove mulheres participarão da nova Assembléia Francesa eleita no dia 2 do corrente.

E Mendés-Frances, agora vitorioso, poderá falar na abertura do parlamento: Mulheres, cheguei !!!

— Furaram as mangueiras e a escada enguiçou na hora de apagar o fogo. (dos jornais)

Estupenda coincidência: sempre a mesma coisa!

Santos Alves

NACIONAIS

Numa sexta-feira, 13, de ano bissexto, Pascoal Carlos Magno, o grande incentivador do Teatro Brasileiro, descobridor de tantas vocações de autor e de intérprete, completou cinquenta anos. Inúmeras homenagens lhe foram prestadas de parte de várias associações de classes, salientando-se as dos estudantes, para os quais o carinho de Pascoal sempre se dirigiu com particular interesse. Pascoal, que exerce as funções de cônsul do Brasil em Milão há quase um ano, infelizmente não pôde estar presente às festividades de seu cinquentenário.

Em Recife, a viúva Elvira Bezerra, de 35 anos, quando se dirigia a um cinema, recebeu pesado gracejo de um indivíduo. Indignada, vibrou-lhe violento bofetão, que lhe partiu os lábios, deixando-o completamente atordoado. Em Pernambuco a parada é dura.

Herbert G. Moses completou cinquenta anos de sua formatura em direito. Em uma das últimas «Revista há cinquenta anos», a REVISTA DA SEMANA compilou um pequenino artigo do recém-formado bacharel Moses. Por onde se vê que tanto Herbert Moses como a «Revista» estão em todas...

Uma curitibana evidentemente distraída é Leocádia Zilka, que ao chegar em casa, indagada pelo marido onde se encontrava o filho do casal, respondeu aèreamente: «Acho que o esqueci no ônibus...»

Jânio Quadros continua em foco. Ao saber que existe um contraventor alcunhado Totó, indagou: «Quem é esse Totó, que envergonha meu cachorro?»

A hipopótama do «zoo» da Quinta da Boa Vista está esperando hipopótamozinhos.

O motu-perpétuo de Nicolò Paganini, peça de difícilíssima execução, foi pela primeira vez executada em gaita. E a um brasileiro se deve a façanha: a Edu da Gaita, que assim atinge a um ponto de virtuosismo raramente atingido em seu instrumento.

Como sobrasse dinheiro de uma suplementação de verbas do Juizado de Menores, o juiz foi autorizado a distribuir o saldo por entre os pobres. Logo se formou extensa fila, cada qual recebendo alguns cruzeiros e se retirando. Lá pelas tantas, porém, o dinheiro acabou, e formou-se a encrenca. É que os pobres pensavam encontrar-se na fila da herança de Carmem Miranda, que, diziam, tinha sido deixada todinha para eles...

EM REVISTA

Um cão, condenado em Birmingham à morte, por ter mordido várias pessoas, teve a pena comutada sob a condição de ter de ingressar na R.A.F. Imediatamente, vários condenados nas mesmas condições solicitaram idêntica medida. O que lhes foi recusado.

Em Nápoles, os presos resolveram fazer a greve da fome, de vez que a comida da Penitenciária era de péssima qualidade. O diretor para provar que a comida era boa, fez questão de almoçar um dia com os presos. Bóia melhorada, segundo o consenso geral. Mas, mesmo assim, o homenzinho pegou uma gastrite, despediu o mesire-cuca, contratou outro melhor.

O Papa, falando a algumas dezenas de ginecologistas, pronunciou-se favorável ao parto sem dor. É a primeira vez que a suprema autoridade

de da Igreja Católica se manifesta a respeito, e seu pronunciamento vem mais uma vez destruir a lenda, muito difundida, de que a igreja é contrária ao progresso científico.

Anúncio pôsto pelo dono de uma grande casa de «cachorros-quentes» de Abeerden: «Precisa-se de empregada. Preferência, vegetariana».

O Príncipe Rainer III, que acaba de ficar noivo da atriz Grace Kelly, é apresentado pelos cronistas sociais da Europa e dos Estados Unidos como um tipo atlético, alto louro, desportista, milionário. O casamento ainda não foi marcado.

Definição inteligente de um vestido, dada por Balmain: «Um vestido é uma arquitetura em movimento».

CANDINHO REDESCOBRE UMA OBRA PERDIDA



Não é de hoje que Cândido Portinari, o grande pintor brasileiro que vem de terminar os imensos murais «Guerra e Paz», para a sede da ONU, é perturbado por pessoas que se dizem detentoras de antigos trabalhos seus, e que desejam ou a assinatura do mestre, ou a identificação do trabalho pelo próprio artista, ou seja lá o que for. E, quase sempre, o encontro entre Portinari e a obra que é a ele atribuída acaba de maneira melancólica, de vez que raramente a obra foi mesmo pintada pelo autor dos «Cangaceiros». Por isso, foi sem dúvida alguma emocionante a identificação de um desenho feito há mais de trinta anos pelo então menino Portinari, de um desenho hoje de propriedade do senhor Alcino Guedes. Ao ser aberto, no atelier do artista, o pacote que encerrava o trabalho, em presença de diversos jornalistas, entre os quais o repórter Vinicius Lima — um dos descobridores do desenho — viram todos o ceticismo de Candinho ir-se aos poucos transformando em um sorriso de satisfação, até que uma frase se lhe soltou dos lábios:

— E' meu! E' meu de fato!

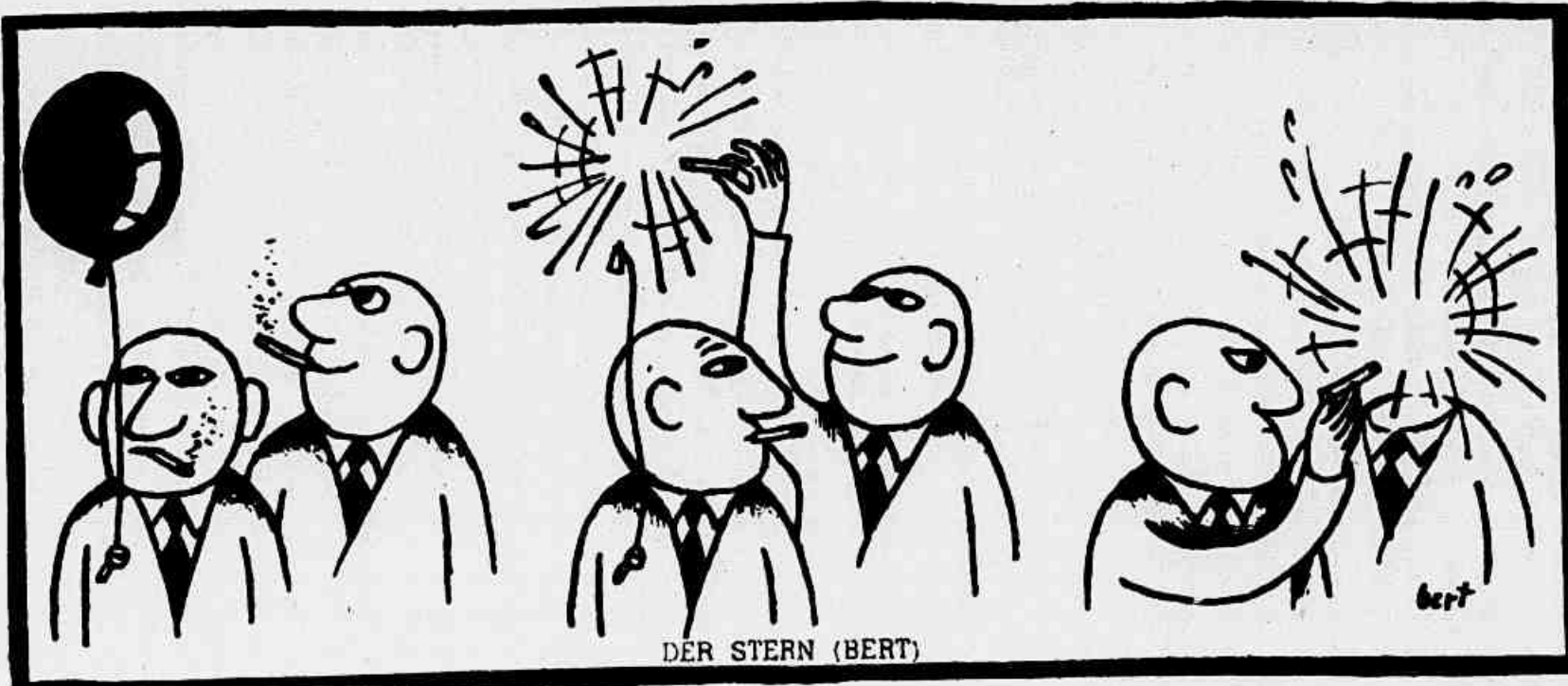
E ante o silêncio dos presentes:

— E' o retrato de minha irmã, feito há mais de trinta anos!

O senhor Guedes ofereceu então ao pintor o desenho. Portinari, grato pela oferta, por sua vez prometeu enviar-lhe, como troço, sem dúvida alguma vantajoso, um dos esboços realizados para a grande obra mural que vem de concluir. E foi a vez do senhor Alcino Guedes desmanchar-se num largo sorriso...

DE SETE EM SETE

Se o leitor pretende bater o novo campeonato mundial de jejum, ultrapassando os 110 dias do faquir Urbano, candidate-se à urna de vidro que o dito cujo usou no Cineac e está agora à venda, na rua São José. O anúncio saiu no «Jornal do Brasil». Preço da urna, dois mil e quinhentos cruzeiros. Do contrário, o dono vai transformá-la em galinheiro o que será uma desmoralização para o Urbano (que não é Lóis). ★ Uff, que calor! E os mosquitos lá em casa continuam, senhores da Prefeitura! Não há um jeito de fornecer (ao menos) gratuitamente à população, caixinhas de «Boa-noite» para espantá-los (aos mosquitos)? ★ Calor houve também na sede dos Tenentes do Diabo, quando ia começar a sessão solene comemorativa dos cem anos de fundação dos «baêtas». Aquilo parecia caldeira do Pedro Botelho e dava muita côr local ao clube que tem diabo no nome. ★ Enquanto a rainha Elisabeth (não vê que eu escrevo Isabel, «seu» moço!) tirava-se de seus cuidados para recepcionar o sr. Juscelino, lá em Londres. ★ Enquanto pela segunda vez, no espaço de um ano, Portugal prepara-se para receber a visita de um Presidente do Brasil. As coisas estão melhorando decididamente... ★ E o sr. Stevenson, nos EE.UU., prepara-se para outra coisa: para repetir a proeza de sua candidatura à Casa Branca. Mas o general, que também é Eisenhower, está dizendo baixinho: «E o papazinho aqui, como é que fica?» Reeleição na certa, «darlings»... ★ Os Vinicius estão em moda: Enquanto o do Futebol foi escolhido para o próximo «scratch B» da Itália, e procuram descobrir se ele é mesmo italiano ou brasileiro, o «de Morais» prepara as filmagens e não dorme (no ponto), para rodar o «Orfeu da Conceição». Só o terceiro, o Lima, não dá uma dentro. ★ E o Botafogo recuperando, recuperando, recuperando! E' o maior ou não é, doutor Flávio (Ramos)? ★ Reuniu-se o conselho da Associação Brasileira de Críticos Teatrais para decidir sobre a vinda da atriz Palmira Bastos em julho. Uma boa «pedida» do ano. ★ No cinema houve «Ulisses» com as bonitas barbas à maneira homérica e o «Golpe» baixo do Oscarito. Muito melhor no palco. ★ E há um ano o Rio estava feliz com a nossa Carmen preparando a baiana para o Carnaval...



DER STERN (BERT)

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

NOTICIÁRIO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

HUMORISMO ★ TEATRO ★

RÁDIO ★ TEATRO ★

MÚSICA ★ HUMORISMO ★

ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★

TEATRO ★

**A qualquer hora
do dia
ou da noite**

a

**RÁDIO RECORD
de São Paulo**

**tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país**

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

A TEORIA DE WERNER EGK

Dizem que o grande compositor alemão Werner Egk, um dos decanos do expressionismo musical, vem envidando esforços no sentido de se despojar das roupagens nazificantes que outrora lhe assentavam tão bem. Na realidade, esta campanha teve seu início por ocasião do Festival de Salzburgo, quando o famoso musicista (que, por sinal, constituiu-se a atração do festival) tentou fazer crer que nenhuma relação mantivera com o hitlerismo, nem com os pontífices supremos do «Reich». Abriu, porém, uma exceção para afirmar que simplesmente fora amigo particular de Goebbels. E não se contentando com atitudes meramente negativas, Egk foi muito além: procurou artificialmente, demonstrar certos fatos, lançando uma teoria que nada tinha a ver com a sua eventual apostasia. Sustentou, em contraposição aos críticos austríacos, que Mozart tivera ascendentes poloneses, sendo esta a razão pela qual a rainha da França, a polonesa Maria Laczinski, se interessara em trazê-lo ainda jovem para Paris. Tal tentativa do criador de «Lenda Irlandesa» não fez mais que causar certa confusão e gerar uma justificada suspeita.

Agora pergunta-se: Qual teria sido a intenção? Penitenciá-lo pela ostentação simbólica da «swastica» com uma tese tão ingênua que, em última análise, não passa de uma reverência à Polônia comunista? Pretenderia com isso ganhar as simpatias de Moscou?

De qualquer maneira Egk não foi nada realista. Ou melhor, mostrou-se fraco, coisa que não se concebe num artista da sua estatura. Não obstante, se toda essa vazia especulação houvesse sido precedida de uma auto-crítica, então sim, sua tese logo teria um desenvolvimento com «bases estritamente científicas».

«SCHUMANN» DE MARCEL BRION

O famoso «Prix des Ambassadeurs» foi concedido, com muita justiça, aliás, a Marcel Brion pelo livro consagrado à vida e à obra de Robert Schumann. O livro de Brion é amplo e possui muito de profundidade, principalmente no que se refere ao homem em si, colocado em sua época e, ao mesmo tempo, dela deslocado pelo processo lento e germinativo que culminou com a completa loucura. Ao situar Schumann em sua verdadeira posição dentro do romantismo alemão, Brion acentua a particularidade desse movimento, como sendo, diferentemente do que ocorreu na França, uma explosão marcadamente panteísta, com tendência metafísica. E baseado nessa concepção revela-se um Schumann mais autêntico, se bem que lançado nos limites de um mundo ultra-humano. O notável romancista e biógrafo francês define, não a música em geral, mas a música de Schumann como o «intérprete dos elementos, a revelação dos mais altos segredos da natureza e de Deus». E acrescenta que «através dela atingimos as verdades inefáveis; ela supre a importância da linguagem humana». É evidente que pretende com isso salientar as preocupações metafísicas do genial compositor.

E conclui a obra com uma imagem apoteótica e sublimada do grande amor que uniu Schumann à sua esposa Clara, reproduzindo as palavras desta ao curvar-se sobre o leito do marido agonizante: «Ele sorriu-me e num grande esforço, estreitou-me com um dos seus braços. Eu não daria esse abraço por todos os tesouros do mundo».

MÚSICA ESTÚPIDA

Em editorial lido na Rádio de Moscou, afirma-se que a quantidade de óperas novas produzidas na Rússia sobre temas bolchevistas é «realmente insignificante».

Por outro lado o «Pravda» queixa-se de que a música contemporânea soviética é profundamente pesada e monótona, quase despida de interesse. O «Pravda» — jornal que traça diretrizes em todas as manifestações do pensamento soviético — critica acerbamente os compositores russos por terem «bebido em fontes não comunistas para extrair argumentos e temas de suas novas obras»; e acrescenta que «a maioria das novas obras quase sempre não consegue êxito».

«Além disso — prossegue o jornal — a música de ballet que presentemente vem sendo criada não é nada satisfatória; sem dúvida alguma, é a este fato que cabe a responsabilidade pela apatia que o povo tem demonstrado com relação às novas composições».

DIVÓRCIO

Fernando LÔBO

DIVÓRCIO

A notícia sensacional nos meios grã-finos foi sem dúvida o divórcio-bomba do casal Jorge e Dolores Guinle. Em cima da hora em que perdia o seu irmão Carlos, Jorginho recebia a notícia da atitude tomada pela esposa nos E.E.U.U. Há quem diga — os mais íntimos — que há muito aquela senhora traçara um plano de separação, plano bem aos moldes norte-americanos, para que tudo desse certo para uma «alimonia» de boas cifras. Mais um casal que se separa, mais um menino que vai tomar a bênção a outro pai. Febre da época. As vezes fico pensando naquela moça simples, do subúrbio carioca que fugiu do marido cansada de tanto tanque e tanto forno e fogão. Dona Dolores tinha tudo e tudo de bom, mas cansou.

CASAMENTO

A moça bonita fazia parte do elenco de Carlos Machado. Nas luzes do «Night-and-Day» e na beleza da seqüência do «Banzo Aiê», Lilian Fernandes exibiu sua beleza e sua arte. Mas o grande Colé fez de seu coração uma arma forte que soltou fogo no coração da moça. E comprou as alianças depois de ter pedido a mão da moça diante dos pais. E vão casar e juntos já estão em «Very Good Carnaval», os noivos de hoje, casados de amanhã.

O «36»

Começou como toda casa noturna deste Rio de Janeiro: com muita gente curiosa para ver como era o clube, ansiosa para que o que houvesse dentro dela fosse do bom e do melhor. A casa marchava bem mas capengava na parte

artística. Seus donos não renovavam e só nos davam a bela Verônica Beck que lá ficou um tempão. Agora tudo se modifica e tudo melhora pois o «36» resolveu arejar suas salas, temperar sua cozinha, e dar mais ritmo na coqueleira do seu «barman». Tudo isso, pela presença de Caymmi que deixou São Paulo, o «Michel's» de lá e está fazendo cheias as noites do simpático clube da rua Rodolfo Dantas.

EU QUERO E' CASAR!

Há quem queira se rebolar, outros que queiram apenas viver. Dona Barbara Hutton, a famosa milionária norte-americana, tem como esporte preferido trocar de marido. E isto ela já o fez seis vezes seguidas. Com vinte e dois anos de idade casava-se com um príncipe russo chamado Alec Mdvani e com ele viveu dois anos. Em seguida casou com o conde Kurt Von Raventlow por cinco anos; seu terceiro marido foi o ator Cary Grant durante três anos. O quarto esposo foi um príncipe lituano, Igor Troubetzkoi, quatro anos; depois abalou o mundo casando com Rubirosa mas este só ficou em casa 72 dias e agora está ela novamente casada com um barão alemão, campeão de tênis: Gottfried Von Gramm.

FRUTAS SEM «A»

O cronista Antônio Maria afirmou numa das suas crônicas que ninguém seria capaz de mencionar mais que cinco frutas sem a vogal «A». Desprezando as já mencionadas pelo confrade aqui vai uma pequena lista, recolhida às pressas num momento de muito o que fazer: piqui, oiti, cupu, cupu-mirim, pêssego, murici, umbu, côco, buriti, figo, pirim, oiti-coró.

O «SHOW» DE ONTEM

A Urca ainda não havia virado televisão nem a televisão havia desembarcado no Rio. Na praia da Urca Joaquim Rolla joga peteca enquanto Fernanda Montel convoca os rapazolos para a amurada, ver seu «maillot» muito branco e muito transparente. Logo mais vem a noite e dois «shows» a Urca vai nos dar em troca de um uísque honesto a preço muito baixo. Carlos Machado rege sua orquestra. Gaó rege a orquestra dos «shows». Madaleine Rosay dança bonito para os nossos olhos de ontem. E hoje? Hoje é só saudade de ontem.

Consuelo Leandro com Machado em «Banzo Aiê». Entrou em campo para substituir Lilian Fernandes.



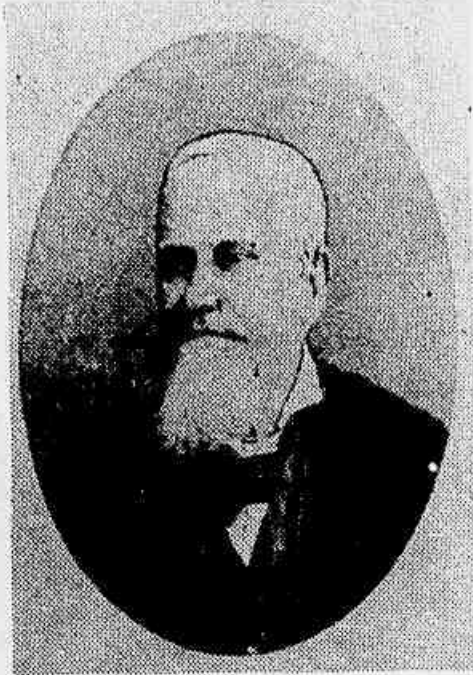
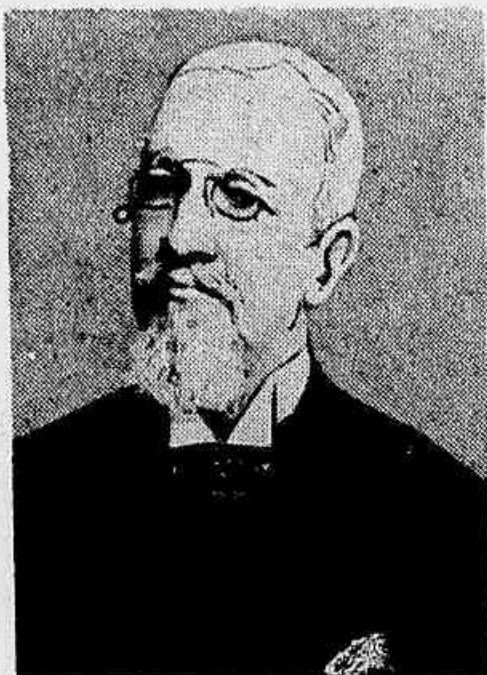
CAUBY PEIXOTO

Dos Estados Unidos Cauby nos manda esta fotografia. Ele está num intervalo dos ensaios da C.B.S., do seu programa de televisão naquela emissora norte-americana. A moça loura é a famosa cantora Jo Stafford e o grande Paul Weston. Ambos atuam no mesmo «show» de Cauby.



Caymmi veio dar vida nova às noites mortas que estavam acontecendo no «Clube 36».





Francisco Glicério, Ministro da Agricultura de Deodoro, a quem se atribui a autoria dos argumentos que fundamentaram o decreto de confisco do Palácio Isabel; Saldanha Maranhão e Ferreira Viana, que respondendo ao Ministro da Justiça, José Higino, deram pareceres contrários ao esbulho.

FALA O PRÍNCIPE D. JOÃO DE ORLEANS E BRAGANÇA PARA RETIFICAR EM SEGUIDA: «PARA SER FRANCO NÓS NEM SABEMOS O VALOR REAL DO GUANABARA...»
★ A HISTÓRIA DO CONFISCO DOS BENS DA COROA IMPERIAL E O «DOTE» DA PRINCESA ISABEL ★ A OCUPAÇÃO DO IMÓVEL COMO VINDITA CONTRA A REDENTORA
★ O DECRETO DE DEODORO E OS PARECERES DOS MAIORES JURISCONSULTOS DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA



A família imperial que, com a exclusão dos falecidos (o casal ao centro) reivindica na Justiça a posse do Palácio.

A FAMÍLIA IMPERIAL QUER O PALÁCIO

Texto e fotos de W. GUARNIERI



D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança. Nasceu em Paris e é o herdeiro presuntivo do trono do Brasil. Mora em Petrópolis.

A Família Imperial do Brasil — 4 descendentes femininos (D. Pia Maria, D. Teresa Maria, D. Maria Francisca e D. Isabel) e 3 masculinos (D. Pedro, D. Pedro Henrique e D. João) — ingressaram em Juízo para pleitear do Governo a devolução do antigo Palácio Isabel (hoje Palácio Guanabara), sob alegação de que o aludido imóvel se

acha sob «ocupação de fato, sem título jurídico e sem boa fé», pois «não se pode considerar possuidor de «boa fé» aquele que foi repellido em suas pretensões pelos órgãos judiciários e que se apossa «manu militari» de bens patrimoniais legitimamente pertencentes a terceiros».

O COMEÇO DA HISTÓRIA

A disputa sobre a posse do imóvel onde hoje se localiza a sede da Prefeitura do Distrito Federal vem dos primórdios da República Brasileira.

Um pacto antenupcial — que precedeu o casamento do Conde D'Eu com a Princesa Isabel — estabelecia em uma de suas cláusulas que «em contemplação do matrimônio de S.A. Imperial, a Princesa Isabel, filha do Imperador D. Pedro II, com S.A. Real, o Príncipe Luiz Felipe Maria Fernando Francisco Ferdinando Gaston de Orleans (Conde D'Eu) com a intervenção da Nação Brasileira, esta, como pessoa jurídica, se obrigou, entre outras contribuições para formação do dote da augusta consorte, a fornecer a

quantia de 300 contos de réis, destinada à aquisição do prédio onde o casal estabelecesse a sua residência».

A COMPRA DO PALÁCIO

Vai daí, o Conde D'Eu recebeu o dinheiro e adquiriu a José Machado Coelho os prédios de números 4 e 6 e chácara na Rua Guanabara, canto da Rua do Roço, no bairro das Laranjeiras. Alguns anos mais tarde, o terreno foi medido e demarcado judicialmente, e na escritura pública lavrada em 25-1-1865, no Tabelião Antônio Joaquim de Cantanhede se lê, claramente: «...tendo de frente naquelas duas ruas Guanabara e Roço) 98 braças até a Raiz da Pedreira — e... as que mais forem encontradas desde a esquina da Rua Guanabara até às vertentes da montanha que confronta com os herdeiros do finado Lisboa».

RESIDÊNCIA DA PRINCESA ATÉ O EXÍLIO

Servindo de residência da Princesa Isabel desde o seu casamento

até a data do exílio para a Europa — o Palácio Isabel, já agora segundo informações recolhidas no Arquivo Nacional, através de seu diretor o prof. Vilhena de Moraes, sofreu várias modificações e adaptações, sendo o seu aspecto atual muito diferente do primitivo.

— O Palácio Isabel era o grande «Salão de Visitas» do Império — informa o prof. Vilhena. Foi sempre um grande centro de vida social, assinalado por inúmeras reuniões mundanas de grande brilho, com a participação de ilustres personagens tanto nacionais como estrangeiras. É uma casa histórica. Lá estiveram hospedados o Rei Alberto e o Príncipe de Gales.

SOBREVEM A REPÚBLICA

Com a República veio o banimento da família imperial, e o confisco dos bens da Coroa. Para o domínio da União passam pois, mediante decretos do Governo Provisório, a antiga residência imperial (Quinta da Boa Vista), o Paço, etc. O Marechal Deodoro da Fonseca faz incorporar também à União o Palácio Isabel, asinando



DECRETO SOB MEDIDA

Merece transcrição a íntegra do diploma legal que determinou aquêlê confisco:

DECRETO DE 18 DE JULHO DE 1891

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil:

Considerando que o dote instituído em favor da ex-princesa D. Isabel, Condessa d'Eu, e ao qual se referem as leis números 166 de 29 de setembro de 1840, 1217 de 7 de julho de 1864 e 1904 de 17 de outubro de 1870 e o contrato de 11 de outubro de 1864, tirava sua razão de ser e se fundamentava em o regime político então vigente e que — supunha-se — seria perpétuo;

Considerando que, tanto êsse dote como a lista civil anualmente decretada, significavam um auxílio para que a princesa imperial, e com ela o seu consorte, pudessem manter a representação e decôro social compatíveis com a elevada posição que ocupava na monarquia e com a qualidade de futura depositária das funções majestáticas, como se evidencia do elemento histórico daquelas leis:

E pois.

Considerando que o patrimônio político, assim constituído para fins e sob leis especiais, somente poderia existir enquanto se não verificasse o implemento da condição resolutiva a que estava naturalmente subordinado: a extinção do regime monárquico; e, dado êste fato, devem os bens ser devolvidos ao domínio pleno do Estado, que aliás reservou sempre para si a nua — propriedade sôbre êles:

Considerando que nas mesmas condições de tais bens se acha o imóvel denominado — palacete Leopoldina —, em cujo uso fruto estava investido o ex-príncipe D. Pedro, como filho primogênito da princesa D. Leopoldina, duquesa de Saxe, falecida em 1871;

Considerando, finalmente, que o compromisso assumido pelo Governo Provisório em 15 de novembro de 1889, no sentido de «reconhecer e acatar todos os compromissos nacionais contraídos durante o regime anterior, os tratados subsistentes com as potências estrangeiras, a dívida pública externa e interna, os contratos vigentes e mais obrigações legalmente contraídas», não pode evidentemente referir-se às leis citadas, as quais por essa ocasião já haviam caducado de par com a monarquia, de que eram imediato consertário:

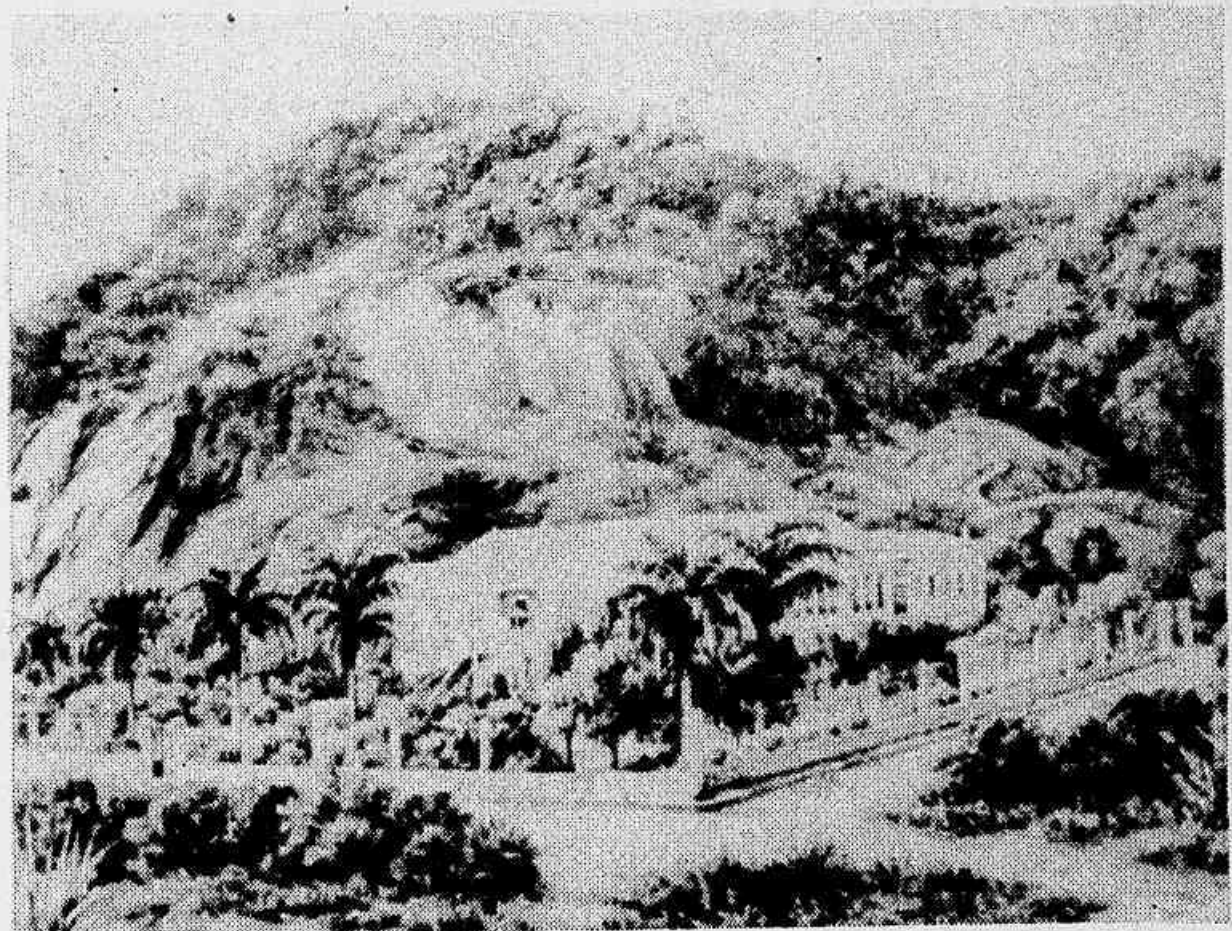
Resolve decretar, ampliando o disposto no decreto n. 1050 de 21 de novembro de 1890, que providenciou sôbre as terras situadas nos Estados do Paraná e Santa Catarina, que faziam parte do aludido patrimônio:

Art. 1º — Ficam incorporados aos próprios nacionais todos os bens que constituíam o dote ou patrimônio concedido por atos do extinto regime à ex-princesa imperial D. Isabel, Condessa d'Eu; bem assim o imóvel denominado — palacete Leopoldina — e sito à rua Duque de Saxe.

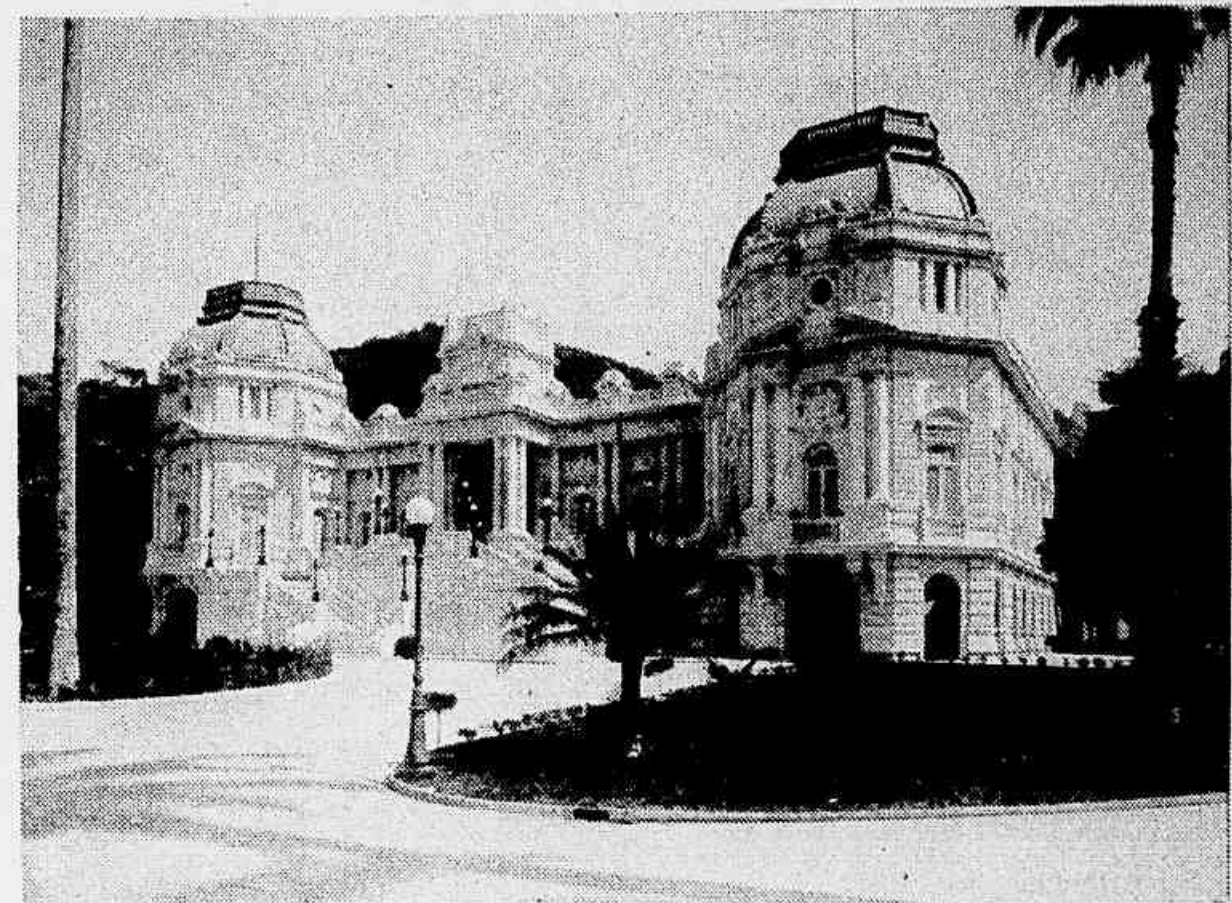
Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrário.

Capital Federal, 18 de julho de 1891, 3ª da República.

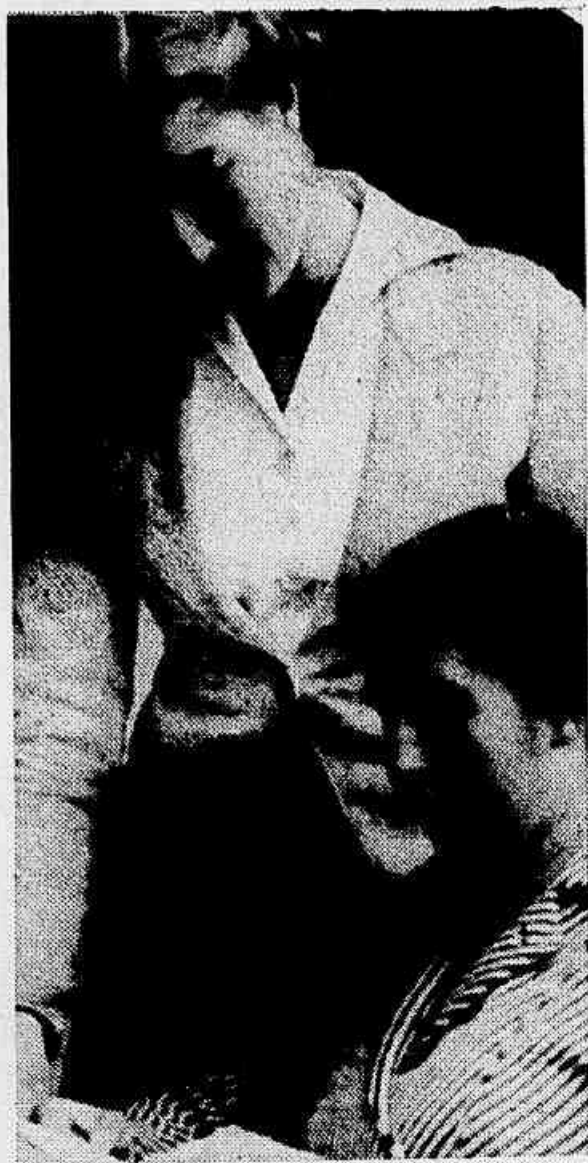
MANOEL DEODORO DA FONSECA.
T. de Alencar Araripe.



Palácio Isabel de uma gravura de 1870. A escritura reza: «... 98 braças de frente até a Raiz da Pedreira — e as que mais forem encontradas desde a esquina da rua Guanabara (atual Pinheiro Machado) até às vertentes da montanha».



Aspecto exterior do Palácio Guanabara. É a sede da Prefeitura do Distrito Federal. Já hospedou o Rei Alberto, o Príncipe de Gales, Getúlio Vargas e Gaspar Dutra. Foi adquirido por 300 contos e vale uns 50 milhões na inflação de hoje.



D. Teresa Maria e D. Maria Francisca que reclamam, conjuntamente com os outros cinco herdeiros, a volta do imóvel à família.



D. João de Orleans e Bragança ao lado de sua esposa, a princesa egípcia D. Fátima. Dirige uma firma imobiliária.



D. Maria Pia Ana Clara de Bourbon, Fernanda de Orleans e Bragança, progenitora de D. Pedro Henrique. Vive em Paris.

o Decreto de 18 de julho de 1891, fundado na exposição de motivos que lhe fez o seu Ministro da Agricultura, Francisco Glicério, propondo a referida incorporação.

Em 24 de agosto daquele mesmo ano, o Ministro da Justiça, José Higino, cumprindo o decreto, expediu ordem de entrega do imóvel ao procurador da Princesa exilada, general Guilherme Cardoso Lassance, e dirigia às Faculdades de Direito e juristas de nomeada, uma consulta sobre o assunto.

Manifestaram-se, então, contrários ao esbulho, o Conselheiro Lafayette, Saldanha Marinho, Magalhães Castro, Ferreira Viana e outros mais, reconhecendo que o Palácio Isabel havia sido adquirido com recursos próprios, não constituindo, portanto, bem da coroa imperial, para que sua incorporação se fizesse do modo pretendido.

Recorrendo a União — em face de haver sido repelida a sua imposição — perante o Juiz Seccional (Dr. Aurélio de Campos) viu indeferida a sua pretensão, de nada lhe valendo tão pouco o agravo para o Supremo Tribunal Federal que manteve a decisão em primeira instância.

OCUPAÇÃO «MANU MILITARI»

Não obstante, o Governo Republicano, em 25 de maio de 1895, por ato do Ministro da Guerra determina a ocupação militar do Palácio, requerendo, ao Judiciário, «imissão de posse» que, novamente, lhe foi negada. Desde então, desistiu a família imperial de reivindicar o seu direito, passando a União a utilizar-se do imóvel até a presente data.

Somente em 1946 é que os herdeiros da Princesa, através do ex-ministro Francisco Campos, voltam à Justiça, mas assim mesmo, para cumprir formalidades legais e evitar prescrições.

O ADVOGADO DA FAMÍLIA

O advogado Luís Gonzaga Nascimento Silva, que, juntamente com os professores Odilon de Andrade e Santiago Dantas, patrocina a nova causa da imperial família, falando a este repórter assim se manifestou:

— Os aspectos jurídicos dessa demanda estão amparados por pareceres dos maiores juristas, tanto do Império como da República.



D. Isabel, Condessa de Paris, casada com o pretendente ao trono de França. Mora em Paris, mas reivindica também o imóvel.

Os bens que constituíam o Palácio Isabel não eram «bens da Coroa Imperial», mas sim um imóvel sujeito ao regime dotal, adquirido para integrar o dote da Redentora e com a cláusula expressa de que passaria aos seus descendentes, enquanto houvesse linha de sucessão. A ocupação do atual Palácio Guanabara pelo Governo é um esbulho contra um bem adquirido com recursos próprios; é o confisco de uma propriedade privada cujos donos se acham legitimamente reconhecidos por lei.

A uma pergunta nossa esclarece:

— Sim. De há muitos os demais herdeiros, como as princesas Januária, Francisca e Leopoldina viram reconhecidos seus direitos relativos aos respectivos dotes. Só resta este caso pendente da Princesa Isabel.

VINGANÇA CONTRA A REDENTORA?

A conversa se generaliza e o dr. Nascimento Silva depois de concordar em que, por se tratar de imóvel localizado em plena Capital da República, haja por parte da União interesse maior em se conservar na posse de um imóvel que não é seu, finaliza:

— Quanto à versão de que se trataria de uma vingança contra a Princesa Isabel por parte de elementos mais exaltados da República Nova, em face da atuação da ilustre dama no movimento abolicionista, não creio em absoluto.

ESQUIVA-SE O PRÍNCIPE D. JOÃO

Alegando seus inúmeros afazeres à frente da Companhia Imobiliária que dirige, num modesto escritório junto ao Aeroporto, o Príncipe D. João, sempre tão solícito para com os representantes da imprensa, desta vez procurou esquivar-se empregando vários recursos de despistamento, culminando por mandar informar que «havia viajado para São Paulo às 4 horas da manhã...»

100 MILHÕES PELO GUANABARA

A custa de muita insistência, resolveu prestar, a título de ilustração, apenas alguns esclarecimentos, por telefone... sem permitir que fotografias suas fôssem tomadas.



O doutor Nascimento Silva, patrono da sensacional causa. Exige que o Palácio Guanabara seja devolvido a seus donos legítimos.

Paraná e de Santa Catharina, que faziam parte do
adjudado patrimonial.

Art. 1.º — Ficam reintegradas nas próprias
razões todos os bens que constituíam o dote ou
patrimonial concedido por acta de extinto regimento
a ex-princesa imperial F. Isabel, Condessa d'Eu,
bem assim o imóvel denominado "palácio Gua-
narabara" e o site a sua Praça de São...

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em
contrário.

Capital Federal, em decreto de 18 de julho de
um oitocentos e noventa e um, tirado da Regu-
lacao.

Manoel Luis de Souza
J. de Almeida Oliveira

«Fac-simile» do decreto de 18 de julho de 1891, e que Deodoro incorpora
aos bens nacionais «todos os bens que constituíam o dote», feito sob
medida para confiscar o Palácio.

forma, porque a de Sua Magestade o Imper-
ador.

S.º M. — Fica decretada a quantia de trezentos
contos de réis para a aquisição de prédios, desti-
nados a habitação de Sua Alteza Imperial e seu
Augusto Consorte.

Enquanto se não effectuar esta aquisição,
será pago pelo Thesouro, na razão de seis por
cento do referido capital, o aluguel de prédios, que
seja para o mesmo fim mais idoneos.

«Fac-simile» do pacto antenupcial: «Fica decretada a quantia de 300 con-
tos de réis para aquisição de prédios destinados à habitação de Sua
Alteza Imperial e seu Consorte.

A primeira pergunta, demorou-se
por longos segundos, como se fôsse
consultar alguém mais:

— Não. Não é verdade que o
valor actual do imóvel seja estima-
do na casa dos 100 milhões de cru-
zeiros. Talvez, uns 50 milhões.

Demorou-se mais algum tempo e
voltou para retificar:

— Para lhe ser franco, nós nem
sabemos o seu valor real.

A outra pergunta, a mesma hesi-
tação:

— Nós mesmos fomos surpreen-
didos com a excessiva divulgação

que vem merecendo uma coisa tão
simples... qual seja a de se rei-
vindicar a posse de um imóvel
que, de direito, pertence à nossa
família.

Demorou-se mais alguns segun-
dos e ouvia-se o murmúrio da con-
versação feita em francês.

— Quando quaisquer medidas
como essa são tomadas é tudo feito
por intermédio de nossos advoga-
dos, sem que seja preciso a família
se reunir especialmente... o senhor
sabe como são feitas essas coi-
sas... eles têm procuração para
agir em defesa de nossos direitos.

Procurando abreviar a conversa-
ção, aconselhou-nos a que pro-
curássemos o prof. Santiago Dantas:

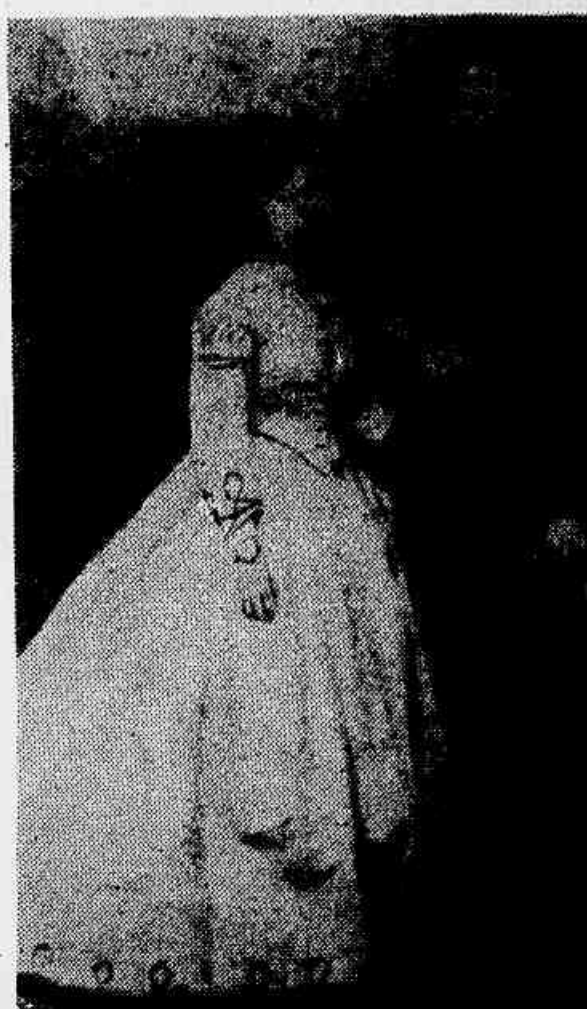
— Ele conhece todos os detalhes.
Quanto a mim, nem me lembro de
haver estado naquele Palácio...
Isto é: já estive, sim, em visita
cordial a um dos nossos presiden-
tes... Procure o Professor que
ele sabe de tudo... Boa tarde,
desculpe...

OS IMPOSTOS SÃO COBRADOS EM NOME DA PRINCESA...

Como fato curioso e significativo,
revela o diretor do patrimônio da
P.D.F., que nos assentamentos da
sua repartição o palácio Gua-
narabara figura, para efeito de cobran-
ça de impostos, em nome da prin-
cesa Isabel... todos em atraso,
naturalmente.

«HÁ MUITO MONARQUISTA NESTA REPÚBLICA»

Pelo que pudemos verificar, por
todos os setores de administração
pública onde andamos em pesqui-
sa, inclusive na procuradoria da
própria Prefeitura — locatária ile-
gal do imóvel ora em litígio — a
causa imperial é encarada com
viva simpatia, o que aumenta, sem

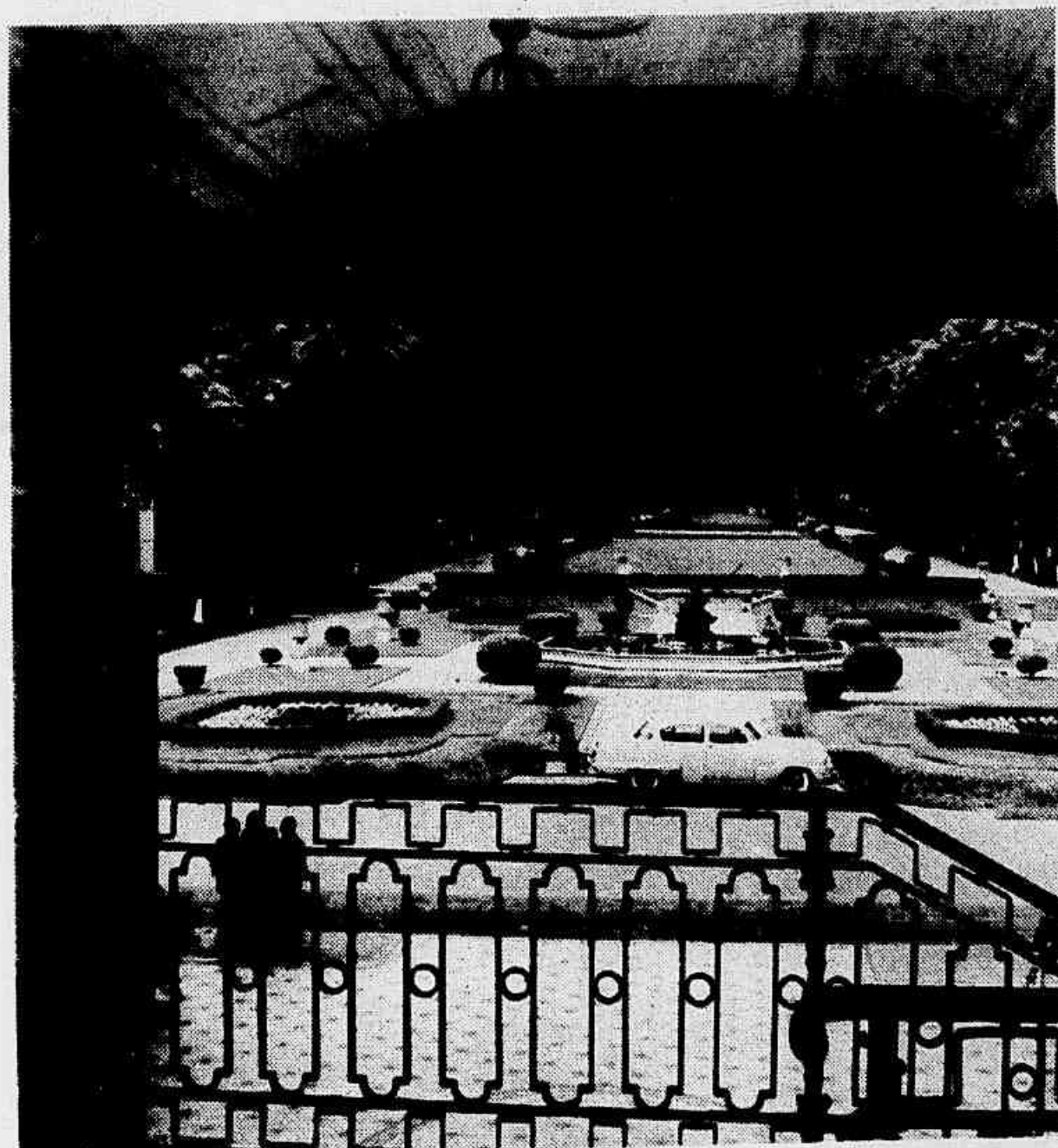


A Princesa Isabel e o Conde D'Eu
poucos dias após o enlace matri-
monial. Pelo pacto antenupcial, a
nação brasileira se obrigou a for-
necer como dote, 300 contos para a
compra de um prédio onde esta-
belecesse a sua residência.

dúvida, as probabilidades de êxito
dos herdeiros da Redentora.

De um velho serventuário da Jus-
tiça, registramos, como sintomática,
a frase elucidativa:

— Há muito monarquista, ainda,
nesta República... pelo menos
nestas reivindicações de posse...



Vista do jardim do Palácio Guanabara. A Família Imperial o reivindica
em ação vultosíssima.

Cabelo branco? Orf-Léne

TINGE MELHOR

Cremoso — Espumoso
de fácil aplicação

ÓLEO DE VIOLETAS

POR SI SÓ!!

Limpa, amacia
e renova a cutis

Marca registrada. A venda
nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Vale
Postal um vidro de «BÉL-HORMON»
Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 21 E 27 DE JANEIRO
DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Faça tudo com o máximo de atenção, nos próximos sete dias. O meio astral, contraditório como vai ser, provocará enganos e distrações perigosíssimos para suas finanças e até mesmo para sua economia.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — O ambiente, na semana entrante, será calmo e propício a maiores realizações. Sua vida doméstica entrará numa boa fase, proporcionando o melhor entendimento entre o leitor e os seus.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Suas relações vão ser aumentadas pela aquisição de grandes e boas amizades. Os negócios se desenvolverão satisfatoriamente, registrando-se um ótimo resultado no final do novo período. Haverá movimentação de dinheiro.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — O Dragão porá em destaque, no curso da semana entrante, sua vida sentimental, influenciando-a malévola. O leitor nada conseguirá do outro sexo. Pelo contrário haverá rompimento formal e perigo de separação.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — Os astros vão lhe dar um período de chance. Se souber aproveitá-lo, algo de novo, capaz de alterar os rumos de sua vida, no campo econômico e financeiro, acontecerá. Não é preciso correr. A boa sorte virá ao seu encontro.
- ★ VIRGEM (22/2 — 22/3) — A semana em pauta será favorável ao leitor, mas estabelecerá uma condição: não se afaste das suas ocupações habituais. Não modifique sua vida ordinária nem altere os hábitos já arraigados no seu trabalho. Nada de inovações.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Os dias 21, 23, 24, 26 e 27 serão particularmente afortunados para o leitor. As condições da semana vão ser inteiramente modificadas, sobrevindo um período de chance nos negócios e de realizações as mais felizes.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — A semana entrante não lhe dará oportunidade para a realização dos seus desejos mais importantes. Conte-se com o pouco que lhe couber. Os influxos reinantes, então, incidirão de modo precário sobre os setores de concurso do seu horóscopo natal.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O leitor vai se sentir sem entusiasmo e sem esperanças nos próximos dias. O pessimismo, latente no seu caso, aflorará e lhe modificará a expressão da própria personalidade. Será necessária uma boa reação. Apreste-se para tanto.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Recomendamos o maior cuidado na vida sentimental. A semana será de perigos e de ameaças para as coisas do coração. Ao contrário, tudo correrá bem quanto aos negócios. Os dias 22 e 24 serão os piores.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — A próxima semana se revestirá, para o leitor, dos aspectos de uma verdadeira maratona, tais os obstáculos, tais as dificuldades que terá de vencer. Saturno alligará seu destino, com uma perigosa quadratura.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O clima astral da semana será, além de muito fraco, insípido. O leitor não se sentirá animado a qualquer acometimento. Deixará que as coisas corram por si mesmas, não havendo, assim, perspectivas boas.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro, 21	—	Silvio	—	Silvana.
" 22	—	Roberto	—	Raimunda.
" 23	—	Tarciso	—	Mirco.
" 24	—	Eulálio	—	Genisa.
" 25	—	Altamiro	—	Ismênia.
" 26	—	Isauro	—	Danira.
" 27	—	Sérvulo	—	Adalgisa.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Janeiro, 21	00° 25' 55"	(Signo de Aquário)
" 22	1° 28' 58"	(" " ")
" 23	2° 28' 00"	(" " ")
" 24	3° 28' 00"	(" " ")
" 25	4° 30' 00"	(" " ")
" 26	5° 30' 58"	(" " ")
" 27	6° 31' 57"	(" " ")

"Mil" lhe oferece:

Contra ROUBO do seu CARRO
FECHADURA
TRAVA DIREÇÃO



SEGURANÇA ABSOLUTA
Colocação imediata
TODOS OS CARROS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1046 - 22-6144

RIO DE JANEIRO



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias e devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

ÓLEO DE CEDRO

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

APRESENTA O RESULTADO DO 4º E ÚLTIMO CONCURSO DO ANO DE 1955, REALIZADO POR HENRIQUE BATISTA, ÀS 9,1/2 DA NOITE DO DIA 29/12/55 NA RÁDIO VERA CRUZ E APRESENTA O PLANO PARA 1956:

Cr\$ 5.000,00 p/ Vilane Martins Uchôa, rua Manoel Fontenele, 1, apto. 301 — 100 dúzias de Óleo de Cedro p/ quem vendeu, armazém Leão de Armazéns Portas de Aço Ltda. — Praça das Nações 1 — D. Federal.

Cr\$ 2.000,00 p/ Jonathas Fernandes dos Santos, rua Gaspar de Lemos, 54 — 40 dúzias de Óleo de Cedro p/ quem vendeu, Casa Nova Esperança, rua do Céu, 24 — Salvador — Bahia.

Cr\$ 1.000,00 p/ Therezinha Gonçalves Soares, avenida Santa Cruz, 1.711 — Loja de Ferragens, rua Teixeira Campos s/n — Santíssimo — D. Federal.

Cr\$ 500,00 p/ Edeiza Lopes, avenida Santa Cruz, 2.249 — Armazém-Bar Circular, avenida Santa Cruz, 2.220 — Bangu — D. Federal.

Cr\$ 250,00 p/ Zeneide Vanderley, Vila S. Miguel, Austin — Estado do Rio — SAPS.

Prêmios de Cr\$ 50,00 para o consumidor e uma dúzia de Óleo de Cedro para quem vendeu, num total de 25 prêmios de Cr\$ 50,00 e 25 dúzias de Óleo de Cedro, conforme discriminação que segue:

Arnóbio de Andrade, rua Ibirapuitan, 229 — Armazém Globo, estrada do Areal, 659, Rocha Miranda — D. Federal. Maria da Glória, rua Marques Oliveira, 126 — R. Professora Guilhermina, 678 — Bon-sucesso — D. Federal. Zélia C. de Souza, estrada Rio Jequiá, 1.208 — Estrada Jequiá, 1.118 — Ilha do Governador — D. Federal. Nair S. Oliveira, rua Tuperoá, 171, casa 2 — Armazém J. Jorge, rua Dionizio, 190 — Penha — D. Federal. D. Irène Oliveira, rua Martim Afonso, 849 — Casa Metal, rua 15 de Novembro, 220 — Curitiba. Antônio A. Valpares, avenida Gomes Freire, 764, 2º — Feira-Livre — D. Federal. Rosa Maria, rua Maraiuba, 302 — Quitanda, rua Araçá, 402 — Ricardo Albuquerque — D. Federal. Glória Rosa Freire, avenida Joaquim

Nabuco, 711 — Casa Nossa Senhora da Guia, avenida Joaquim Nabuco, 1.180 — Manaus — Amazonas. D. Guiomar B. Monteiro, rua Monsenhor Felix, 850 — Feira-Livre — D. Federal. Joanita R. Martins, rua D. Cantilde, 25, casa 1 — rua Cardoso de Moraes, 362 — Ramos — D. Federal. Rufino Menezes, rua Getúlio, 29, casa 6 — Feira-Livre — D. Federal. Laurinda R. da C. Moraes, rua Américo da Rocha, 1.569-A — Quitanda das Famílias — Honório Gurgel — D. Federal. Arnélia B. Almeida, rua Ibaté, 44 — Armazém Ganha Pouco, rua Álvaro de Miranda, 780 — Pilares. Bruni Luiz, rua Cachambi, 325 — Rua Cachambi, 325-C — Meier — D. Federal. Ely Tinoco Palmecim, travessa São João, 77 — Armazém São Pedro, rua Nova Azevedo, 483 — São Gonçalo — Estado do Rio. Erminia da Silva, rua Palmeira, 298 — Guapiçu — São Paulo. Ivo A. da Costa, rua Ibiapina, 71 — Penha — O Dragão. Edy M. Cagy, rua 10 de Julho, 93 — Merceria Esperança, avenida Epaminondas, 391 — Manaus — Amazonas. José Souza Lima, avenida Manoel Rodrigues, 76 — Perfumaria Lima, mesma rua — Esperança — Paraíba. Ely Tinoco, travessa São João, 77 — rua Nova Azevedo, 483 — São Gonçalo — Estado do Rio. D. Júlia Costa Teixeira, rua Dr. Frederico Bastos, 493 — Casa Patzer, rua Andrade Neves, 565 — Pelotas — Rio Grande do Sul. Ana Oliveira Silva, rua Visconde de Porto Alegre — rua Joaquim Sarmento, 37, 1º. (Pedimos a D. Ana mandar dizer qual é a sua cidade, pois não consta da carta). D. Yolanda Vicitas, Ladeira Tabajaras, 20, apto. 204 — Armazém, rua Santo Cristo, 313 — D. Federal. Ely Tinoco Palmesin, travessa São João, 77 — rua Nova Azevedo, 483 — São Gonçalo — Estado do Rio. Aurea Costa Azevedo, rua Curimatá, 120 — rua Portela, 22 — Madureira — Nesta. D. Leonor Aquino, estrada Paredão, 230 — avenida Leopoldo Peres, 579 — Manaus. D. Iracema Santos, rua São Miguel, 1.166 — rua Vidal Negreiros, 97 — Afogados — Recife. Zeneide Vanderley, Vila São Miguel, Austin — Estado do Rio — SAPS. D. Nenê Maury, rua Francisco Medeiros, 33 fds. — Loja Americana n. 4 — Nesta.

EIS O PLANO PARA 1956:

29/3 — 28/6 — 27/9 e 27/12
SERÃO DISTRIBUÍDOS OS PRÊMIOS SEGUINTE:

50 prêmios de Cr\$ 50,00 — 10 prêmios de Cr\$ 100,00 — 5 prêmios de Cr\$ 500,00 — 2 prêmios de Cr\$ 1.000,00 e 1 prêmio de Cr\$ 2.000,00. O correspondente em mercadoria ou dinheiro, de acordo com nossa conveniência, para os Comerciantes que venderam o Óleo de Cedro.

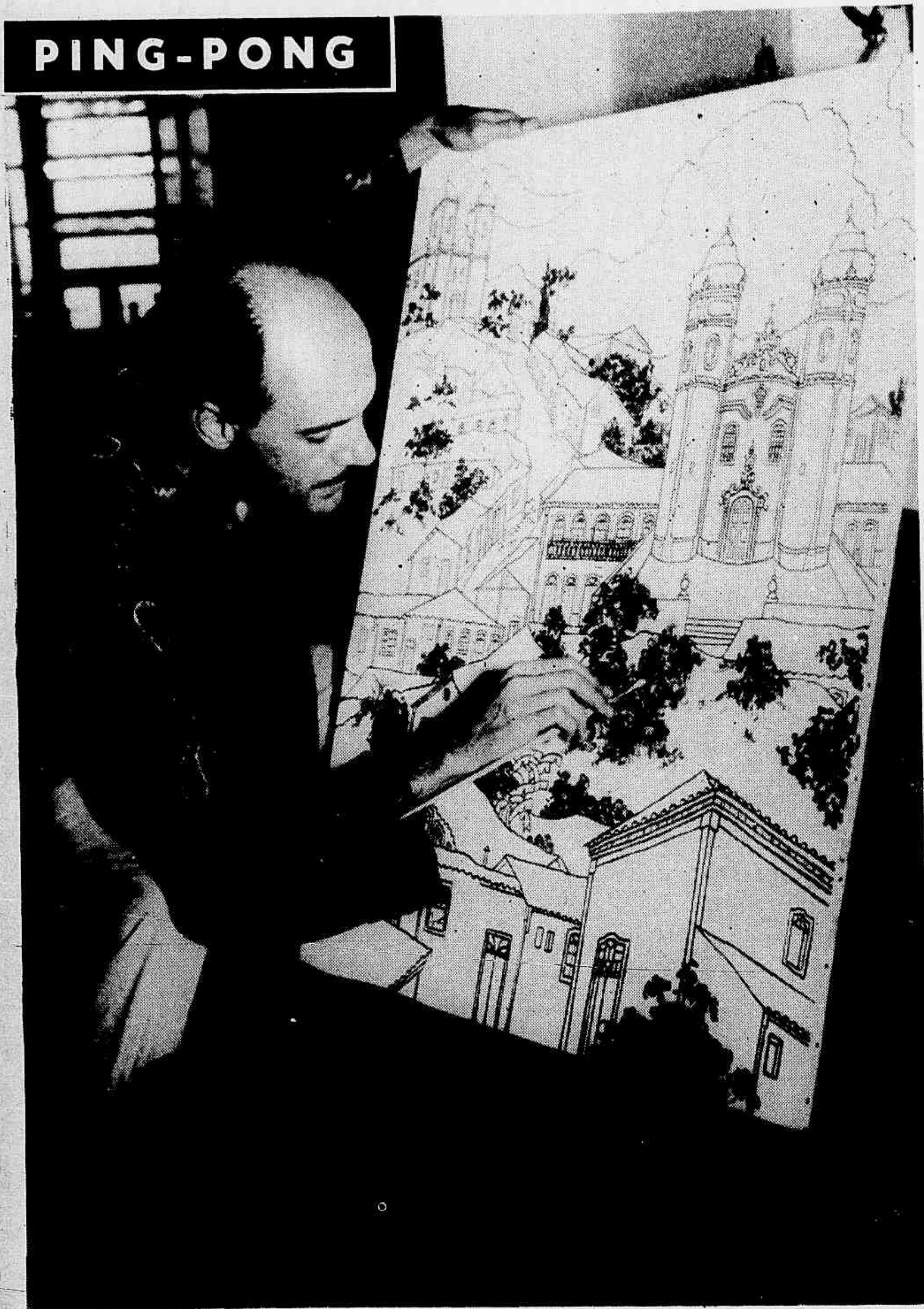
As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as daqui do Rio. Cada pessoa poderá remeter quantas cartas quiser. O Concurso é feito da forma seguinte: Todas as cartas recebidas até à hora do Concurso são colocadas no Auditório onde, depois de bem embaralhadas, vão sendo tiradas, uma a uma, pelo cego Protásio Domingues Assunção, da Associação Aliança dos Cegos, rua 24 de Maio, 47, Rio, e passadas às mãos do animador do programa que as vai abrindo, lendo-as e colocando-as sobre a mesa de controle onde podem ser examinadas pelos interessados. Primeiro os prêmios menores, em seguida os maiores. Pedimos a todos que puderem comparecer nos dias do Concurso na Rádio Vera Cruz às 9,1/2 da noite para colocarem suas cartas no local de onde o ceguinho vai tirar as

premiadas. São momentos de grande sensação que vive o Auditório. Este é um Concurso feito sem nenhum subterfúgio, de fácil fiscalização e para cuja apuração ficamos satisfeitos em termos como fiscais o maior número de interessados.

Para tomar parte no Concurso dirija a carta ao: Concurso do Óleo de Cedro, Avenida Rio Branco, 137 — Sala 616 — Rio. Dentro do envelope deverá ter: Nome e endereço de quem remete. Endereço do local em que foi comprado o Óleo de Cedro e um rótulo do Óleo de Cedro.

NOTA — Os prêmios do interior serão remetidos pelo Correio e via bancária. Os de Niterói e Distrito Federal de Cr\$ 50,00 estão à disposição na avenida Rio Branco, 137, sala 616, e os maiores serão ou foram entregues na Rádio Vera Cruz, às 9,1/2 da noite do dia 5 de janeiro.

PING-PONG



DÉCIO ESCOBAR

POETA

Texto e fotos de

Antes poeta de rua que de laboratório — Gostaria de ser vizinho de um chinês — Getúlio e Prestes, as maiores figuras dos últimos anos — Dedicado ao folclore brasileiro e grande estu-

- Ping — Quais elementos o influenciaram em sua formação como poeta?
- Pong — Principalmente o eu haver nascido.
- Ping — Quando a poesia despertou em você?
- Pong — Logo após alguma consciência da vida.
- Ping — Onde nasceu?
- Pong — Cachoeiro do Rio Grande do Sul.
- Ping — Que acha da doutrina fundada por Sartre?
- Pong — Um grito de desespero mal interpretado no tempo.
- Ping — O poeta de sua admiração?
- Pong — Eu.
- Ping — E escritor?
- Pong — O poeta Graciliano Ramos.
- Ping — Poesia dá lucro?
- Pong — Onde?
- Ping — Como gosta de vestir-se?
- Pong — Sem gravata.
- Ping — Mulher? Tipo predileto?
- Pong — Usando saia.
- Ping — Sua maior fonte de inspiração?
- Pong — O folclore.
- Ping — Como desejaria morrer?
- Pong — De repente.
- Ping — De quem gostaria de ser vizinho?
- Pong — De um chinês.
- Ping — Contra ou a favor da pena de morte?
- Pong — A morte dos outros sempre me deu pena.
- Ping — Contra ou a favor do divórcio?
- Pong — ...Do lado de cá.
- Ping — Cre na salvação da humanidade?
- Pong — Já foi salva.
- Ping — Tem inimigos?
- Pong — Não me lembro.
- Ping — Seu maior amigo?
- Pong — Gato escaudado tem medo de água fria.
- Ping — Que representa a poesia para você?
- Pong — O pão nosso de cada dia.
- Ping — Se pudesse ressuscitar alguém, quem ressuscitaria?
- Pong — Cristo.
- Ping — Que acha de Carlos Drummond de Andrade?
- Pong — Carlos Drummond de Andrade são três, cada um no seu gênero: Manuel Bandeira e Mário Quintana.
- Ping — Vícios?
- Pong — Poesia.
- Ping — Existem crimes perfeitos?
- Pong — Dizer que não, seria desacreditar na inteligência humana.
- Ping — A justiça terrestre é o bastante?
- Pong — Eu creio em Deus.
- Ping — Que é felicidade?
- Pong — Uma fuga.
- Ping — Onde gostaria de morrer?
- Pong — No mar. E ficar por lá.

DÉCIO FROTA ESCOBAR nasceu em Cachoeiro do Sul, Rio Grande do Sul, a 31 de março de 1923. Estudou em colégio de padres, e posteriormente, no Militar. Aos vinte e cinco anos, já Acadêmico de Direito — curso que não chegou a concluir — a Poesia lhe dominava o pensamento de maneira absoluta. Surgiu então o primeiro livro, «Rua Sul», ilustrado por Zurbaran. Deixando em 1952 o curso jurídico, partiu Décio para a Bolívia, a fim de exercer o cargo de auxiliar de Embaixada. Com tanto brilho desempenhou essa função que, três meses após, foi solicitado para agregado cultural, tendo nesse novo trabalho desenvolvido uma atividade sob todos os pontos de vista meritória, durante os dezoito meses passados na Bolívia. A primeira Exposição de Pintura Brasileira apresentada em La Paz, por exemplo, foi uma de suas iniciativas. Darel, Djanira, Guignard, Mário Cravo, e tantos outros nomes conhecidos das artes plásticas brasileiras, puderam ser assim apreciados também no Altiplano, graças aos esforços do moço gaúcho. Também apresentou Décio vários recitais de poesia brasileira, em cidades como La Paz, Oruro e Cochabamba, por exemplo. Tendo deixado La Paz por ter sido acusado de um crime que não cometera, Décio foi em Belo Horizonte submetido a julgamento, e absolvido. Agora, vive no Rio, ou mais exatamente, na Urca, entre suas telas, seus livros, sua imensa e valiosa coleção de folclore boliviano, em companhia de seus pais. É um jovem nervoso e inteligente, magro e alto, que conta publicar, ainda esse ano, seu novo livro de versos: «Maria da Terra e Outros Poemas».

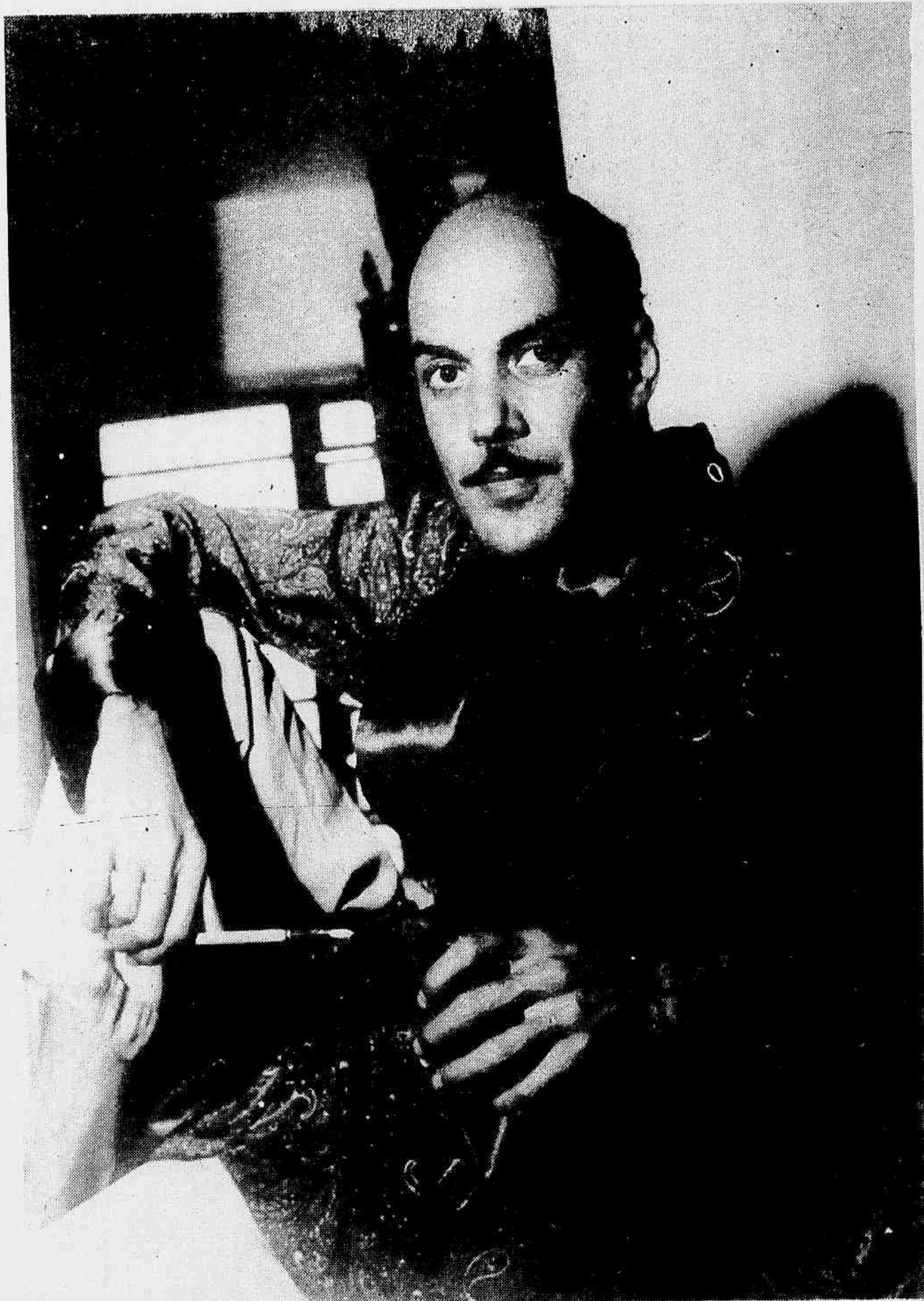


DE RUA

MARCUS ROBERTO

dioso do boliviano, acha que a humanidade já está salva — O conhecimento adquirido na casa de correção, sua melhor lembrança de Belo Horizonte

- Ping — Há sempre um pouco de religião?
 Pong — Há deuses figurados, desde o princípio de um só Deus.
 Ping — Sobre quais temas prefere ver-sejar?
 Pong — Populares. Já me chamaram de poeta de rua: prefiro, a ser de laboratório.
 Ping — Boêmio?
 Pong — Estou outra vez solteiro.
 Ping — Quem aprecia na música?
 Pong — Mozart.
 Ping — E em teatro?
 Pong — O trio magnífico: Cacilda, Carreiro e Della Costa.
 Ping — Sua última produção?
 Pong — «Maria da Terra e outros poemas», ainda inédito.
 Ping — Quanto tempo gastou para formar a coleção de folclore boliviano?
 Pong — Ainda falta um pouco para que ela seja considerada completa.
 Ping — Onde viveria fora do Brasil?
 Pong — Não viveria por muito tempo.
 Ping — Em quanto está orçada a coleção de folclore?
 Pong — O preço da minha estima.
 Ping — Pintura? Acadêmica ou modernista?
 Pong — Em todo o tempo houve sempre coisa ruim.
 Ping — Por que se afastou do mundo?
 Pong — Para que minha vista abrangesse uma paisagem maior.
 Ping — Qual dos nossos escritores gostaria que fosse membro da Academia Brasileira de Letras?
 Pong — Paulo Heckel Filho, um moço de Porto Alegre, extraordinariamente culto.
 Ping — As maiores figuras nacionais das últimas décadas?
 Pong — Getúlio Vargas e Luís Carlos Prestes.
 Ping — Nossa melhor cronista?
 Pong — Raquel de Queirós.
 Ping — Planos para o futuro?
 Pong — O resto da vida.
 Ping — Quais lembranças gravou Belo Horizonte em sua mente?
 Pong — Os pôres-do-sol no inverno, a minha casa na serra e o conhecimento adquirido como professor na casa de correção.
 Ping — Que grande alteração trouxe à sua vida a acusação de um crime não cometido?
 Pong — Maior entendimento e humanidade para com os crimes alheios.
 Ping — Como foi absolvido?
 Pong — Por unanimidade.
 Ping — Em que situação está a sua poesia, no momento?
 Pong — A minha poesia está, toda ela, buscando fonte de inspiração no folclore brasileiro e na expressão popular.



Um poema inédito de Décio Frota Escobar:

ITAPOAN

E o coqueiro e a praia e o mar
 E o mar e a praia e o coqueiro
 E o coqueiro e a praia e o mar
 E o mar e a praia e o coqueiro
 E o coqueiro e a praia e o mar

E o mar e a praia e o coqueiro
 E o coqueiro e a praia e o mar
 e o mar
 !

CINE-ROMANCE

O TESOURO DO BARBA RUBRA

CAPÍTULO 1º

Transcorria o outono de 1757 e certo dia, ao cair da tarde, um garoto caminhava lentamente através de um caminho fortemente açoitado pelo vento. O garoto, Juan Mohune, tinha dez anos e levava sobre o ombro um velho e descolorido lenço de seda. O ar frio fazia tremer-lhe o corpo, apenas coberto com escassas roupas. Sua face estava inteiramente pálida, revelando força de vontade e sofrimento, à medida que o garoto ia vencendo o percurso, de encontro ao vento furioso. Súbito, deteve-se ante um letreiro que mal podia ler porque as sombras da noite começavam a invadir com rapidez todo o extenso vale. Seus olhos revelavam temor e apreensão. De um lado do letreiro leu a palavra «Moonfleet» e no final da palavra, toscamente recortada na madeira, via-se u'a mão apontando para as difusas sombras do horizonte escuro. Convencido de que não se havia perdido, o garoto passou adiante.

Mais além, deteve-se para descansar. Sentou-se junto ao muro que circundava um deso-

(Moonfleet)

Entrecho baseado no filme da M.G.M. de uma novela de J. Meade Falkner.

INTERPRETES:

Jeremias Fox.....	STEWART GRANGER
Lord Ashwood.....	GEORGE SANDERS
Lady Ashwood.....	JOAN GREENWOOD
Sra. Minton.....	VIVECA LINDFORDS
Juan Mohune.....	JON WHITELEY
Gitana.....	LILIANE MONTEVECCHI
Félix Ratsey.....	MELVILLE COOPER
Elsevir Block.....	SEAN MC CLORY

Direção: FRITZ LANG

lado cemitério. Sem demora um ruído misterioso o fez saltar, e voltou os olhos a tempo para distinguir uma descarnada mão que se erguia lentamente de uma das muitas tumbas que formavam o campo santo. Com os olhos quase a

saltar das órbitas, e dando um grito de espanto, o menino pôs-se a correr espavorido, sem levar mais em conta o cansaço. Não tardou que as sombras da noite o envolvessem e, não podendo distinguir a configuração do solo, tropeçou em uma pedra e caiu ao fundo de um barranco, sem sentidos.

★

Quando, ao cabo de algum tempo, recobrou a noção das coisas, viu-se rodeado de estranhos rostos que pareciam celebrar uma dança macabra em torno ao seu corpo. Mal, refeito, escutou que alguém lhe perguntava:

— De onde vens, menino?

— Não escutas?

— Que andavas fazendo no cemitério da igreja?

As vozes pareciam frias, egoístas, severas. Juan sentiu-se ainda mais apavorado. Principalmente porque os terríveis semblantes que acompanhavam as vozes, inspiravam terror por si mesmos. A criança voltou os olhos, devagar, em torno, e lhe pareceu encontrar-se em um ca-



Gracia disse-lhe então que o homem enforcado era seu tio e que o senhor Maskew, magistrado do distrito, não consentira que levasse o corpo para um sepultamento cristão.

sebre, rodeado por um grupo de malfetores. Por fim, arrancando forças de sua fraqueza e para evitar que o continuassem a bombardear com perguntas, balbuciou:

— Sentei-me para descansar um pouco... Mas vi alguma coisa... Alguma coisa que me assustou muito... e corri... corri sempre...

Uma figurinha pequena com a pele amarela e minúsculos olhos negros, levantou a voz:

— Não há paz para o ímpio, diz o Senhor... Isaias cinqüenta e sete, versículo vinte e um...

Quem assim falava era um homenzito chamado Félix Ratsey, dizendo a Juanito que também havia visto o fantasma do cemitério. Na sua opinião, era a alma penada de Barba Rubra, que havia falecido ali mesmo, um século atrás.

— «Por isso eu e toda a gente honrada evitamos passar nas imediações do cemitério... especialmente ao escurecer, porque sabemos que Juan Mohune levanta-se todas as noites, da sua sepultura, para ir em busca do diamante perdido...»

— Juan Mohune? Esse é o meu... — balbuciou o garoto.

Antes de poder concluir a frase, um dos homens que pareciam malfetores, examinou-lhe os bolsos e de um deles tirou uma carta.

— Não se atreva a tocar nessa carta! — gritou a criança. É uma carta de minha mãe!

Greening, que assim se chamava o homem que lhe havia tirado a carta, teve que defender-se, pois Juanito avançara para ele, forçando-o a devolver-lhe o documento que tinha em mãos. Dando um vigoroso empurrão no garoto, pôs a carta em mãos de Ratsey, que era o único membro da quadrilha que sabia ler.

— Meu querido filho — começou Ratsey em voz alta. Escrevo enquanto me restam algumas forças para fazê-lo... Não deixes de ir a Moonfleet e procurar um senhor de nome Jeremias Fox...

Ratsey desviou os olhos do papel para encarar significativamente aos companheiros. E prosseguiu:

— ... que voltou, segundo penso, das colônias para instalar-se na mesma casa em que eu vivi quando era menina... e a qual te pertence de fato e de direito. Não sei como terá mudado Jeremias no transcurso dos anos; mas estou certa de que será bom contigo quando souber quem és. Que Deus os abençoe e os guarde, a ambos!

Nesse instante ouviu-se um ruído no exterior e um homem de proporções descomunais irrompeu porta a dentro. Vestia-se com elegância, seus olhos eram brilhantes e penetrantes, sua atitude altaneira e seus lábios pareciam estar perenemente pregados por um sorriso de indiferença. Sem demora Ratsey dirigiu-se a ele e com grande humildade lhe entregou a carta que acabava de ler, chamando-o «senhor Fox». Juanito experimentou uma profunda emoção ao escutar esse nome. Desde logo teve a impressão de que o tal Jeremias Fox de quem sua mãe falava na carta, era um indivíduo de grande autoridade e distinção.

Fox conduziu o garoto até uma habitação contígua e ali passou a ler a carta com muita atenção, cravando os olhos, depois, nos de Juan, como se quisesse descobrir o passado através deles.

— É bom saberes que não guardo nenhum afeto pelo apelido que usas — disse-lhe pouco depois. Nem ninguém que aqui se encontra tem predileção por esse nome. Moonfleet está cansado dos tais Mohune... A autoridade de Mohune... A justiça de Mohune... A tirania de Mohune...

Depois guardou silêncio por instantes, franzindo o cenho como sob a influência de uma penosa lembrança, estudando ao mesmo tempo a fisionomia do garoto.

— É estranho depois de tantos anos voltar a ver «seus mesmos» olhos! — suspirou, juntando em seguida: Por que te mandou ela procurar-me? Não poderia mandar-te a outro lugar qualquer?

— Não podia — respondeu Juan — porque só restava o senhor...

— E que posso eu fazer contigo, meu rapaz?

— Bom... Eu penso que é sempre útil ter um amigo leal... — respondeu a criança, pois desde que Jeremias havia cruzado a porta, havia infundido em Juan uma irresistível simpatia.

— Amigo? — disse Fox exasperado. É melhor tirares essa idéia da cabeça! Tua mãe e eu



vivemos momentos dos quais nos arrependemos para sempre. Ela não fez bem em confiar numa suposição tão vaga... Seus pais se encarregaram de separar-nos, casando-a com um primo rico e jogando-me para longe das praias britânicas... Mas enfim o sucesso me sorriu... como podem testemunhá-lo todos aqui em Moonfleet!

Juanito já não ouvia. Cansado pelos acontecimentos daquele dia agitado, estava agora profundamente adormecido.

No dia seguinte, pela tarde, os homens que, a julgar por suas atividades e expressões, pareciam contrabandistas, seguraram o garoto e o puseram em uma carruagem. Certo de que os malfetores tratavam de o molestar, começou a gritar chamando por Jeremias. Mas já o veículo partia a grande velocidade com Juan.

Em um cruzeiro, quando o carro se deteve rápidos momentos, o garoto conseguiu fugir por uma janela sem ser observado pelo cocheiro. Cautelosamente voltou para Moonfleet, para os domínios de sua defunta mãe.

A entrada da povoação, distinguiu um cadáver pendurado de uma força. Muito impressionado, voltou os olhos para o lado oposto, tropeçando com uma graciosa menina da sua idade ataviada com um velho traje de montaria. Disse chamar-se Gracia e que o cadáver que ali estava, dependurado, era de seu tio. Disse mais que o magistrado, senhor Maskew, havia-se negado a consentir que levasse o corpo para enterrá-lo decentemente. Quando Juan declarou que se dirigia para Moonfleet, a menina o advertiu que nesse lugar havia um bando de con-

trabandistas, segundo ouvira do senhor Maskew.

— O senhor Maskew deve ser um idiota! — gritou Juanito indignado.

A menina despediu-se dele, depois de indicar-lhe o caminho que deveria seguir para chegar às grandes propriedades que haviam sido de sua mãe. Juan não deixou de sentir-se sumamente desconsolado ao distinguir os altos e maltratados muros da vetusta mansão.

Seus tristes pensamentos viram-se dissipados quando ouviu um fragmento de música que vinha de um dos pavimentos inferiores. Olhando por uma janela, sua surpresa não teve limites ao observar que a habitação que tinha a seus olhos, estava mobiliada com um luxo raro, mostrando notável contraste com o aspecto arruinado exterior do edifício. Na habitação, tinha lugar uma festa alegre e muito animada. Uma formosa jovem cigana dançava ao compasso da música executada por três ciganos. Os assistentes, que formavam um bizarro conjunto, observavam com atenção os passos da bailarina. Ao centro desse grupo, via-se Jeremias Fox. Logo que o viu, Juanito pensou que todas as dificuldades estavam terminadas e que, uma vez inteirado o senhor Fox de que os contrabandistas havia tentado seqüestrá-lo, ele se encarregaria de castigá-los com merecido rigor.

— No capítulo seguinte, conheceremos um pouco da verdadeira personalidade de Jeremias Fox. E saberemos também se o desamparado Juanito pode contar com a sua proteção, até agora muito improvável.



ANTOS

200

das 4,30
às 24,00 hrs.
cada 8 minutos

VIAGENS POR DIA

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

AGÊNCIAS

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395
Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393
Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402
Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326

SANTOS

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)
Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)
Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)
Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)
Av. Conselheiro Nebias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-2

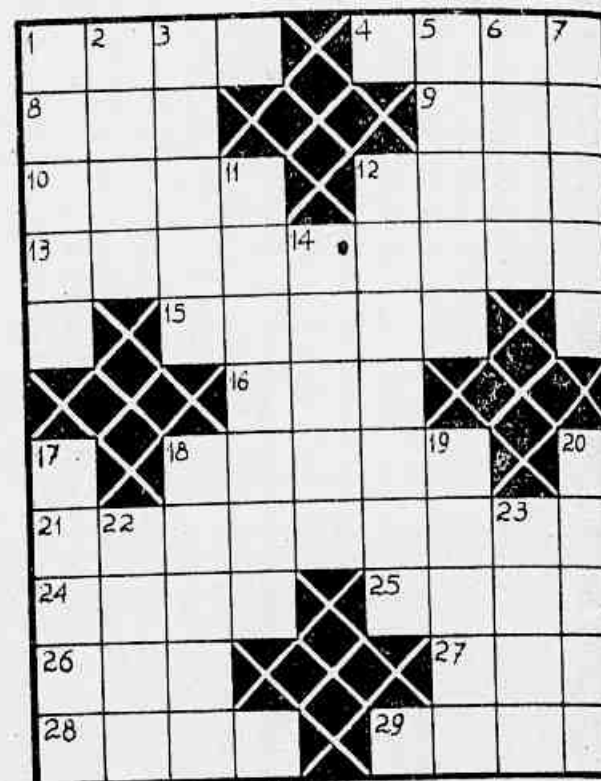
Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 103

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Facilidade de andar às escuras — 4. Pessoa covarde — 8. Temporada — 9. Mira dos árabes e hebreus — 10. O mais velho dos filhos de Faridur — no «Livro dos Reis» — 12. Aladi-gam-se — 13. Constituição — 15. Mordaça — 16. Espécie de palmeira — 18. Pessoa a quem se tributo excessivo afeto — 21. Puseram no seu lugar — 24. Dedicais — 25. Desazo — 26. Abr. latina de «des-cance em paz» — 27. Precursor do Anti-Cristo — 28. Subúrbios — 29. Frustrado.

VERTICAIS: — 1. Morro quase o pique (pl.) — 2. Agastar-se — 3. Parte carnososa no alto da coxa — 5. Exorbitância de atribuições — 6. Passavam fustivamente — 7. Adoráveis — 11. Trapaças no jogo — 12. Representar com semelhança — 14. Pessoa estúpida (pl.) — 17. Prospera — 18. Cipó — 19. Invocação — 20. Cerne — 22. Nome de mulher — 23. Autor.

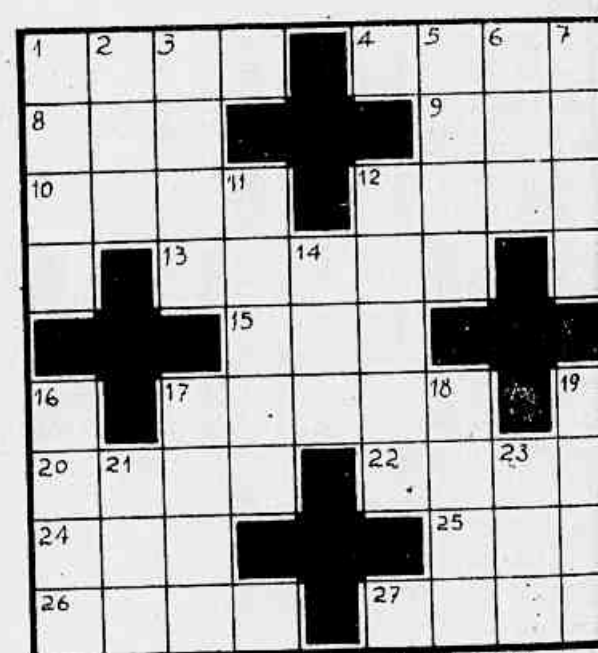


Ataner - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Faz orações — 4. Emudece — 8. Unidade das medidas agrárias — 9. Oceano — 10. Cura — 12. Rosto — 13. Cobrir de óleo — 15. Naquele lugar — 17. Amargo — 20. Mau humor — 22. O espírito humano — 24. Óxido de cálcio — 25. Do verbo haver — 26. Içar — 27. Projétil de arma de fogo.

VERTICAIS: — 1. Pouco profundo — 2. Época — 3. Cifra — 5. Querer bem — 6. A casa — 7. Lavrar — 11. Espécie de olmo ou choupo — 12. Tombara — 14. Pronome pessoal 3ª pes. do sing. fem. 16. Padiola — 17. Aula — 18. Vê, observa — 19. Pequeno golfo — 21. Moléstia — 23. Substância produzida pelas abelhas.



Ataner - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 102

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: rascância — ala — Als — segurelha — co — Bug — ar — citem — bojarda — Sâmil — ir — Rea — S.A. — remansear — ita — tia — mangonear.

VERTICAIS: — rasca — aleo — Sag — abrutamento — cal — ilha — ásaro — ubijara — egérias — cós — MDL — mirim — parar — reta — saia — Man — etc.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: alas — amor — mar — aro — autor — martirios — ara — honrariam — iaras — nil — seu — odor — dois.

VERTICAIS: — amam — lá — arar — mari — or — róis — atirara — utara — orara — aló — ôca — hino — Nilo — isso — maus — id — ei.

A TV EM 1955

O ano que findou, sem dúvida trouxe grandes progressos no campo das transmissões de televisão em nossa cidade.

Durante quase cinco anos, a TV-Tupi foi a única emissora e, por ser absoluta, os seus diretores não cuidavam muito da programação pois o público era obrigado a contentar-se com o que lhe era apresentado.

Surgiram rumores sobre o aparecimento de uma nova emissora e mais tarde as primeiras experiências da TV-Rio, que finalmente foi lançada, se bem que ainda em caráter experimental, fazendo as transmissões diretamente da praça onde iria realizar-se o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, depois de levar ao público algumas palestras que antecederam aos festejos religiosos, feitas por seus organizadores: D. Jaime de Barros Câmara e D. Helder Câmara, diretamente dos estúdios.

O aparecimento de uma concorrente, sem dúvida foi de grande proveito para o desenvolvimento da TV-Tupi. Seus dirigentes viram a necessidade de cuidar das programações, melhorá-las e torná-las mais interessantes; realmente os progressos foram grandes e quem lucrou bastante foram, sem dúvida, os espectadores.

Desde o princípio do ano a TV-Tupi anunciava que seriam contratadas grandes atrações internacionais e, de fato, no decorrer do ano, desfilaram ante às suas câmaras cartazes como as cantoras Kobi Novi, Danny Dauberson, Elsa Miranda e os astros Carlos Ramirez e Jean Sablon, destacando-se ainda o Coral Lafaluche, a Orquestra dos Caçadores Imperiais do Tirol, o Côro dos Canarinhos de Petrópolis bem como o Coral Bach de Recife. Para a TV-Tupi, 1955 foi sem dúvida um ano de boas realizações.

As grandes reportagens sucederam-se cronologicamente, iniciadas com a transmissão feita da Praça do Congresso, em 20 de janeiro, por ocasião da missa ali rezada, dando início às comemorações da monumental festa cristã.

★

Em fevereiro, destacaram-se as ótimas reportagens dos festejos carnavalescos: desfile de blocos, animação nas ruas, baile do Teatro Municipal e dos diversos clubes.

Sem dúvida foram maravilhosas as transmissões das festividades comemorativas do Congresso Eucarístico. Em setembro os telespectadores, sem deixarem as suas casas, acompanharam nos mínimos detalhes o desfile das nossas forças militares.

A iluminação da cidade durante os festejos natalinas e a bela missa celebrada no Outeiro da Glória na noite de 24 de dezembro, também foram assistidas com minúcias pelo público.

Há ainda a destacar na programação normal boas inovações realizadas. Salientaram-se pelo constante interesse e dinamismo apresentados durante o ano todo, embora vez por outra sofrendo algumas restrições, programas como o grande teatro dirigido por Adolfo Celi; «Segaças Pergunta»; «Repórter Esso», sem dúvida o melhor informativo da TV; o «Teatro Piraquê»; «Tele-Semana», que começou muito bem, embora depois decaindo de interesse e, no campo das entrevistas, os «Encontro entre amigos» de Lúcia de Matos.

Cozzi e José Scassa levaram aos fãs de futebol e esportes em geral, reportagens e entrevistas movimentadas.

As crianças continuaram a ter no circo apresentado por Carequinha e Fred os seus momentos de maior encantamento.

A anunciada mudança dos estúdios da TV-Tupi, da Avenida Venezuela para o antigo Cassino da Urca, deu-se finalmente em fins de outubro.

Com novas e amplas instalações, o que mais lhes fazia falta, puderam os dirigentes da Tupi expandir-se e apresentar ao público programas de maior interesse. Inovação de destaque constituiu a programação dominical, agora iniciada às 10 horas da manhã, com uma útil aula de ginástica e continuada com exibições especialmente dedicadas à infância.

Pernambuco de Oliveira teve na Urca oportunidade de demonstrar a sua arte como cenógrafo e decorador, criando lindos ambientes onde são apresentados os teatros e programas de maior montagem.

Sem dúvida a mudança contribuiu em muito para a melhoria da programação que os telespectadores a partir de então notaram na TV-Tupi. A parte técnica aos poucos também vai se aperfeiçoando.

★

A TV-Rio, depois da sua estréia em julho, tem feito o máximo para dar ao público programas interessantes e movimentados. Parece-nos no entanto que os seus dirigentes não têm aproveitado devidamente os recursos de que dispõem. As instalações e aparelhagem técnica são bastante boas e a emissora conta no seu «cast» com elementos de valor.

Seus programas são mais cuidados na parte esportiva e, sem dúvida, é a TV-Rio a emissora que melhores programas infantis apresenta.

Ainda há muito o que melhorar quanto à aparelhagem técnica de som e imagem, mas isso aos poucos será remediado.

A TV-Rio também levou ao público algumas atrações internacionais de destaque, como as orquestras Cassino de Sevilha e Ensueño Tropical.

No setor de reportagens externas, nem sempre conseguiu pleno êxito a nossa mais nova emissora de TV, devido a deficiências técnicas.

★

Como se vê, o ano foi bastante movimentado no que diz respeito às realizações e reportagens na TV. Os programas começam a ser melhor cuidados e já os há para o gosto de todos. Mais uma vez assinalamos a necessidade de uma sequência de atrações variada e de real valor durante toda a semana, bem como no urgente reparo das deficiências técnicas, principalmente de imagem, que as nossas emissoras constantemente apresentam.

O público espera que o entusiasmo e boa vontade até agora demonstrados continuem para que cada vez sejam melhores as programações,



Entre os cantores internacionais que se apresentaram ao público, alcançou grande e merecido sucesso o espanhol Antônio Prieto.



Leny Eversong, uma das melhores cantoras do momento, cada vez que se apresenta faz com que os espectadores lamentem ser tão curto o tempo de duração de suas audições.

Por sua graça e simpatia, além da bela voz que possui, Kobi Novi foi, dentre os elementos internacionais contratados pela TV-Tupi, um dos que mais se destacaram. Flagrante tirado no dia da estréia, quando a cantora recebia da direção da emissora uma bela cesta de rosas.



As apresentações de novelas e peças teatrais estão sendo bastante cuidadas pelas nossas TV. Aqui temos um flagrante tirado durante uma cena em que tomaram parte Ioná Magalhães, Nádia Maria e Marcos Rocha

tornando-se mais fácil vencer as dificuldades que aparecem a cada passo, dificuldades que, deve-se reconhecer, não são em pequeno número.

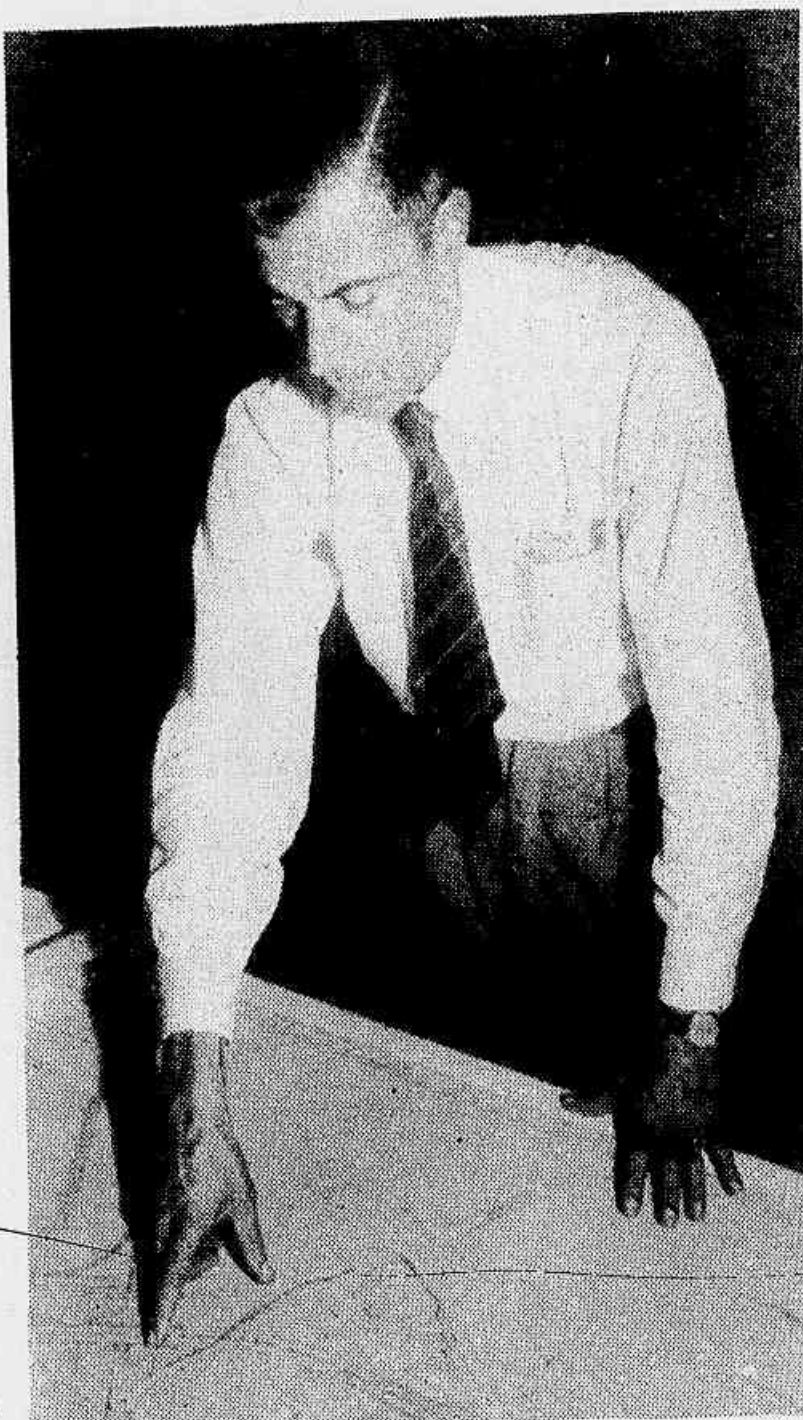
Os espectadores nunca esquecerão os momentos de emoção e distração que lhes foram fornecidos através da TV, com as reportagens, eitas dos principais acontecimentos ocorridos durante o ano. Os desportistas, principalmente, viveram momentos de entusiasmo e vibração, acompanhando pelo vídeo os jogos de futebol, regatas, competições de atletismo ou a disputa do Grande Prêmio Brasil. Todas essas apresentações foram feitas, na maioria das vezes, com pleno êxito.

É necessário pois que os recursos técnicos sejam aperfeiçoados e haja entusiasmo por parte dos encarregados de reportagens externas, a fim de que o público não seja decepcionado e, em 1956, também possa acompanhar através da TV os principais acontecimentos ocorridos em todos os setores.

TÚNEL RIO — NITERÓI

Reportagem de
SÉRGIO ANDRADE

O desenvolvimento espantosamente vertiginoso que no pós-guerra vem se registrando no Rio de Janeiro e em Niterói, principalmente no que concerne ao trânsito de carga (interior dos Estados para o litoral) é um problema crucial para o qual os poderes públicos encontram enormes dificuldades de solução. Nestes últimos anos, o número de veículos oriundo do sertão cresceu assustadoramente. Exigiam-se, desta forma, maiores facilidades e segurança em locomoção. Vias de acesso a pontos vitais seriam, na época, insuficientes e raras. Rasgaram-se duas super-rodovias de penetração (a Presidente Dutra e a Amaral Peixoto) que passam a recolher e facilitar o escoamento ocasionado por esse brutal fluxo. Consequência destas estradas é o maior desenvolvimento na exportação dos produtos para comerciantes e industriais sítios no sertão. Esta sobrecarga de mercadorias lançada nas duas cidades, rumo ao resto do país e ao exterior, encontra, daí, um hiato de interligação natural — a baía de Guanabara — a ser vencido. Pela condição topográfica das duas capitais (encravadas em plena serra do Mar) é impossível a construção de pontes, o que somente pode ser realizado em terreno plano. Formada em 1955 a comissão para a elaboração do projeto, já decidido estava: só um túnel submarino resolveria satisfatoriamente o problema. Pessimismo geral. Unicamente aqui, iniciativa deste teor seria assim recebida. Infelizmente, nunca tivemos experiências



desta natureza, anteriormente. Grupos de derrotistas puseram-se a tentar desmoronar o projeto. Mas a comissão, sem dar ouvidos a boatos e com o apoio do então Presidente Café Filho, pôs mãos à obra na preparação do edital de concorrência. Seriam enviados aos representantes comerciais nos Estados Unidos, Bélgica, Alemanha, Japão, Holanda e França, nações técnicas em assuntos referentes a construções submarinas, cópias do edital, para estudo e orçamento. Todas as firmas enviaram projetos. A vencedora (francesa) apresentou um trabalho excepcional, com orçamento-base de **quarenta e um milhões de dólares.** O traçado definitivo, pelo lado do Rio, desembocará na Praça Mauá; em Niterói, na Avenida Feliciano Sodré.

Djalma Nunes, jornalista, presidente do Comitê Pró-Túnel, embora sem conhecimentos técnicos, traçou uma linha (a mais curta) entre Graçaatã e Aeroporto, infelizmente inexecutável, devido às profundidades encontradas nesta faixa. O transporte de superfície, inadequado e insuficiente, aumentado em 1950, continua crescendo. Um túnel submarino vai evacuar **três mil e seiscentos veículos por hora**, representando a vantagem de rapidez (sete minutos para travessia) e de segurança quer para a carga, quer para o povo, acelerando ainda, o progresso nos transportes.

O QUE É UM TÚNEL SUBMARINO

Idêntico aos demais congêneres existentes no mundo, o túnel Rio-Niterói, por suas características, assemelha-se ao mais recente construído no mundo, o Battery-Brooklyn, quarto a ligar a ilha de Manhattan ao litoral de New York, com cinco mil metros de extensão. Compõe-se de dois cilindros paralelos, cada um com duas pistas de rolamento no mesmo sentido. Uma delas, em velocidade uniforme de quarenta e cinco quilômetros por hora, destina-se à carga pesada. A outra aos veículos de passeio e coletivos, a sessenta quilômetros. Para a manutenção deste fluxo constante e uniforme, ficam postados, de duzentos e cinquenta em duzentos e cinquenta metros, policiais, que por meio de comunicação interna e sinalização luminosa, transmitem às embocaduras quaisquer irregularidades. A iluminação, do tipo fluorescente, gradativamente aumenta do centro para as saídas, permitindo uma perfeita ambientação dos órgãos visuais dos motoristas. A renovação de ar é perfeita. O ar puro, trazido pelas torres-estações de insuflação é injetado por condutos nos meios-fios. O ar viciado é sugado por anemostatos instalados no teto do túnel, formando corrente de ar verticais, impedindo a expansão horizontal de gases ou chamas. Este sistema, regulado à distância, e petrechos de alta precisão, previnem automaticamente possíveis acidentes. Para a limpeza, troca de peças, lavagem, etc., estuda-se a possibilidade de fechamento de um dos túneis.

Marcado dia e feitos os avisos, o tráfego passa a pulsar só pelo outro. Nesse ínterim, turmas de operários executam, conjuntamente, todos os reparos necessários. Em uma das embocaduras erguem-se os edifícios de administração e pedagógico, máquinas para drenagem de águas pluviais ou infiltradas. As saídas são afloradas em

O TÚNEL TEM BARBAS LONGAS...

Verdadeiramente, o pensamento de unir o Rio de Janeiro a Niterói, através da Guanabara, não é recente. Pesquisando o passado, encontramos os primeiros documentos datados de 1876, pertencentes ao gabinete do Duque de Caxias. Mais tarde, neste mesmo ano, famoso engenheiro inglês, de passagem pelo Rio, elabora planta e envia uma carta ao diretor de Obras Públicas, provocando estupefação aos habitantes das duas capitais, fazendo os velhos conselheiros cobiçarem as barbichas, desconfiados e descrentes... Com a república, jornais, revistas e grupos de idealistas anônimos prosseguiram, mais entusiasmadamente, a ver se interessavam o governo em tal obra. As linhas que seguem poderiam constituir um esquema cronológico do túnel:

1876 — 4 de março. No gabinete do Duque de Caxias é assinado por Tomás Coelho, um documento concedendo a Hamilton Landsay Bucknall o privilégio de construção, uso e gozo de um túnel submarino, pelo prazo de cinquenta anos, ligando a corte a Niterói.

1876 — 30 de novembro. Peter W. Barlow, engenheiro notável por construções de enorme ousadia, redige uma carta ao diretor de Obras Públicas, expressando a opinião técnica da perfeita viabilidade da execução de um túnel subaquático pela baía de Guanabara. As razões para a construção? Importancíssimas! O escoamento em larga escala de produtos do interior dos Estados; facilidade de condução e segurança para os habitantes das capitais; maior intercâmbio do comércio de pequeno vulto. Foi apenas uma sugestão...

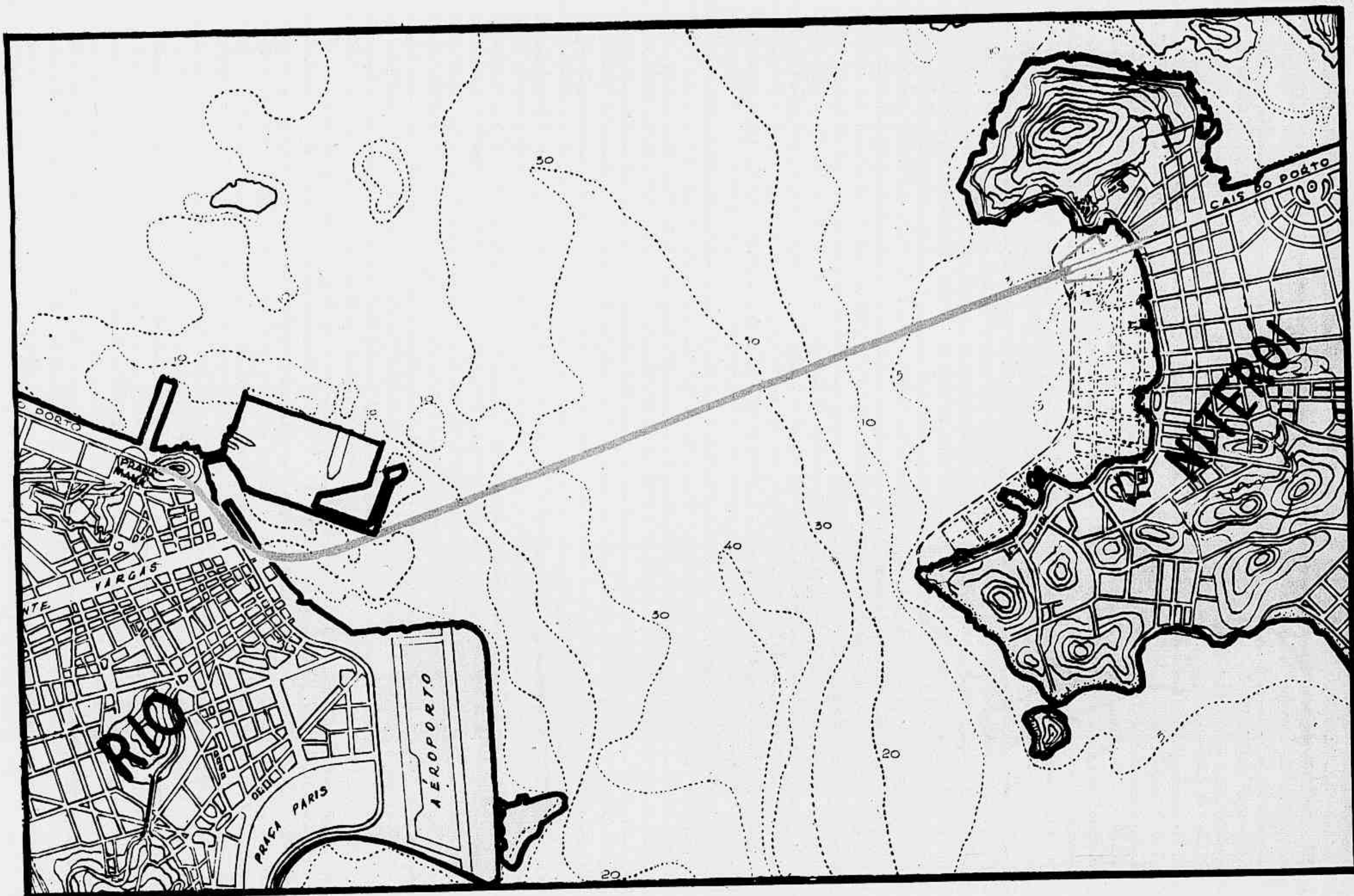
1920 — No decorrer do governo do sr. Epitácio Pessoa, sendo prefeito da cidade Carlos Sampaio, novamente é aventada a hipótese da construção. Organizam-se os primeiros esquemas geológicos da baía. Iniciativa particular, deficiente pela falta de técnica na época, o desânimo sobrepõe-se ao ideal.

1932 — As pontes pênseis constituíam na era, o grande desenvolvimento em engenharia. Volta-se o pensamento dos idealistas para esta solução. Propostas, em sua maioria de particulares, afluem à minúscula sala onde operava o Plano da Cidade. Fotos e maquetas de pontes famosas em todo o mundo acompanhavam, como prova cabal, as plantas dos construtores. Jamais foram estudadas. Os pareceres contrários dos ministérios militares cortaram definitivamente as aspirações. Pontes seriam objetivo de fácil acesso ao fogo inimigo, em tempo de guerra. E em caso de danificação, o tempo gasto nos reparos tomava meses, ou anos, além de obstruir a navegação.

1950 — Levantada a questão na gestão do sr. Getúlio Vargas, entusiastas e jornalistas das duas capitais litorâneas debateram-se incessantemente, na esperança de que o governo organizasse uma comissão, a fim de realizar o projeto. Era contudo, tomado erroneamente o princípio desta grandiosa obra, onde, ao valor industrial e comercial se sobrepunha o puramente turístico.

1952 — Resolve o presidente da República criar a lei, constituindo uma comissão composta de três engenheiros, designada para estudar a «possibilidade» de feitura do projeto. Pela cidade de Niterói, o engenheiro Salo Brand. Diretor de Obras Públicas fluminense. Pelo Rio de Janeiro, o engenheiro Raul Marques de Azevedo, do Departamento de Urbanismo da Prefeitura. Pelo Ministério de Viação e Obras Públicas, o engenheiro Gilberto Canedo de Magalhães, diretor do Departamento de Portos, Rios e Canais.

1955 — A 28 de janeiro iniciam-se os trabalhos, preparando-se os editais de concorrência pública. São posteriormente enviados aos Estados Unidos, França, Bélgica, Alemanha, Japão e Holanda.



areas livres, distantes do congestionado tráfego, verificando-se rápido desfalecimento dos veículos pelas estradas elevadas de alta velocidade.

TRÊS OU QUATRO ANOS PARA A CONSTRUÇÃO — DOIS BILHÕES DE CRUZEIROS

O projeto do túnel, de acordo com os resultados da concorrência, deverá ser executado no máximo em oito meses. Compreende, em linhas gerais, o levantamento geológico e geofísico do terreno, a estatística de tráfego, economia, detalhes, condições técnicas para a obra, fiscalização e projeto definitivo. Orçado inicialmente, em quarenta e um milhões de dólares (cerca de dois bilhões de cruzeiros) o túnel (que são dois) terá a forma cilíndrica, incrustado no granito existente no fundo da baía, com diâmetro médio de dez metros. As pistas de tráfego terão seis metros e cinquenta entre os meios-fios. Haverá uma passarela lateral para policiamento e fiscalização. A altura total será de quatro metros e dez. A extensão debaixo d'água, até aos afloramentos, será de seis mil metros. A profundidade máxima, oitenta e nove metros. As obras serão executadas pelas embocaduras, perfurando-se pelo lado do Rio, o morro de São Bento. Já abaixo do solo, passará lateralmente ao Ministério da Marinha, Rua São Gerardo, antigo Lloyd Brasileiro. Daí formará uma grande curva, tangenciando o farol do quebra-mar da Ilha das Cobras, prosseguindo até encontrar as escavações de Niterói. Estas serão iniciadas em linha reta constante, na Avenida Feliciano Sodré, Praia Grande e atêrro a ser realizado na parte fronteira à capital fluminense. Máquinas perfuratrices e completos petrechos serão empregados para a continuidade da obra. Operários brasileiros, em número máximo de três mil, vão ser arranchados. Apenas a supervisão técnica será estrangeira. Quase todos os engenheiros são nacionais.

As torres-estações, destinadas à renovação de

ar, ficarão situadas, uma no farol da Ilha das Cobras, outra na desembocadura da Praça Mauá, a terceira no baixio existente junto ao morro da Amarração, e a quarta na desembocadura de Feliciano Sodré. Os edifícios de administração, pedágios e reparo em geral, ficarão localizados em Niterói (não existe área vaga no Rio), de maneira a não obstruir o enorme tráfego. A terra retirada da capital vizinha vai ser utilizada como atêrro. O problema ainda não resolvido, é o de onde será depositado o atêrro escavado no Rio. Afinal de contas, se se faz um buraco, deve-se saber onde vai ser colocada a terra...

IMPOSSIBILIDADE DE ACIDENTES

Abalroamentos são acidentes inexistentes nos registros de ocorrências dos túneis submarinos. A velocidade uniforme do veículo e o mesmo sentido de direção, não ocasionam colisões frontais. As laterais, por sua vez, são quase impossíveis, de vez que um automotor não pode passar para outra pista, quando no interior do túnel. Desarranjos em motores não trazem dificuldades: ou o veículo reparado no local, ou rebocado para o exterior. Nos Estados Unidos um caminhão carregado com explosivos incendiou-se no interior do Lincoln Tunnel, provocando pânico geral, e conseqüente desarmonia no fluxo. Imediatamente soaram os telefones inter-nos, e foi interrompido o tráfego na pista. Enquanto os carros eram afastados, as mangueiras entravam em ação. Desobstruído o trânsito pela outra estrada, velozmente encaminharam-se os socorros, enquanto o povo era desviado pela passarela lateral. O sistema de ventilação (corrente verticais) impediu que as chamas se propagassem horizontalmente, ao tempo em que eram sugadas pelos anemostatos no teto. Daí por diante, não mais foi permitido o tráfego de carga explosiva ou incendiária. Além disso, no Rio-Niterói, não será também permitido o tráfego

sito de bondes, carroças de tração animal, ou máquinas impulsionadas por lagartas. Tudo é tão precisamente controlado no interior destes túneis, que uma ocorrência de proporções graves poderá ser sanada em minutos.

QUINHENTOS EMPREGADOS OCUPARÁ O TÚNEL

Divididos em administração, pedágios, policiamento, ventilação, reparos, conservação, etc., o túnel ocupará, após seu término, quinhentos empregados:

Administração	50 pessoas
Pedágios	20 "
Policiamento	150 "
Ventilação	200 "
Reparos	50 "
Conservação	30 "

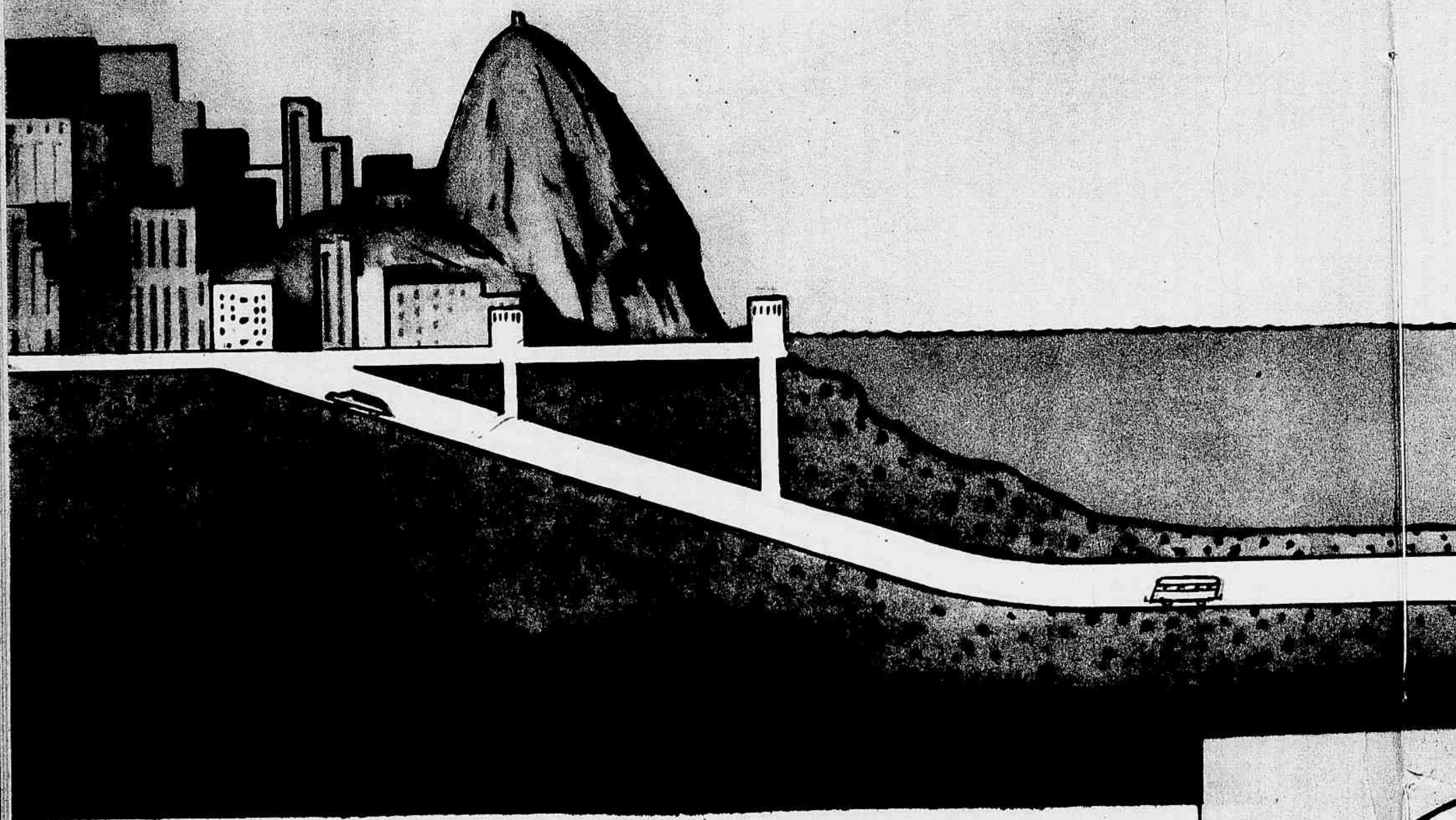
Todo este pessoal será dividido em turmas de trabalho, onde horários rígidos e responsabilidade máxima constituirão o elemento de continuidade para a vida da artéria submarina.

OS PEDÁGIOS

O critério adotado daqui por diante, obrigatoriamente terá de ser o mesmo usado nos túneis norte-americanos. Cambiando-se a moeda e perpetuando-se as diferenças quanto ao transporte de superfície, é possível encaixar em um quadro, o valor dos pedágios para os diversos tipos de veículos existentes. Dentro de poucos anos, logo esteja pronta a obra, os valores deverão sofrer pequenas alterações:

Carros de passeio	Cr\$ 20,00
Caminhão de dois eixos	Cr\$ 30,00
Caminhão de três eixos	Cr\$ 70,00
Caminhão de quatro eixos	Cr\$ 90,00
Ônibus comum	Cr\$ 30,00
Ônibus fretado	Cr\$ 60,00
Ônibus especial	Cr\$ 60,00
Lotações	Cr\$ 40,00
Motocicletas	Cr\$ 15,00

UMA LÉGUA SUBMARINA



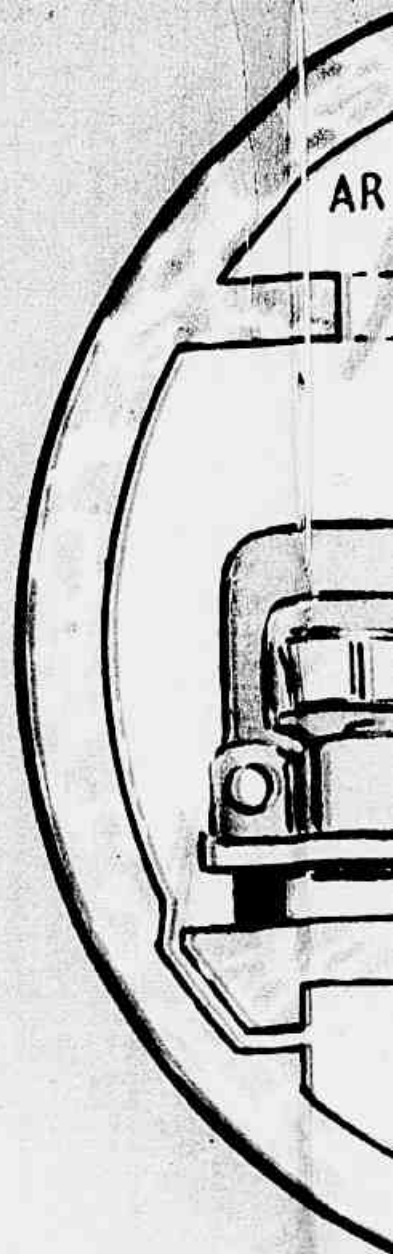
Necessariamente, estes valores são estimativos para a atualidade, mas ao mesmo tempo vão decrescendo na proporção direta do aumento de movimentação e anos decorridos, até o momento em que o capital invertido esteja recuperado. Nesta ocasião, o transporte passará a ser gratuito.

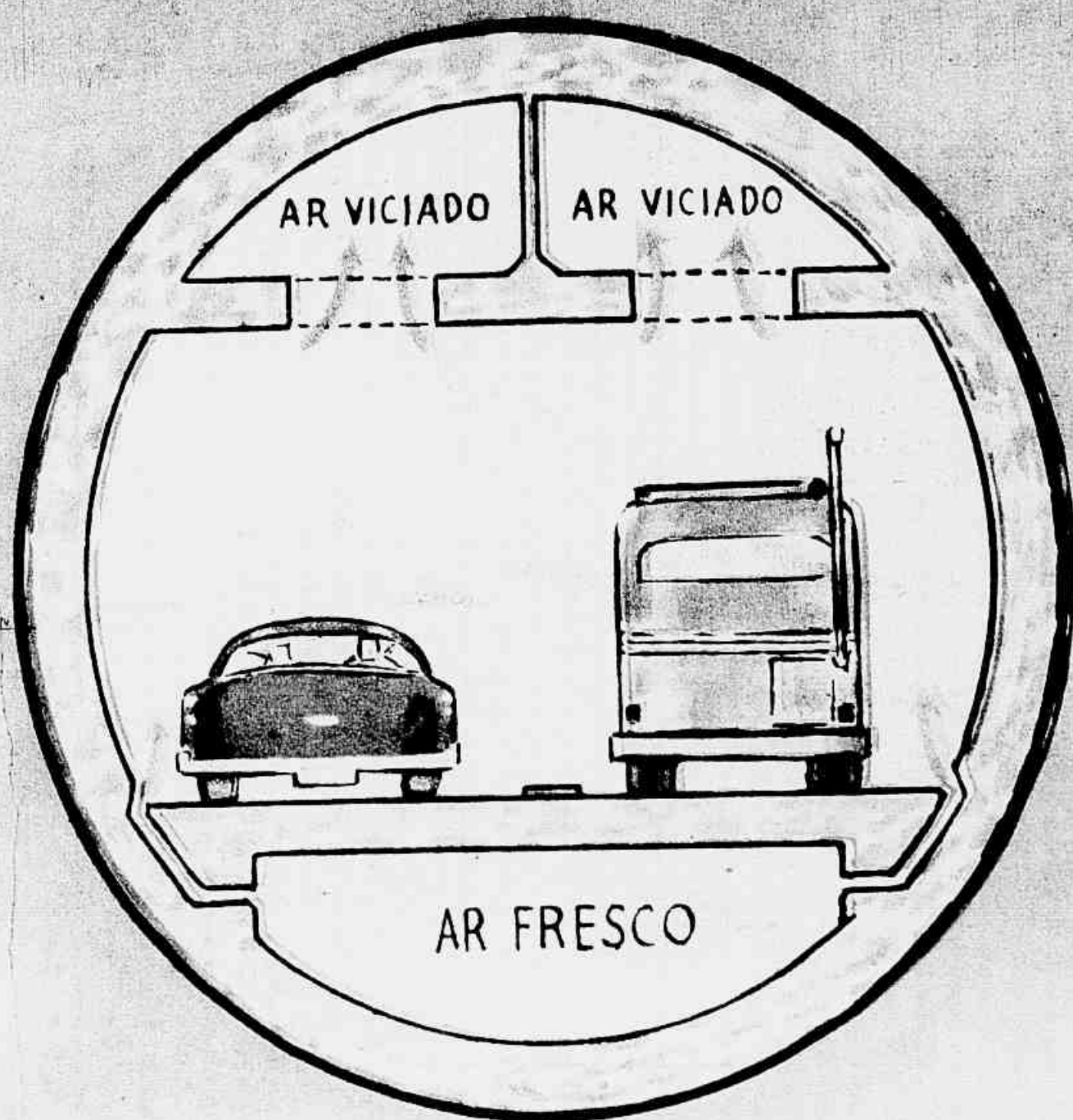
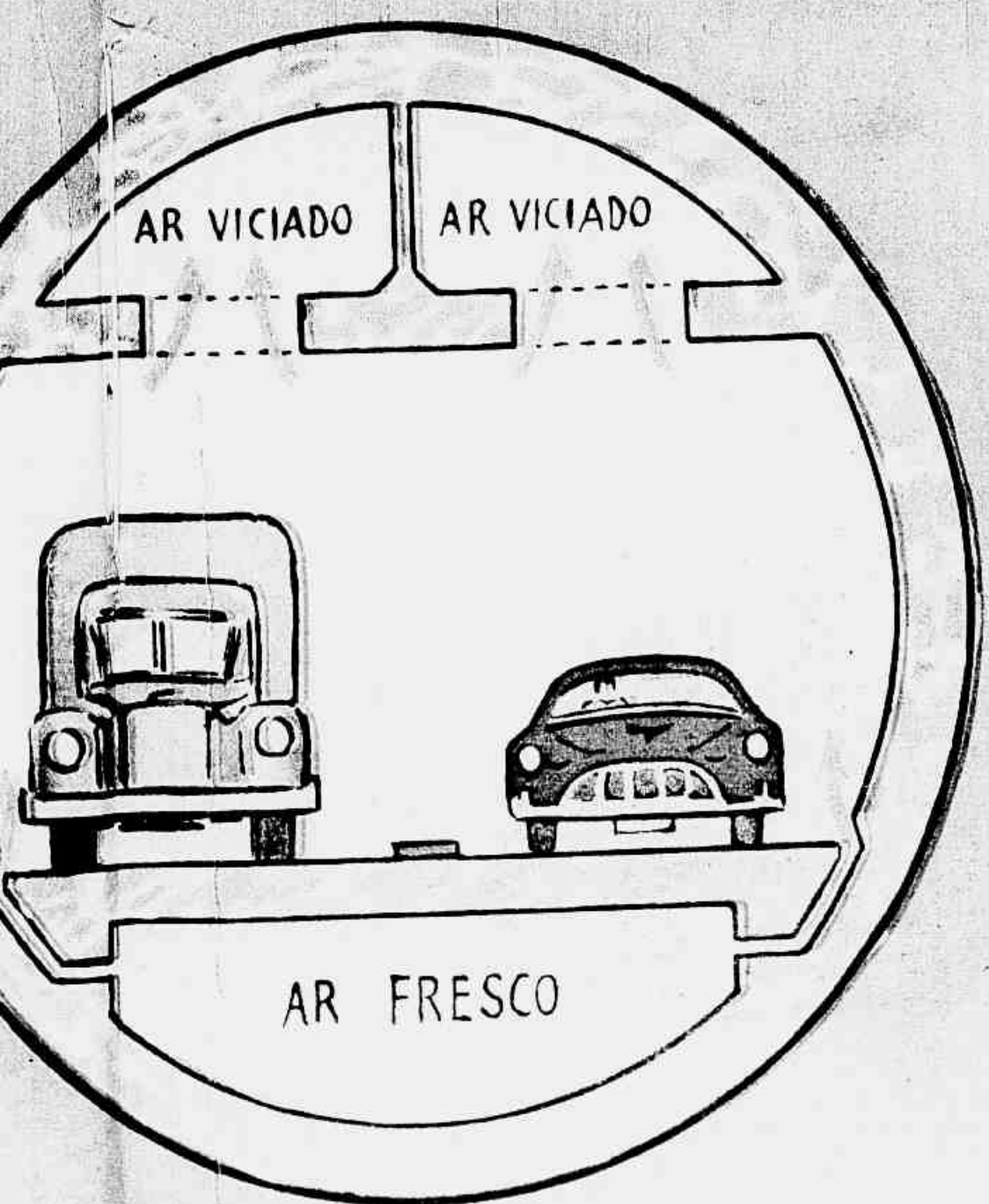
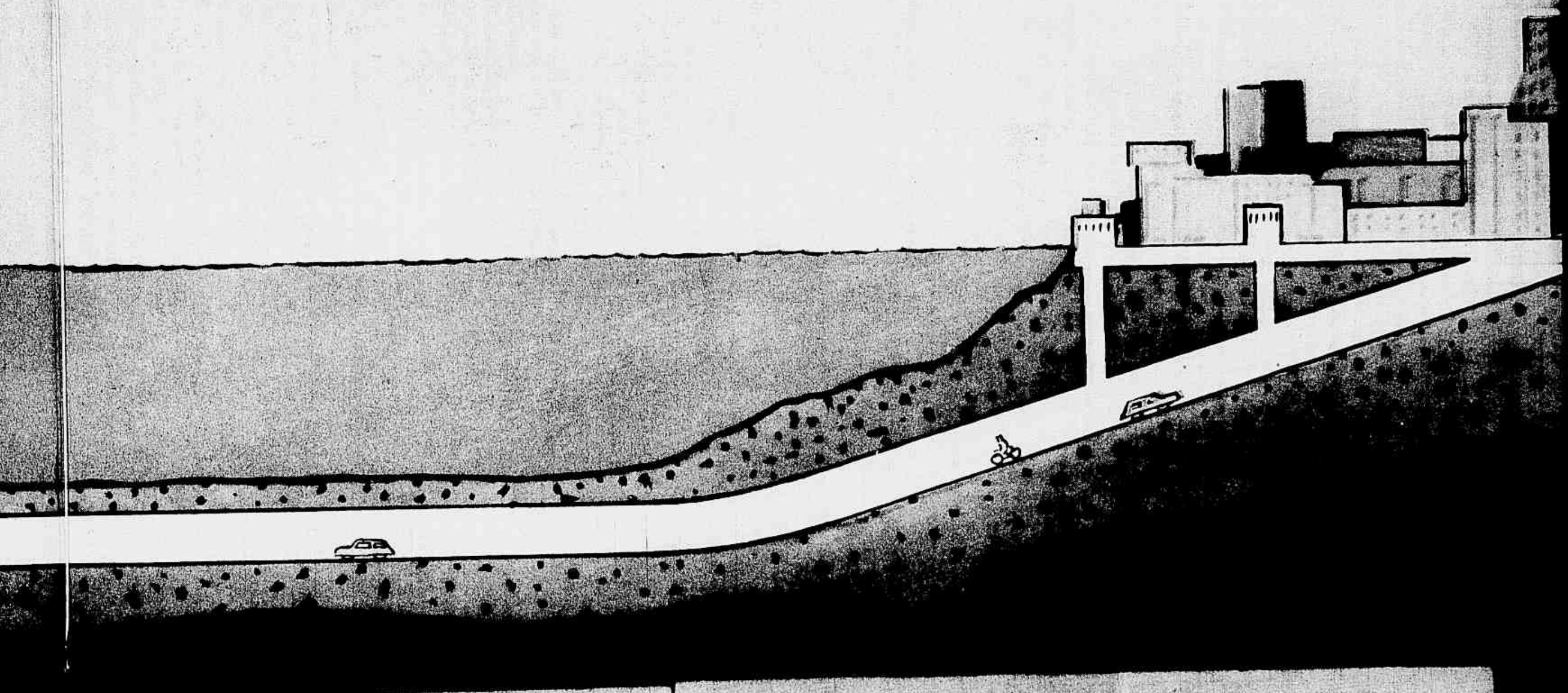
CONSEQUÊNCIAS

Isto não é novidade para ninguém: Rio de Janeiro e Niterói só fazem consumir gêneros. Não os produzem sequer para o suprimento estritamente necessário. Com o túnel, o barateamento de gêneros tornar-se-á imediato. Facilidade de condução de mercadorias e de povo trará novos horizontes não só para nós como para o resto do país. O desenvolvimento do pequeno agricultor será notório. As faixas marginais às grandes rodovias de penetração adquirirão valor incrível. A oportunidade de permuta de produtos crescerá ainda mais. O porto internacional será beneficiado enormemente, o turismo bastante divulgado. Linhas de coletivos surgirão, ligando Gragoatá a Copacabana, Tijuca a Icaraí, Leopoldina ao Saco de São Francisco, Fla-

mingo a São Gonçalo. Para o Rio de Janeiro, o Departamento de Urbanismo da Prefeitura prevê a construção de uma pista elevada de alta velocidade, acima da Avenida Rodrigues Alves especialmente destinada à carga pesada oriunda do túnel, com direção ao porto e Rodovia Presidente Dutra. A Praça Mauá, mesmo com a controvérsia dos descrentes, vai receber pela primeira vez, solução capaz para o problema do trânsito no centro comercial carioca. Transformar-se-á em uma rótula de tráfego constante, de seis filas de veículos, escoando-se para a Avenida Rodrigues Alves, Rio Branco, Rua Acre, Rua Sacadura Cabral e trevo da pista elevada.

Pelos cálculos, o túnel vai conduzir três mil e seiscentos veículos por hora. Mil e quatrocentos de carga e dois mil e duzentos de passeio. Em oito horas consecutivas, transitarão vinte e oito mil e oitocentas unidades, sendo onze mil e duzentas de carga. Dividida a carga em caminhões de seis toneladas, teremos, em oito horas, o tráfego de setenta e seis milhões e duzentos mil quilogramas de produção brasileira. Fantástico, não é verdade? A única esperança é que isto não fique em sonho ou divagações.







M A experiência. Eu desce-
ra as escadas do Clube
dos Aliados, onde perde-
ra duzentos mil réis na
roleta, e olhava, aborre-
cido, a chuva cair na rua deserta,
negra. Dera-me assim um desejo
súbito de passar um quarto de ho-
ra numa baiúca; então procurara
aquêlê clubezinho reles da Lapa.
Agora um arrependimento enraive-
cedor me fazia subir o sangue à
cabeça, em mil projetos de reivin-
dicação honesta daqueles duzentos
mil réis.

A última vez que eu visitara mi-
nha mãe, em Iguape — porque eu
sou de Iguape — ainda ela me dis-
sera, com um sorriso magoado:

— Não trouxe nenhum presentin-
ho para sua mãe... Deixe estar...

E fôra perder duzentos mil réis
para os capadócios do Clube dos
Aliados! Eis aí no que dava a mi-
nha mania de ambientes.

Táxis, na porta do clube, espera-
vam fregueses. Vendo-me parado,
a escolher destino, com um ar de
lorde perdulário (o ar com que to-
do pobre-diabo sai de um clube) os
choferes me acenavam, oferecendo
as máquinas. Superior, acendi um
cigarro e toquei a pé sob a chuva.

Deu-me vontade, então, de passar
pela rua Morais e Vale. Uma rua
de mulheres perdidas, numa noite
de chuva, é triste, infinitamente. Po-
ças d'água refletem os lampiões.
Trechos de cantigas saem pelas
grêtas das venezianas cerradas.
Não se vê ninguém. Apenas, vago,
o vulto do guarda rondante, repre-
sentante sonolento da lei.

rando, escolhendo? Oh, que des-
graça imensa a destas mulheres!

Plaf, enliei os pés num buraco
cheio d'água. Bonito! E' o resultado
de andar distraído, a fazer reflexões
piegas. Ia apanhar um resfriado.
Não, não: havia um recurso: o bo-
tequim da rua Joaquim Silva esta-
va aberto, graças a Deus. Tomaria
um cálice de conhaque. Apressei
o passo para reagir contra a fria-
gem.

— Simão!

Simão? Uma mulher chamara Si-
mão!

— Sssiu! Venha cá, Simão, não
se faça de bêsta.

Não havia dúvida: tinham cha-
mado por mim. Voltei, procurando
ver de que janela partira a voz de-
salinada. (Nossa Senhora, como ero
possível que alguém me conheces-
se naquela rua?)

— O' seu coisinha, entra aqui.

ra. Perdeu a língua. Fiz o gesto de
recuar. Maricota agarrou-me pelo
braço e empurrou-me para o quar-
to. Deu uma ordem:

— Sente aí.

Apontava a cama. A colcha bran-
ca estava amarelada. Manchas
de terra acusavam contatos de bo-
tas. No criado-mudo, uma nota de
cinco mil réis atirada. Pontas de
cigarro espalhavam-se pelo chão.

— Sente! Está com luxo? Bom.

Preferi sentar em cima da mala,
que um pano de crochê cobria.

— Maricota, sinto-me abalado
com a surpresa.

— Estou vendo.

— Que é feito de você, neste
tempo todo?

— Ora, se eu fôsse contar!

— Há quantos anos, sim senho-
ra! Quantos mesmo!

— Ué, conte pelos dedos.

Contei pelos dedos, como ela

serenata em nossa rua, Maricota
saía do quarto pé-ante-pé e ia pa-
ra o muro do jardim. Uma vez de-
sapareceram. Meu avô ficou três
dias com uma veia querendo re-
bentar na testa, latejando forte. O
major Rabelo, que era o delegado
de polícia, desenvolveu toda a sua
atividade para descobrir os fugiti-
vos. Porém, o sargento do desta-
camento era primo de Malaquias e
desconfiou-se de que estivessem
conluídos. E nunca mais se soube
de Maricota, nem de Malaquias.

— Nós pensávamos que o Mala-
quias tivesse casado com você...

— Um vagabundo daqueles?
Deus me livre.

— Então você se arrependeu do
passo...

Fêz um muchocho, com o beijo
grosso.

— E há quanto tempo você andu
nesta vida?

Maricota sacudiu os ombros, as
pernas esticadas, os olhos fitos no
ponta das chinélinhas.

Começou a fazer perguntas por
minha mãe, por todos de casa. Te-
ve tristeza quando soube que meu
avô morrera.

— Coitado! De quê?

— Coração.

Deu outro muchocho. Abanou a
cabeça com filosofia:

— De uma coisa ou de outra a
gente tem de ir mesmo.

Mudou o curso das idéias e per-
guntou de golpe:

— Você está empregado aqui no
Rio?

— Estou estudando.

UMA NOITE DE CHUVA

Conto de RIBEIRO COUTO

— Ora, vamos, Simão!

Assim falei a mim mesmo, ven-
cendo a última hesitação da virtu-
de. Eu não ia comprometer a virtu-
de, entretanto. Era apenas a satis-
fação de um capricho da sensibili-
dade. O ambiente, queria o am-
biente.

— Boa noite!

— Boa noite.

Um conhecido. Exatamente quan-
do menos se espera, numa noite
de chuva, ao virar uma esquina de
rua viciosa, surge o contratempo
fatal: o conhecido, o conhecido que
nos vê, nos cumprimenta, faz um
ar camarada e passa. Quem? Um
sujeito com que temos relações
apenas de vista e cuja única fun-
ção na vida parece ser essa: apa-
recer assim. Um sujeito que existe
somente para aborrecer-nos.

— Sssssiu...

— O' beleza!

As primeiras portas misteriosas.
Principiei a sofrer. O amor... Den-
tro de mim começou a estranha
sensação pungente. Ninguém podia
adivinhar, na minha sombra, uma
dor ambulante, a dor especial e sa-
borosa de sentir o ambiente.

A rua estendeu-se, dobrada a
esquina. Deserta, naquela noite.
Passava de duas da manhã e pou-
cas mulheres ainda havia dispon-
íveis, atrás das janelas, à espera.
Pela calçada, nem mesmo um ma-
rinheiro japonês. Será que muitos
homens pensam às vezes, como eu,
nos marinheiros japoneses que de-
sembram cheirando a suor e a
óleo, e vêm por aqui, em grupos,
metendo o nariz nas casas, procu-

Uma porta abriu-se para mim.
Do escuro uma cabeça me acena-
va, com ar de mando. «Coisinha!»
Era extraordinário.

Parei, indeciso.

— Já se esqueceu, heim? Entre
aqui.

Entrei. A mulher trancou a porta
atrás de mim.

— Suba, Simão.

Subi a escada meio às escuras.
Parecia-me um sonho.

— Como vai d. Candoca?

D. Candoca! O nome de minha
mãe às duas horas da manhã nu-
ma casa da rua Morais e Vale! Ah,
Simão, diletante de ambientes.

Ela subira atrás. No patamar, vol-
tei-me. A luz do quarto, com a por-
ta escancarada, incidia sobre um
rosto bexigoso de mulata: Mari-
cota!

— Você aqui, meu Deus?

— Não, ali na esquina — escar-
neceu ela.

Uma comoção profunda me pun-
giu. Tive vontade de chorar. Mari-
cota...

— Você está homem, hein?

... a Maricota daquele doce tem-
po, quando eu usava camisola...

— Todo elegante, Simão. Hum,
hum!

... que dormia no meu quarto,
junto à minha cama, porque eu li-
nha medo do invisível e da escuri-
idão...

— Não fala nada? Está mudo?

... do tempo de meu avô, que
me mandava com ela à venda do
seu Hilário, para impor certo res-
peito aos homens...

— Bom, se você está disposto a
não conversar, então vá-se embo-

aconselhava por ironia: um, dois,
três, quatro... doze.

— Doze anos! Como é que você
me reconheceu?

— Ora, eu criei você, Simão. Me
dá um cigarro?

E concluiu com simplicidade, es-
colhendo um cigarro na minha car-
teira:

— Você passou, olhou do lado
da minha porta e eu pela fresta re-
conheci logo. Mas fiquei pensando:
será? Não podia deixar de ser: o
mesmo locinho! Está!

Pedi a Maricota que me abrisse
um pouco a janela. O quarto esta-
va abafado. Um cheiro de roupa
suja e de água de colônia de turco
impregnava as narinas.

Maricota sentou-se na cama e fi-
cou me olhando, a fumar.

— Você não envelheceu, Mari-
cota.

— Não pouco!

— Não mesmo.

Não envelheceu. E' verdade que
perdera a frescura da primeira mo-
cidade, quando, com a sua carne
dura e flexível de mulatinha nova,
ao passar vincava um silêncio in-
tencional nos grupos da porta da
venda. Só o que sempre a enfeara
um bocado eram aquelas marcas
de bexiga. Porém, não envelhecera:
encorporara. Ficara madura, com adi-
posidades fôlas de vida ociosa.

— Você casou, Maricota?

— Qual casar! Com aquêlê per-
queira?

Ela fugira da nossa casa com um
barbeiro chamado Malaquias. Ma-
laquias tocava violão, cantava mo-
dinhas e possuía um cacho grosso
na testa. Quando Malaquias fazia

Desenho de MARIUS

— O que?

— Medicina.

— De muito estudar é que os
burros morrem.

Riu-se. Houve uma pausa.

— Por que não se emprega? Há
tanto médico!

— Não faz mal.

— Hum, hum! Está adiantado?
Quando se forma?

— No ano que vem.

— Já?

— Já.

Depois, mudando de tom:

— D. Candoca está muito velho?
Insistia no nome de minha mãe.

E eu tinha sempre a impressão, ao
escutá-lo, dito por aquela boca e
naquele quarto, de ver uma flor or-
rastada por um esgôto.

— Responda, Simão! Ficou mudo
outra vez? Por queira!

— Está moça ainda, Maricota.
Está moça.

Levantei-me. No meu coração
aquêlê cinismo, aquelas maneiras
obscenas, aquela definitiva deca-
dência doíam como uma machuca-
dura.

— Espere mais um pouco, Simão.

— Tenho pressa.

— Quer dizer que a francesa es-
tá te esperando.

— Qual!

— Se passar da hora, leva tabe-
les. Gigolô!

— Ora! Não tenho francesa no-
nhuma. Vou dormir, é que é.

Eu estava numa impaciência
atroz. Agarrei o chapéu. Que nojo!
E que angústia!

— Conte mais alguma coisa do
povo lá em Iguape?

(Continua na pág. 44)

UM FRIO GANHAVA-ME AS PERNAS, ENDURECENDO-AS. LEMBREI-ME, NESTE MOMENTO, DE QUE...

CONVERSA DE MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

NÃO ABUSE DO «ROUGE»!

É mais comum errar para mais que para menos ao passar "rouge". Em vez de desenhar uma rodela vermelha em cada face aplique o colorido delicadamente, a fim de que dê vida e brilho a seus olhos e faça desaparecer a expressão tensa de um dia atarefado.

Passe o "rouge" assim: iniciando logo abaixo do centro do olho faça uma faixa com o "rouge" em direção às têmporas; daí desça em curva de modo que as duas faixas se encontrem na maçã do rosto; espalhe cuidadosamente; a extre-

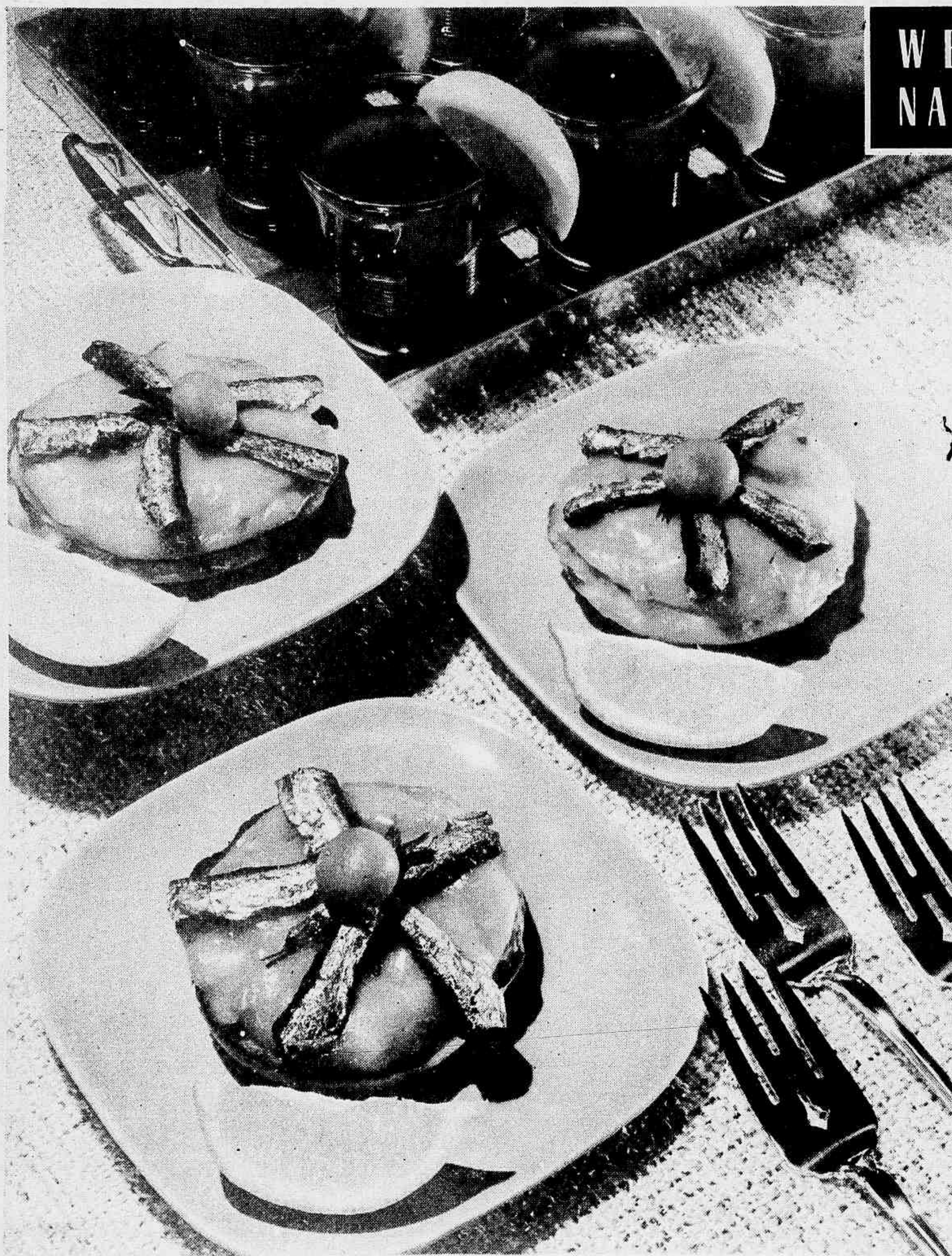
midade superior do triângulo pode ser estendida um pouco e o lado inferior esbatido.

Se usa "rouge" em pó, aplique o pó de arroz antes e depois do mesmo; se usa-o em creme, passe-o na pele imediatamente sobre a base e empoe depois.

Não se esqueça de um leve toque de "rouge" nas pontas das orelhas, e também de empoá-las. Orelhas brilhantes são tão pouco estéticas quanto nariz lustroso.



WEEK-END NA COZINHA



A "pizza" está em moda como prato de entrada, e não é sem motivo. É das mais gostosas iguarias da saborosa cozinha napolitana. Por isso, há de ser apreciada esta receita de **pequenas "pizzas"** individuais. (A receita é para 6 pequenas "pizzas").

1. Arrume numa assadeira fatias de pão de fôrma cortadas em rodela (pode cortá-las com a bôca de uma xícara, para saírem mais regulares) e untadas com um pouco de manteiga.

2. Misture: meia xícara de extrato de tomate; meio pimentão verde picadinho; e meia cebola sobre as fatias de pão.

3. Em cima de cada fatia coloque uma mozzarella e sobre essa arrume sardinhas (ou enchovas) como na ilustração. Coloque uma azeitona sem caroço no centro e espalhe sobre tudo um pouco de orégano.

4. Ponha no forno o tempo suficiente para derreter bem a mozzarella.

Sirva bem quente, com uma fatia de limão ao lado, para ser espremido sobre as sardinhas.



SUGESTÃO PARA O LAR

O novo ano está aí e entre seus projetos figura a colocação de um bar na sala de estar, para prazer seu e de seus amigos. Que tal a sugestão? E a idéia de embutir o aparelho de televisão deixando apenas o "écran" visível? E as banquetas combinando com a mobília, em ferro e compensado dobrável (Plywood)? E as prateleiras com fundo de espelho para os cristais?

CABELOS...

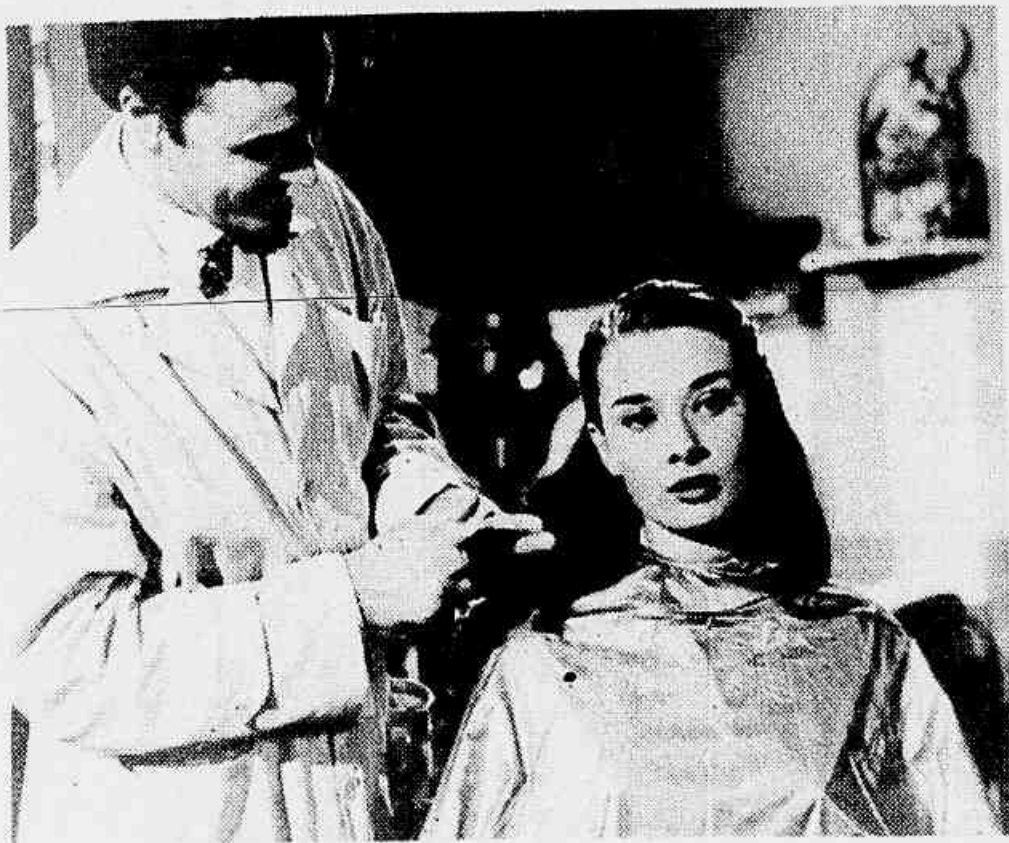
Antes de mais nada, a boa saúde e uma dieta alimentar balanceada contribuem para a beleza dos cabelos. No entanto, nem todo mundo tem cabelos da mesma espécie, e daí a diferença de cuidados que requerem. Vamos esquematizar os casos mais comuns.

MUITO SECOS: Use um xampu, especialmente indicado para cabelos secos. Massageie o couro cabeludo com azeite (de oliva) morno, e depois cubra-o com uma toalha aquecida. Se for necessário enxágüe os cabelos com um pouco de óleo na água (existem preparados especialmente para essa finalidade) depois de cada xampu.

MUITO OLEOSOS: Se preciso, lave a cabeça todos os dias para retirar com o xampu o excesso de oleosidade. Se não quer lavar a cabeça tão freqüentemente, diariamente esfregue-a com uma toalha úmida, aquecida. Quando escovar os cabelos, limpe a escova numa toalha depois de cada escovadela.

FINOS DEMAIS como cabelo de criança. Será preciso procurar mais freqüentemente o cabeleireiro para ajustá-lo. Prenda-o todas as noites se possível, e use um fixador que lhe dê mais «volume». No caso de ser preciso uma permanente, não a faça sem alguns testes antes, com uma mecha, a fim de não ficar excessivamente frizado.

DESBOTADOS: Os cabelos com o colorido desbotado ou baço, precisam ser enxaguados com algo que lhes acentue o colorido. Os cabelos loiros tornam-se maravilhosos quando enxaguados com infusão de camomila.



ALBA

Comêço de ano é preciso por tudo em dia e ainda estamos devendo um agradecimento a Alba E. Tegera Pietra, jovem poetisa uruguaia que nos mandou seu livro de estreia. Não vamos fazer crítica literária (isso pertence a outra secção e não queremos invadir campo alheio) mas encontrar no livro de Alba a alma de uma jovem da atual geração dos 20 anos:

Solitária

«Es mi canto una lampara pequeña
que en soledad se consume abán
[donada]...

Ébria da sua mocidade nesse desesperado apêlo ao Senhor do Universo:

«Yo no sé por que esperas
a que me quede sin luz,
para venir a buscarme».

Pessimista:

«Solo nos queda el mar
para venir a buscarme».

Otimista, logo em seguida:

«... hay luz de amor junto a la orilla.
Aún nos queda el mar
para el ensueño».

Sonhadora:

«Te imagino en la distancia
junto al mar,
entre su aliento».

Ávida de consôlo e compreensão:

«Y frente al mar
se extinguirá mi llanto...»

Conformismo de adulta:

Es ya al dicha alcanzada no
[esperar?]
Es ya la dicha alcanzada no soñar?

Assim é a alma de Alba.



AVENIDA
SANTOS DUMONT, 894
NOVA IGUAÇU
ESTADO DO RIO

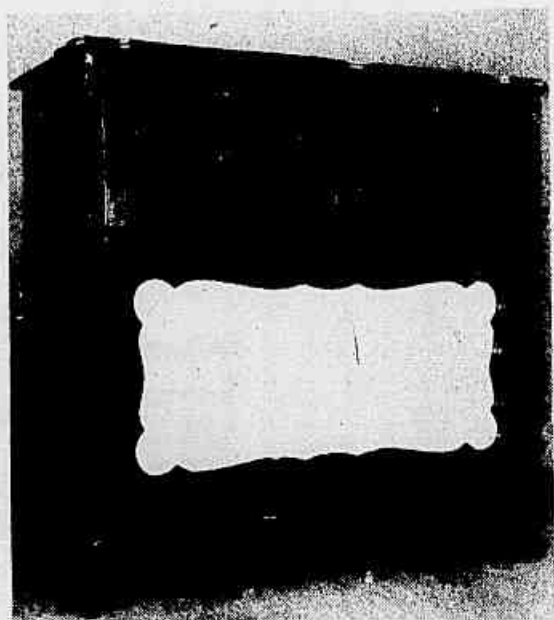
FABRICANTES especializados de caixas e móveis
para rádios e vitrolas nos estilos clássicos

CHIPENDALE

RÚSTICO

COLONIAL

bem como de novas linhas
modernas em Pequia Marfim
ou Imbuia, nos gêneros
FRANCES, RETANGULAR, etc.



QUALIDADE, DURABILIDADE, Magnífica apresentação

Tôdas as nossas caixas

(HI — FI) ALTA FIDELIDADE

A venda nas melhores casas do ramo

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alcaides

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sobre o ensino de
«Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME

RUA

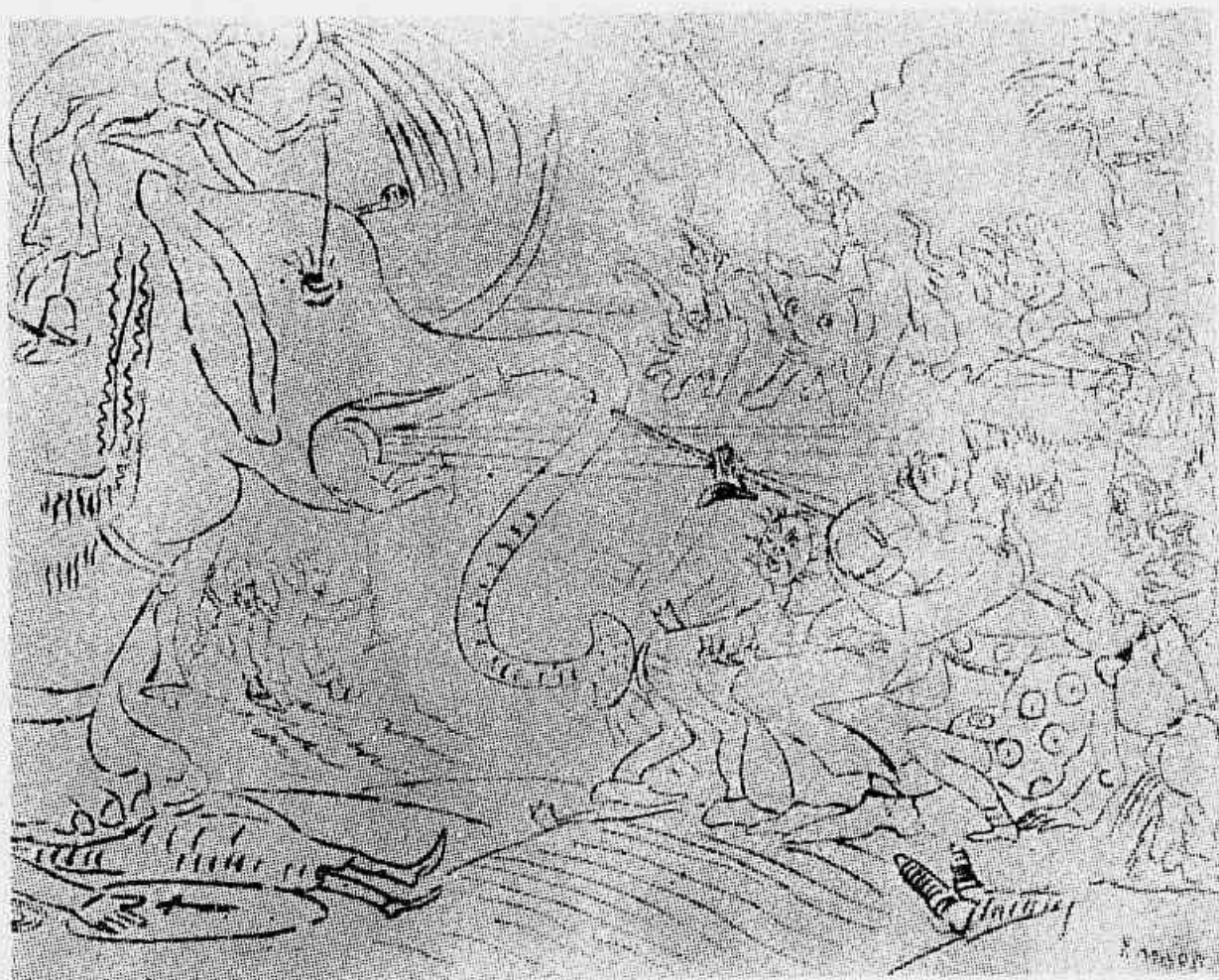
CIDADE

Nº

ESTADO

ARTES

JOSÉ ROBERTO



«La Blague de l'Elephant», de James Ensor (Zinco, 1888).

JAMES ENSOR

NÃO foi senão aos vinte e seis anos de idade, quando já pintava havia muito, que James Sidney Ensor, o célebre artista belga nascido em Ostende, de pai de ascendência inglesa e mãe flamenga, se tornou gravador. Durante todo o seu irregular curso de Belas Artes, levado a efeito na «Académie des Beaux Arts» de Bruxelas, nada indicava o futuro grande gravador, e nem mesmo o futuro artista. O ensino pacato e acadêmico que então, como sempre, era ministrado nas Academias de Arte, parecia ser o menos propício ao desabrochar do gênio ensoriano. O próprio James o compreendeu bem cedo, e após dois anos somente de estudo metódico, decidiu deixar a Escola. Doravante, somente pintará aquilo que lhe der na cabeça, seguindo apenas os ditames de seu coração. É um pintor de somente 19 anos, que mistura selvagememente as tintas em suas grandes composições, que possui um gosto acentuadíssimo pelo bizarro, pelo caricatural. Influências diversas perpassam por suas telas, sem se fixarem, contudo: Degas, e Turner, principalmente. Mas, que inquietação sempre crescente começa a rondar o jovem por volta de 1885-1886, levando-o a desprezar seus óleos, apenas terminados, e fazendo-o buscar, longe das tintas e pincéis, além dos limites da Pintura, novos meios de expressão, novos rumos artísticos até então mal pressentidos? Em carta dirigida em outubro de 1934 a Albert Croquez, um de seus mais compreensivos críticos, e autor de um interessante livro sobre a gravura ensoriana (1), o artista muito bem explica os motivos de tal mudança, do pincel para o estilete: «La matière picturale m'inquiète alors (en 1886). Je redoute la fragilité de la peinture (2), exposée aux méfaits du restaurateur, à l'insuffisance, aux calomnies des reproductions... Je veux survivre, parler longtemps encore aux hommes de demain...»

Decisiva, essa revelação, se bem que incompleta, de vez que Ensor, embora de então por diante passe a produzir com frequência águas-fortes e xilogravuras, não abandonará jamais a pintura. Em 1886, pois, como já ficou dito, Ensor adota a gravura. Grava, esse mesmo ano, oito incisões, das quais duas, pelo menos — a «Catedral» e o «Cristo Amainando a Tempestade», — duas obras-primas. Após dois ou três anos de trabalho apaixonado, começa a diminuir o número de gravuras ensorianas. Há agora intervalos cada vez maiores entre uma obra e outra. Em 1904, enfim, e a não levamos em conta alguns poucos trabalhos levados a efeito em 1933 e 1934, James Ensor cessa de gravar. Aliás, tudo o que esse artista, que viveria 89 anos, tinha a dizer, disse-o ele nos poucos anos que vão de 1885 a 1904. A obra gravada de Ensor é composta de 133 trabalhos, 104 sobre cobre, 28 em zinco, 1 apenas sobre pedra litográfica. São nada menos de 117 águas-fortes, 16 pontas-sêcas e 1 litografia. O que nelas seduz é sua simplicidade, a pureza do traço, sua firmeza. Em alguns dessas obras, mormente naquelas em que levou a efeito crítica social, e nas que representou diabinhos e pequeninos monstros bizarras tão do agrado da mentalidade flamenga, renasce, através da imaginação de Ensor, a mirabolante fantasia dos velhos mestres holandeses e flamengos — os Bosch e os Bruegel, os Mandyn e os Pieter Huys. São duas as fontes principais de inspiração de James Ensor: a paisagem flamenga, com suas Catedrais, seus «polders», os portos envoltos em bruma, e a própria vida quotidiana — esse perigoso e fascinante quotidiano, que forneceu a alguns artistas (mas somente aos maiores deles) muitos de seus melhores temas. Além dessas duas fontes, há também os monstros e diabinhos já citados, e algumas cenas tomadas à Religião. O grande artista morreu em sua adorada Ostende, da qual apenas saiu para fazer o curso em Bruxelas, há poucos anos, em 1949. Foi um típico representante do Expressionismo flamengo, e em algumas de suas obras, como na famosa «Entrada de Cristo em Bruxelas», imensa tela de 2 e meio metros por quatro, o barroco encontra, em pleno século XX, um continuador e um insigne representante.

(1) «L'oeuvre gravé de James Ensor», por Albert Croquez. Genève-Bruxelles, 1947. Alguns dos conceitos emitidos no presente artigo foram colhidos em tal obra.

(2) A prova de que essa «fragilité de la peinture» é um fato real, reside em que os violentos amarelos da «Entrada de Cristo em Bruxelas», de Ensor, se deterioram já

CRÔNICA

O PEN CLUBE DO BRASIL



A sociedade carioca, através de seu meio intelectual, já se habituou a assistir às reuniões literárias do Pen Clube do Brasil. Ali, passam em revista os acontecimentos mais palpitantes do momento cultural e artístico, solenizando-se ou comemorando-se as datas mais dignas de celebração e de realce. Uma tribuna elegantemente instalada em forma de palco, para representações teatrais, uma platéia espaçosa e retangular, freqüentada por senhoras e senhoritas, escritores e poetas, homens de espírito e de pensamento, formam o círculo da associação mundial que é o Pen Clube, com sede em Londres. Mas perguntará o leitor curioso e ávido por saber a origem e a história de tão original denominação:

— Que significa Pen Clube?

O nome **Pen**, como vemos, traduz-se do inglês: pena. Portanto, Pen Clube não é outra coisa senão Clube da Pena. Suas iniciais têm, entretanto, interpretações ainda correlatas com o seu título, assim: «P», de poetas e prosadores; «E» de ensaístas e «N» de novelistas, desdobrando-se o significado dessas

letras em outras tantas alusões relativas à arte de escrever, podendo ter portanto, várias interpretações.

Cervantes, Erasmo, Pirandello, Anatole, Wilde, Eça, Machado de Assis, todas as grandes figuras do espírito humano projetadas na arte literária, têm sido cultuadas e estudadas no recinto iluminado pelos vãos de uma intelectualidade sadia, do Pen Clube do Brasil. Seu presidente, desde a sua fundação, foi o escritor Cláudio de Sousa. Ultimamente, foi eleito para substituí-lo, após o seu desaparecimento, o escritor Celso Kelly.

Periódicamente, o Pen Clube Internacional realiza Congressos em que se analisam e resolvem importantes problemas culturais. O 1º realizou-se em Buenos Aires, em 1936, com a presença de Stefan Zweig, André Maurois, Salvador de Madariaga e outras grandes penas de prestígio mundial e o 2º efetuou-se em Zurique, com a presença dos maiores nomes da literatura universal.

ENTREVISTA RELÂMPAGO



(Com Beatriz dos Reis Carvalho, autora de «Rosas vermelhas», «Eterna presença» e «Sob a luz de um novo sol», além de outros livros).

1ª pergunta: — Dos nossos escritores, qual o mais importante?

Resposta: — De certo modo todos são importantes: depende de quem os lê, entende e julga.

2ª: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Prefiro os que o coração compreende.

3ª: — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Um bom romance e versos que falem ao sentimento.

4ª: — Qual dos nossos escritores gostaria fosse da Academia?

R.: — A nossa terra é tão pródiga em valores que merecem pertencer à Academia, que prefiro não citar nomes pelo receio de omitir algum.

5ª: — Atualmente, onde desejaria morar?

R.: — Aonde houvesse paz entre os homens.

6ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Sem dar trabalho a ninguém.

7ª: — Acredita nos discos voadores?

R.: — Talvez acreditasse se os tivesse visto.

8ª: — Qual a sua maior ambição literária? Tem novo livro a publicar?

R.: — Ser amada. Sim, através da José Olímpio, publicarei breve o livro de versos: «Mais perto da vida».

POESIA

Por que esta tristeza, meu Deus,
Por que?!

Se os meus dedos percorrem os teclados da vida
E deles extraem as harmonias estranhas
Com que enchem de sonhos

A minha alma inquieta!

Se a luz do dia

Enche de ânsias claras os meus olhos,
E a noite

Lhes mostra o místico encanto

Do bailado rítmico das sombras!

De que preciso mais, meu Deus,

Se não de uns olhos para ver

E de uma alma para sonhar?!

SEBASTIÃO DE LORENA

NOTICIÁRIO

● Efetuou-se na Câmara dos Vereadores uma exposição de livros, por iniciativa da S.C.A.B. estando à frente da mesma os escritores E. Vitor Visconti e Dilma Cunha de Oliveira. A exposição em aprêço foi muito visitada e apreciada.

● Pelo dr. Paulo Gentile de Carvalho Melo, presidente do IPASE, foram entregues os prêmios de Conto e Crítica da «Revista Ipase» correspondente a 1955. Foram laureados Darci Damasceno (Crítica), com o trabalho «Atividade lingüística» no estilo das «Memórias de um Sargento de Milícias»; Mauritônio Meira e Mário Teles (Conto), com os trabalhos «Os Abutres» e «A visita» respectivamente. A Darci Damasceno coube o prêmio integral de Cr\$ 15.000,00 e a Mauritônio Meira e Mário Teles Cr\$ 7.500,00 por terem obtido ambos o 1º lugar. Julgaram os trabalhos concorrentes os escritores Alceu Amoroso Lima, Eugênio Gomes e Bráulio do Nascimento (Crítica); e Saldanha Coelho, Constantino Paleólogo e José Condé (Contos).

● Após uma permanência de quase dois meses na Europa, onde teve oportunidade de visitar a Suíça, a Alemanha, a Itália e Portugal, regressou ao Brasil, em princípios de dezembro, o poeta e escritor Nóbrega de Siqueira, que, este ano, nos deu dois livros: «Terra Roxa», poemas, e «Sonhaços», contos, este num recente lançamento da Livraria Martins Editora, de São Paulo.

O QUE ÊLES DIZEM

De ROUSSEAU: «Viver não é respirar: é agir.»

De MILTON: «O passado é o melhor conselheiro do futuro.»

De EPICURO: «A alegria faz os fardos leves.»

De BOSSUET: «Não há direito contra o direito.»

BIBLIOTECA

«HIDRA DE LERNA» (Lenda & Realidade), por Eduardo Vaz; trata-se de um livro quente, muito documentado, com 842 páginas, 76 gravuras, 9 mapas, primorosamente impresso em papel «couché», pela editora Saraiva de São Paulo. Prefácio do professor Hilário Veiga de Carvalho. Aborda o volume em aprêço assuntos de palpitante interesse, relacionados com a ciência, sendo bem escrito e exaustivamente desenvolvido o tema que o autor se propôs esclarecer.

«AS DUAS BATALHAS DE GUARARAPES», pelo General de Exército Lobato Filho, em elegante edição Pongetti, estuda, com autoridade, esta memorável página de heroísmo da História do Brasil, em estilo claro e preciso, descrevendo com luxo de detalhes e documentação, o que foram as duas batalhas arduamente vencidas pelos brasileiros, quando da guerra holandesa. O livro é acompanhado de mapas, que ainda mais valorizam essa pequena e preciosa obra de autoria do general Lobato Filho, (autor também de vários outros livros de valor), agora em 2ª edição, já que a primeira, de 1939, se encontra esgotada.

«DUTRA», de Milcíades M. Mourão, longe de ser um livro de elogios fáceis ou de ataques sistemáticos ou indiscriminados, é um estudo do período de governo do hoje marechal Eurico Gaspar Dutra, feito com senso crítico às vezes enérgico, mas dentro de um critério livre de excessos, embora tomando posição definida, na apreciação dos fatos de seu quinquênio de administração. É, como diz a epigrafe do título, história de um governo. Que outros o analisem por diferentes prismas e aspectos. De qualquer forma, um subsídio histórico de valor para a compreensão daquela fase.



DELORGES CAMINHA, INCISIVO:
«A nova geração está matando o teatro».

O TEATRO NO BANCO

— “A NOVA GERAÇÃO ESTÁ
MATANDO O TEATRO!...”

DELORGES CAMINHA DESABAFA
MELANCÓLICO:

“EM “ARTE” NÃO PODE HAVER “EQUIPE.”
★ “TEXTO E INTERPRETAÇÃO” SOBREPULADOS
POR “DIREÇÃO E ILUMINAÇÃO” ★ APRESEN-
TANDO O DIRETOR COMO “VEDETTE”...
★ “RENOVAÇÃO DESORDENADA” E “MOVI-
MENTO DE RETORNO AOS QUADROS TEA-
TRAIS VERDADEIROS”...”

PALAVRAS repassadas de amargura, como desabafo melancólico de um velho e consagrado ator como Delorges Caminha, iniciam nos meios artísticos — através da REVISTA DA SEMANA — um debate oportuno sobre o Teatro.

A evolução dos tempos (na quadra das desintegrações) ameaça, também, a estrutura milenar da arte cênica.

Sangue novo, impetuoso, «atomizado», injetado nas veias dos modernos cultores da arte que imortalizou Sófocles, possibilita a formação de um «movimento renovador», que no âmbito nacional tem a sua maior expressão no chamado «Teatro de equipe».

Delorges — que, modestamente, se apresenta como conhecedor de «alguns» segredos da Arte — levanta, paternalmente, a bandeira de um «movimento de retorno aos quadros teatrais verdadeiros». Não deseja polêmica. Quer, apenas, aconselhar os «novos». É um «chamamento à realidade artística», em face da «desordenada, tumultuada e mesmo indisciplinada» renovação da Arte Teatral, fundida «sem base pedagógica racional».

APRESENTANDO o Diretor como «vedette», a nova geração — com essa mania de «equipe» — está matando o verdadeiro Teatro. Delorges — para quem a Arte Teatral não tem muitos segredos, mercê de seus 28 anos de experiência da ribalta, e com a autoridade que lhe confere a função de Catedrático da «Escola Dramática» da Prefeitura do Distrito Federal — desabafo em tom melancólico. Não pretende polêmicas. Formula, serenamente, críticas de modo construtivo. Não se inflama, não se exalta. Acha que o Teatro tanto pode pertencer aos «velhos» como aos «novos», uma vez que estes últimos atentem mais para a «realidade artística» abandonando o princípio revolucionário de «demolir para construir...»

«O que está havendo no chamado «Teatro de equipe» é apenas uma «inversão de valores». É a super-valorização dos elementos acessórios de que se compõe o Teatro, como «direção», «iluminação», «montagem», em detrimento das pedras angulares: «Texto e Interpretação».

O CIRCO DE ANTANHO

«Antigamente, o circo era assim também. Os prospectos dos espetáculos circenses de antanho anunciavam apenas: «Flores, Música, Alegria». Nenhuma referência ao artista, nenhuma menção ao autor. O circo era o que sempre foi: um espetáculo para os olhos. Mas, o Teatro é muito mais: Teatro é Arte — espetáculo para o espírito.

«Ora, em Arte não pode haver «equipe»... Um Diretor, por mais genial que seja, não faz de um «canastrão» um ator de primeira linha.

QUEM COMANDA O ESPETÁCULO?

«A Direção, por vezes, cabem tarefas ingentes; mas, de nenhum modo se pode relegar o

«intérprete» ao plano secundário. É o «intérprete» que sente, que vibra, que vive o seu personagem (e que, às vezes, salva um mau texto e um mau diretor); é o ator quem, na realidade, comanda o espetáculo.

«Assim também é o texto. É o «enredo»; é a sutileza de uma história imaginada por alguém que às vezes escreve pensando no ator que vai desempenhar o papel do seu personagem.

«Texto e Interpretação» (vide «As mãos de Eurídice») fazem sôzinhos um espetáculo.

«Assim, o Teatro consagrou Racine; assim glorificou Duse».

O PÚBLICO BUSCA EMOÇÕES

— «Quando o público — tendo um espetáculo — deixa o teatro, que comentários se ouvem? «Que bela peça! — Que grande ator!» Por «peça» significou o «texto»; no ator, identificou a «interpretação» — duas coisas que o emocionaram.

«Evidentemente, os chamados «elementos acessórios» («decoração», «iluminação», etc.) não podem ser dispensados. Mas, a «super-valorização» «desses elementos, como pretendem os «novos» é erro palmar».

«RENOVAÇÃO DESORDENADA»

«Sempre fui daqueles que sabem compreender os jovens. Mas, o desejo de vencer e a impetuosidade com que se empenham em suas tarefas, acabam tumultuando seus empreendimentos. É o que acontece com esse «movimento renovador». É uma renovação desordenada, sem base pedagógica racional.

«É isso que me entristece. Esse movimento precisa parar um pouco, para pensar.

«Daqui, faço o meu apelo à nova geração — é um chamamento à realidade artística.

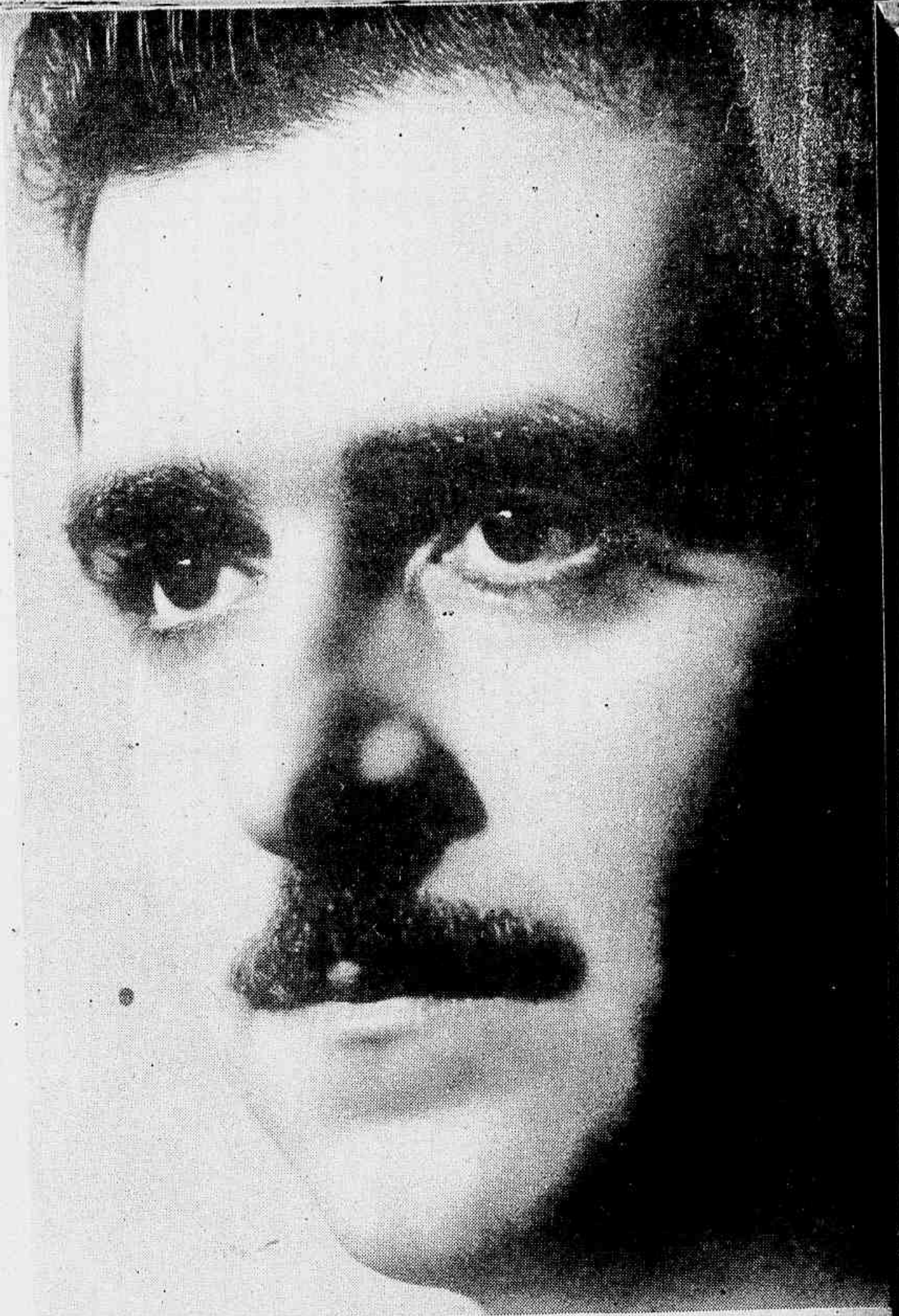
— Vocês, assim, estão matando o Teatro!..»

DE EQUIPE DOS RÉUS

— “URGE “FILTRAR” OS ELEMENTOS NOVOS...”

**GRAÇA MELO ADVERTE
CAUTELOSO:**

“ARTE” É UM CONJUNTO DE TÉCNICAS...
★ “NÃO CONCORDO COM A DISPUTA “IN-
TERPRETAÇÃO X DIREÇÃO” ★ PRESENÇA DO
DIRETOR ★ “ENTRA GENTE NOVA DE “CAM-
BULHADA” PARA O TEATRO” ★ “PARA
ALGUNS TALENTOS NOVOS, UMA SOBRE-
CARGA DE INDESEJÁVEIS...”



GRAÇA MELO, TRANQUILC
“A equipe é uma necessidade em teatro”.

A evolução do Teatro, em seus sucessivos ciclos, veio trazer aos nossos dias a necessidade de um sentido de «equipe», e um equilíbrio entre os valores técnicos e artísticos, dentro de uma **unidade**».

PRESENÇA DA DIREÇÃO»

«Ora, assim sendo, a **presença da Direção** é uma decorrência desta injunção. Era preciso um «maestro» para «alinhar», equilibrar, dar ritmo e unidade, e, sobretudo, estilo a este conjunto.

«Ninguém inventou, de repente, a função de Diretor.

«Ele surgiu como uma necessidade, como consequência inevitável da evolução teatral.

«E não se diga que o Teatro antigo não tinha nada disso, isto é, que não havia a preocupação de «encenação». Havia sim, sempre houve, desde os primórdios da Arte Teatral. Apenas, os recursos empregados eram pobres e primários, porque não se conheciam os elementos técnicos de que hoje dispomos».

«INTERPRETAÇÃO X DIREÇÃO»

«Também — perdoem-me — não concordo com a disputa que se pretende fazer entre os diferentes elementos de que se compõe o Teatro, para saber qual o mais importante. «Teatro é texto!» — dizem uns. «É interpretação!» — «É Direção!» — dizem outros.

«Eu acho, simplesmente, que o Teatro é Arte, e Arte é um conjunto de técnicas a serviço de uma emoção (desculpem-me a definição despretensiosa).

«O Texto será importante quando ele deva ser colocado em primeiro plano.

«Veja-se o exemplo da Poesia. Ela é parte primordial do texto. Pode ser encontrada no

conteúdo ou na forma, numa concepção de cenário ou numa luz; numa «marcação» ou numa simples intenção. Conforme sua presença se assinala, terá a Poesia sua colocação devida. Num texto de Shakespeare ela virá em primeiríssimo plano, é claro».

«A BASE DA «EQUIPE»

«O ator é uma das molas de que compõe a engrenagem do Teatro. Tal como o **Autor** e o **Diretor**. Este triângulo é a base da **equipe** que deve sustentar o Teatro e representá-lo.

Não creio em geração espontânea, muito menos em matéria de Arte. Fico horrorizado, e com vontade de abandonar o Teatro, quando ouço dizer que um «novato» começou por onde os outros acabam.

«Felizmente, esse «slogan» fantástico já raramente é usado. Pode haver «talento» num novo ator, mas ele será sempre bisonho...

«O que entendo por talento em Teatro é a capacidade de atingir a técnica perfeita. Teatro é técnica, e esta não brota das pedras... Ao contrário, desenvolve-se na prática.

«Quanto à presença dos «novos» no Teatro, acho que precisa ser um pouco mais ponderada».

«GENTE NOVA «DE CAMBULHADA»

«Tempo houve em que a chegada de mais um «voluntário» para o «batalhão suicida» do Teatro era um acontecimento para ser festejado sem restrições. Mas, agora o problema mudou. Tem entrado gente no Teatro com a mesma confusão com que o público entra nos cinemas aos domingos: de cambulhada... Para alguns talentos futuros, recebemos uma sobrecarga de pretensiosos, vaidosos e destruidores elementos. Urge colocar um «filtro» no Teatro

HÁ quase 20 anos vive Graça Melo para o Teatro. Trabalha em quase todas as nossas grandes companhias, fez cinema e televisão. Estudioso da Arte, realizou e dirigiu inúmeros espetáculos (entre eles o primeiro «teatro infantil») conquistando medalha de ouro pela Direção de «Massacre».

Foi um dos fundadores de «Os Comediantes» e do «Teatro de equipe». Não é um «novo», portanto.

Ao tomar parte no debate ora proposto, enfrenta o problema com serenidade. Analisa, com sensatez, os argumentos contrários e apresenta suas razões, em defesa dos «novos». Condenando — como Delorges — a «renovação desordenada», adverte cauteloso:

— «Entra gente «de cambulhada» para a Ribalta. Urge colocar um «filtro» em nosso Teatro...»

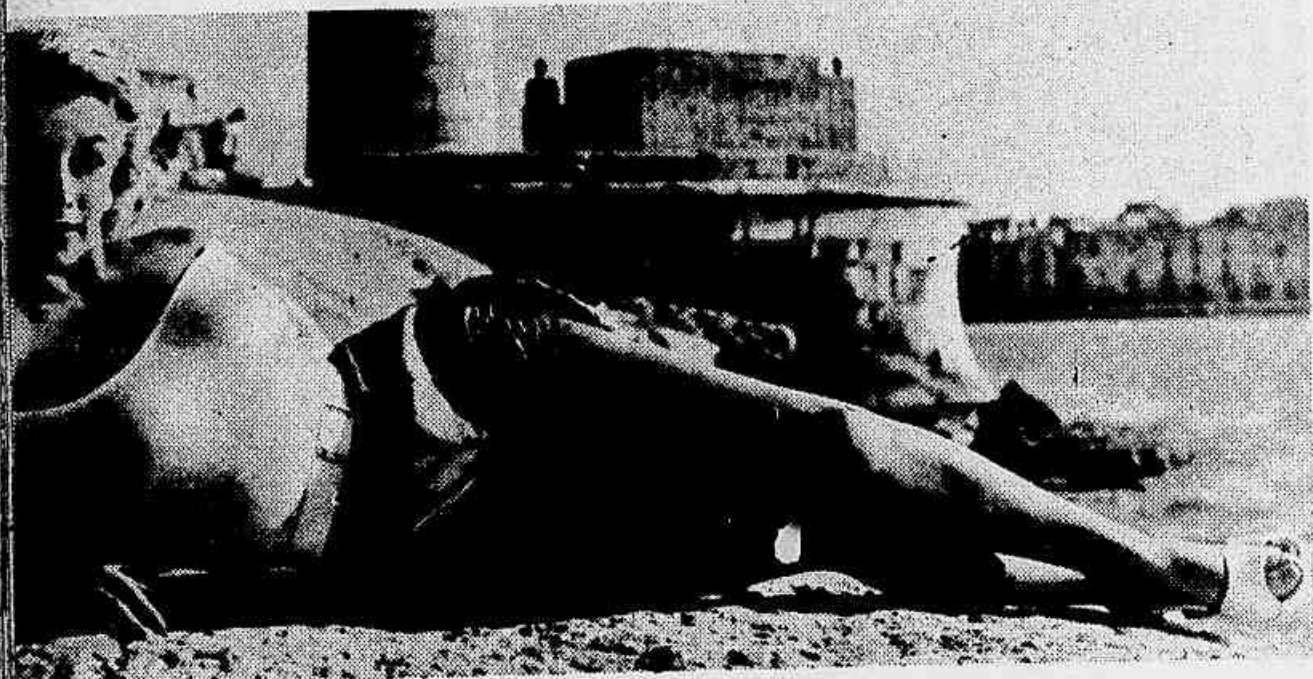
POR ÊSSE MUNDO



CHARLESTON (Estados Unidos) — Uma das casas pré-fabricadas que formavam o colégio «Morris Harvey», dessa cidade norte-americana, foi transportada por sôbre as águas do rio Kanawha, por uma extensão de quinze quilômetros. Com efeito, o estabelecimento foi reconstruído em tijolos, e os elementos pré-fabricados tiveram de ser removidos. Depois da pitoresca viagem fluvial, irão formar, em Saint Albans, um pavilhão especial, em um novo colégio.



OS REPÓRTERES andam intrigados com a côrte que o príncipe Rainier, do Mônaco, vem fazendo à atriz Grace Kelly — na foto sendo beijada por Bob Hope. Queerá a menina tornar-se soberana de Montecarlo?



PARA OS QUE preferem a beleza da mulher ocidental, oferecemos, aí em cima, um retrato de corpo inteiro (e que corpo!) de Margit Ohlsen — uma coisinha sueca. Mas para os que apreciam os requintes orientais, estampamos logo abaixo uma cena de banquete em Bali, com 2 lindas garêtas «vestidas» a rigor. Nós preferimos as balinesas. E vocês?

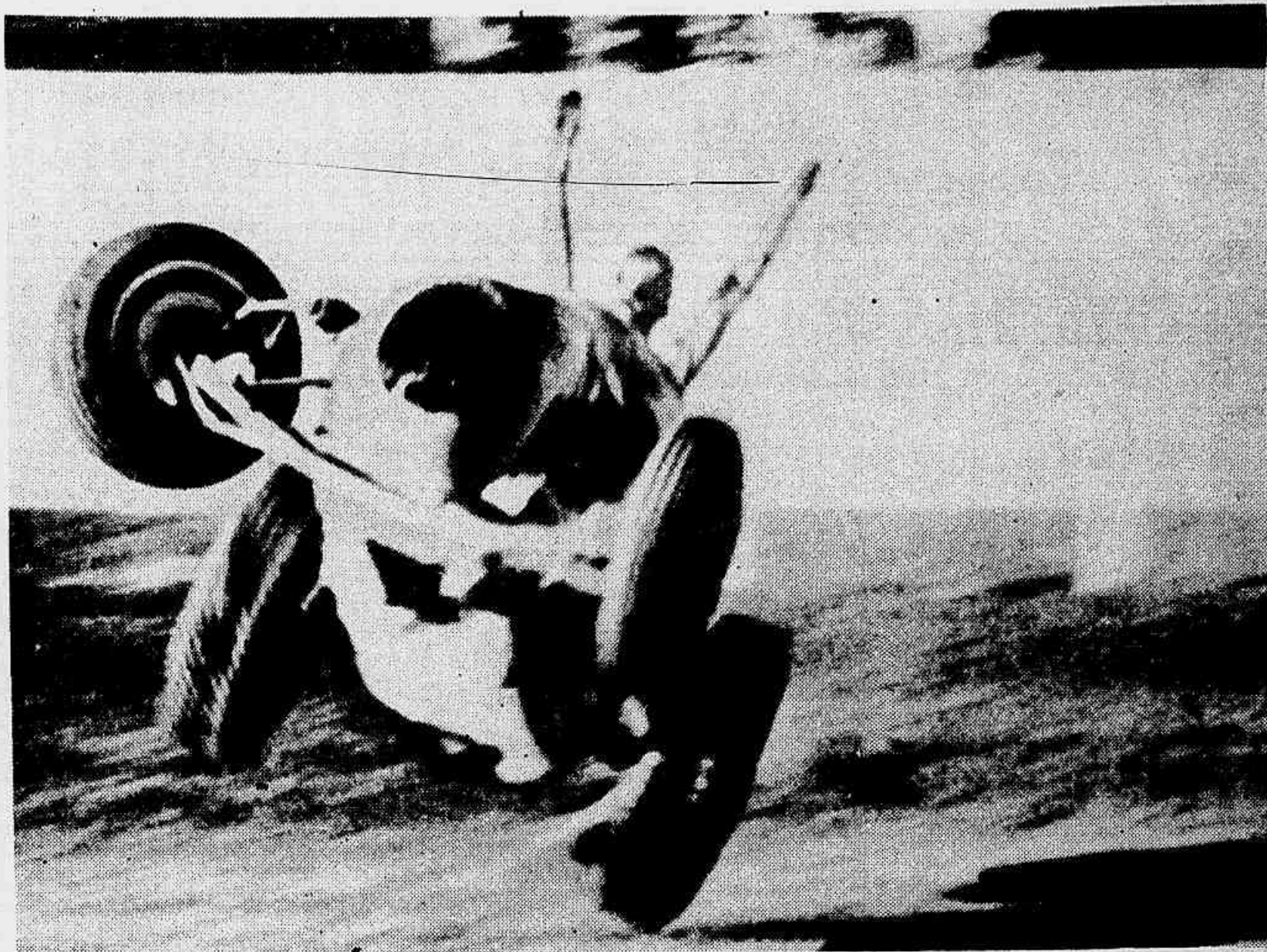


ACIMA, UMA foto de Barbara Hutton ao lado de seu sexto marido, o conhecido barão alemão Gottfried von Cramm, antigo campeão de ténis de seu país. Para os que apreciam as estatísticas, eis a lista dos ex-maridos: príncipe Alexis Mdivani, conde Haugwitz-Reventlow, Cary Grant, príncipe Igor Troubetzkoy e Porfírio Rubirosa. Com essa cara... e milhões de dólares.

DE DEUS



OS DONOS de um circo londrino resolveram o problema do «mamã» de seu bebê, quando ambos são obrigados a superintender as funções da casa: o chimpanzé Minnie ficou incumbido de dar-lhe a mamadeira, na hora de costume.



HÁ MENOS de seis meses, essa mesma Revista publicava uma dramática reconstituição do terrível desastre de Mans, talvez o maior da história do automobilismo. Agora, chega-nos de Phoenix, nos Estados Unidos, a última foto de um campeão, Jack Mac Grath, tirada alguns segundos apenas antes de, na própria pista de corridas, seu automóvel desgovernado, bater desastradamente contra a cerca e incendiar-se.



A DIREITA: Antes de conseguir um extraordinário contrato com uma companhia cinematográfica romana, a estrelinha Ilse Petersen, sueca, é obrigada a se submeter a uma velha prova usada em tempos dos Césares, no templo de Vesta. Assim, mergulha suas lindas mãos na boca de poucos amigos do antigo Deus talhado em pedra. Seu sorriso é de confiança.





Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gesteira* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gesteira*.

A acção que o *Regulador Gesteira* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gesteira* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

UMA NOITE DE CHUVA

(Continuação da pág. 35)

— Vocês ainda moram na mesma casa? As vezes tenho saudades.

— Moramos.

As paredes estavam cheias de cartões postais e retratos, como escudos numa sala de armas. No espelho do lavatório, na fenda entre a moldura e o vidro, Maricota entriara mais retratos, mais cartões. Aproximei-me para ver: um sargento da Brigada Policial, mulato, de bigodes agressivos, um instantâneo de piquenique, numa praia, com mulheres e homens exibindo garratas, em triunfo; um «Boas Festas e Feliz Ano Novo», em letras douradas, cercado um par de noivos a beijar-se; uma negra de vestido curto, de braço com uma sujeita branca, esta de cabelos cortados, muito gorda, monstruosa, como uma sapa; uma criança de colo, espantadinha, sentada sobre uma almofada, olhando a objetiva sem compreender; e outras lembranças, de amigas, de capadócios, de domingos de festa, de coisas tristemente banais.

Um pedaço de sabonete de côco jazia no mármore do lavatório, atirado. Uma abotoadura de homem ficara esquecida. As peças de louça estavam arrumadas sobre paninhos de croché com fitas vermelhas.

— Maricota, adeus.

— Tá bom, adeus. Apareça p'ra conversar.

— Está direito.

— Eu quase nunca paro aqui. Passo uns meses no Rio e moro o resto do ano em Taubaté. Sabes, Taubaté. Tenho lá um português. Ainda não faz três semanas que cheguei e ele já me escreveu.

— Paixão é uma coisa séria. Maricota.

Meu desencanto era tão doloroso que me pus a dar conselhos fingidos, mascarando o sarcasmo com um tom de prudência:

— É, Maricota, paixão é uma coisa séria. Tome cuidado com esse português. A gente lê sempre tantos crimes nos jornais!

Caminhei para a porta. Maricota então levantou-se da cama, procurou a caixa de fósforos e acendeu um novo cigarro que a envolveu de fumaça, sufocando-a, fazendo-a franzir o nariz. Estendi a mão para ela.

— Adeus...

— Adeus, Simão.

Pôs-se a rir.

— De que é que você se ri?

Sacudia-se toda, numa violenta expansão. Parecia que estava sob a obsessão de uma idéia comicíssima.

— Vá, Maricota, explique o que é isso.

Ela pôde falar, afinal:

— Você se lembra daquelas nossas maluquices do noite?

Senti-me envergonhado pela evocação.

— Você era danadinho, Simão...

Eu tinha apenas nove anos naquele tempo... Não sabia o que fazia. Despu-dorada, Maricota vinha reabrir agora o esquecido cofre das minhas lembranças de pequeno Stendhal iguapense. Oh! o balbuciar do instinto, as ansiedades vagas, os gestos vagos na meninice intuitiva! Todos os homens da cidade provocavam Maricota. Boliam com ela, quando passava. Era uma atmosfera ardente em torno da minha pajem. Só eu, porém, conhecia a sua cálida nudez de chocolate, só eu conhecia o cheiro excitante, inexplicavelmente excitante, que vinha daquele corpo. Como o escuro me fizesse medo, muitas noites eu descia da cama e pedia para dormir junto dela. Ficava acolhido, confortado, sob o peso dos braços grossos que me envolviam. Tinha uma sensação confusa, indistinta, de que aquele volume enorme de carne quente encerrava uma coisa desconhecida para mim, exercia uma função que escapava ao meu entendimento, mas que o meu sangue agitado queria adivinhar. Maricota então apertava-me, beijava-me. Minhas pequeninas mãos apalpavam-na toda, agarravam-lhe carnes úmidas, no silêncio da casa adormecida.



ENTRE PITIGRILLI e Pedro Bloch, o ator Enrique Guitart, no camarim do teatro Buenos Aires, na capital argentina.

PITIGRILLI INTERPRETA “AS MÃOS DE EURÍDICE”

BUENOS AIRES APLAUDIU ENTUSIASTICAMENTE A INTERVENÇÃO DO FAMOSO ESCRITOR, TRANSFORMADO EM PERSONAGEM EXTRA DA PEÇA DE PEDRO BLOCH — SEGUNDO ANO DE CARTAZ NO TEATRO BUENOS AIRES

Texto de L. CASTILLO

Foto de M. CASALES

BUENOS AIRES — Janeiro de 1956 — Sem dúvida o maior sucesso jamais alcançado nesta Capital por uma peça estrangeira foi o de «As mãos de Eurídice» do autor brasileiro Pedro Bloch que bateu todos os recordes de bilheteria do último ano e conferiu a Enrique Guitart, o ator espanhol que a interpreta, uma justa celebridade pelo seu magistral trabalho. É tal a veracidade, a autenticidade da interpretação de Guitart, tamanha a participação do público no espetáculo, que as mais curiosas cenas têm tido lugar e, agora, que a peça vai entrar em seu segundo ano de cartaz, em Buenos Aires, é oportuno recordar um dos mais pitorescos episódios ocorridos: — o da participação de Pitigrilli na interpretação de «As mãos de Eurídice».

O fato teve lugar assim: Pitigrilli (que raramente vai ao teatro) em virtude do estrondoso sucesso alcançado pelo original brasileiro, resolveu assistir a «As mãos de Eurídice». Com a dificuldade de sempre (pois a peça vem esgotando lotações de semanas inteiras) conseguiu-se um lugar próximo do palco, para o autor de «A virgem de dezoito quilates». Guitart, que durante a representação da peça faz com que a platéia dela participe vivamente, chegando mesmo a deslocar espectadores, a criar verdadeiras polémicas, a um certo momento da peça faz a pergunta: — O senhor sabe o que é o existencialismo?

Por acaso a pergunta tinha sido dirigida a Pitigrilli e Pitigrilli resolve saber o que é existencialismo e trava uma «violenta» discussão com Guitart. Nessa discussão intervem outros espectadores e o próprio autor, presente ao espetáculo.

Conclusão: a cena termina numa ovação e a peça continua.

No final do espetáculo veio Pitigrilli felicitar intérprete e autor declarando:

— Não lhes desejo um outro sucesso igual a este porque uma peça destas só se escreve uma vez na vida e uma interpretação assim não se repete jamais.

— Não vá cair na escada.

— Não há perigo.

— Então boa noite, Simão, Apareça.

— Sim, Maricota.

Abriu-me a porta. Sai para o ar gelado da noite.

— Até outro dia, Maricota.

— Quando escrever para d. Candoca, dê lembranças minhas.

Ah, isto era o cúmulo! Segui tonto. Dei um esbarão num preito que vinha pela calçada. Eu ia como que bêbedo. Dentro de mim havia mágoa, saudade, pena, revolta... A vida!

Um frio ganhava-me as pernas, endurecendo-as. Lembrei-me então de que tinha os sapatos encharcados. Bonito! Agora não escapava. Ia apanhar um resfriado! Belo negócio.

Rápido, entrei no botequim. Cheguei ao balcão e pedi um conhaque. O garção foi ao armário e tirou a garrafa: ia já me servir quando, picado por um desejo novo, suspendi a ordem. Hesitei comigo...

— Não há um reservado aqui?

— Ali no fundo, por aquela porta. Quer que o sirva lá?

Hesitei mas... Enfim, aquela noite estava mesmo perdida para a retidão e a virtude. *Similia similibus curantur*. O ambiente do botequim (decerto havia bêbedos no reservado) ia fazer-me bem. O meu acabrunhamento pedia álcool, álcool...

— Leve lá a garrafa. E embarfustei pela porta do fundo.

CALÇADO

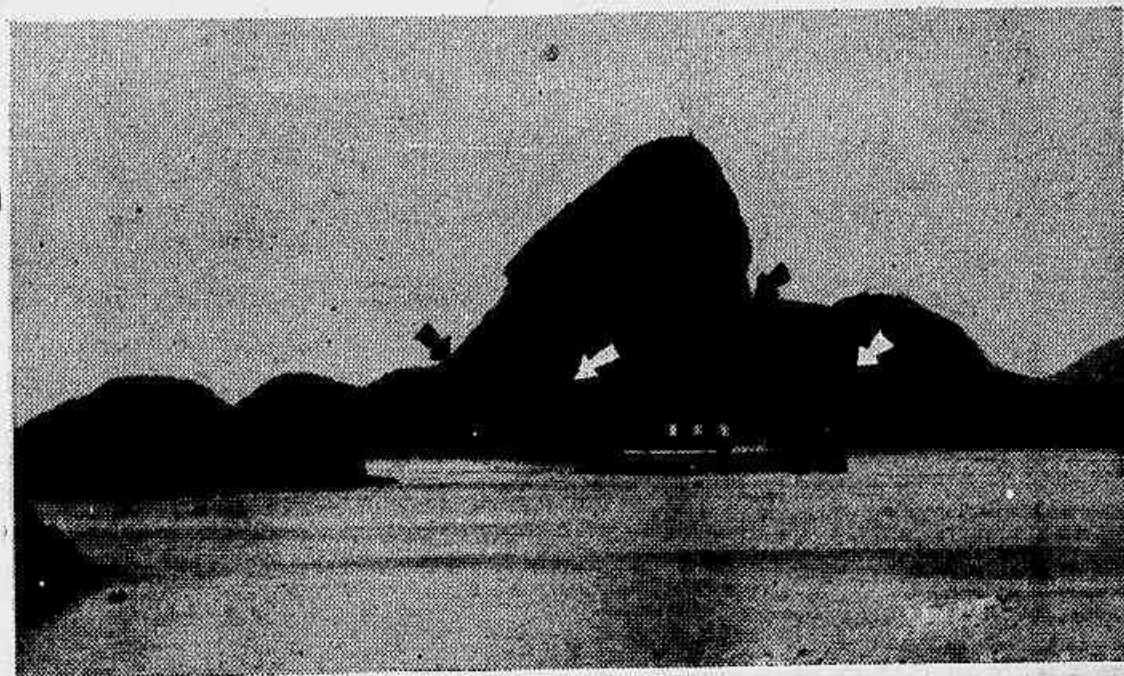


Máximo conforto
garantia absoluta

NO RIO AINDA EXISTEM TROGLODITAS

HISTÓRIAS CURIOSAS DE INDIVÍDUOS QUE, DENTRO DO RIO DE JANEIRO, PENSAM QUE O PRESIDENTE DA REPÚBLICA AINDA É O SR. GETÚLIO VARGAS ★ NO AMAGO DA PEDRA, NA CONDIÇÃO DE VERDADEIROS TROGLODITAS, UMA CENTENA DE PESSOAS SE ESCONDE DA VIDA MODERNA ★ UM PINTOR EXCÊNTRICO E UM MUTILADO QUE BANCA O TARZAN ★ CENTENAS DE CÃES E NENHUM GATO

Reportagem de VINICIUS LIMA



Eis o Pão de Açúcar, visto de longe. Nada se percebe, porém as setas indicam os vários locais onde seres humanos vivem em estado primitivo.

A POLÍCIA não persegue vocês?

— Não, ela não tem coragem de subir 300 metros de montanha braba, lamacenta, cheia de urtiga. Além disso, cada um de nós tem mais de 20 cachorros e o «Bentevi» possui 52. Qualquer coisa os cachorros avisam a gente. O sr. só chegou porque não correu dos cachorros, senão...

A conversa prosseguiu entre latidos de dezenas de cães:

— Eu acho que a polícia não vem aqui porque anda muito ocupada com o estado de sítio...

— Estado de sítio? O que é que há lá por baixo?

— Ora, então vocês não sabem que estamos em estado de sítio?

— Não.

— Não é possível!

— E', sim. Quer saber de uma coisa? Gente destas bandas não sai, e das bandas de lá dificilmente aparece alguém neste lugar. Pra falar a verdade, a última pessoa que veio aqui foi um repórter, mas não falamos com ele...

Os diálogos acima, entre o repórter e um indivíduo, que se destacava de um grupo, não se deram no interior do Amazonas ou nas cabeceiras do rio Tocantins, mas em pleno Rio de Janeiro, no centro da cidade, na tarde do dia 3 de janeiro corrente.

Parece uma história fantástica, mas não é absolutamente: no coração da capital brasileira, há quem ignore o que se passa entre nós, existindo mesmo alguns que julgam que o Presidente da República ainda é o sr. Getúlio Vargas.

SERA POSSÍVEL?

Quem passa pelas imediações do cartão de visitas da «Cidade Maravilhosa», o Pão de Açúcar, longe está de imaginar que nas suas entranhas, pelas ilhargas do gigantesco rochedo, uma centena de estranhos seres humanos, vive nas condições de verdadeiros trogloditas, morando em furnas, dormindo sobre trapos e fôlhas e alimentando-se de frutos silvestres, peixes e lagartos.

Alguns deles são analfabetos e ali residem por mera preguiça; outros, no entanto, já tiveram casa montada, rádio e geladeira. Liam os jornais diários e criavam os filhos como qualquer um de nós. Mas, certo dia algo de horrível lhes aconteceu. Desesperados, fugiram dos arranha-céus, tal é o caso de Sebastião Amoedo, cuja história nos foi narrada por um seu companheiro de infortúnio.

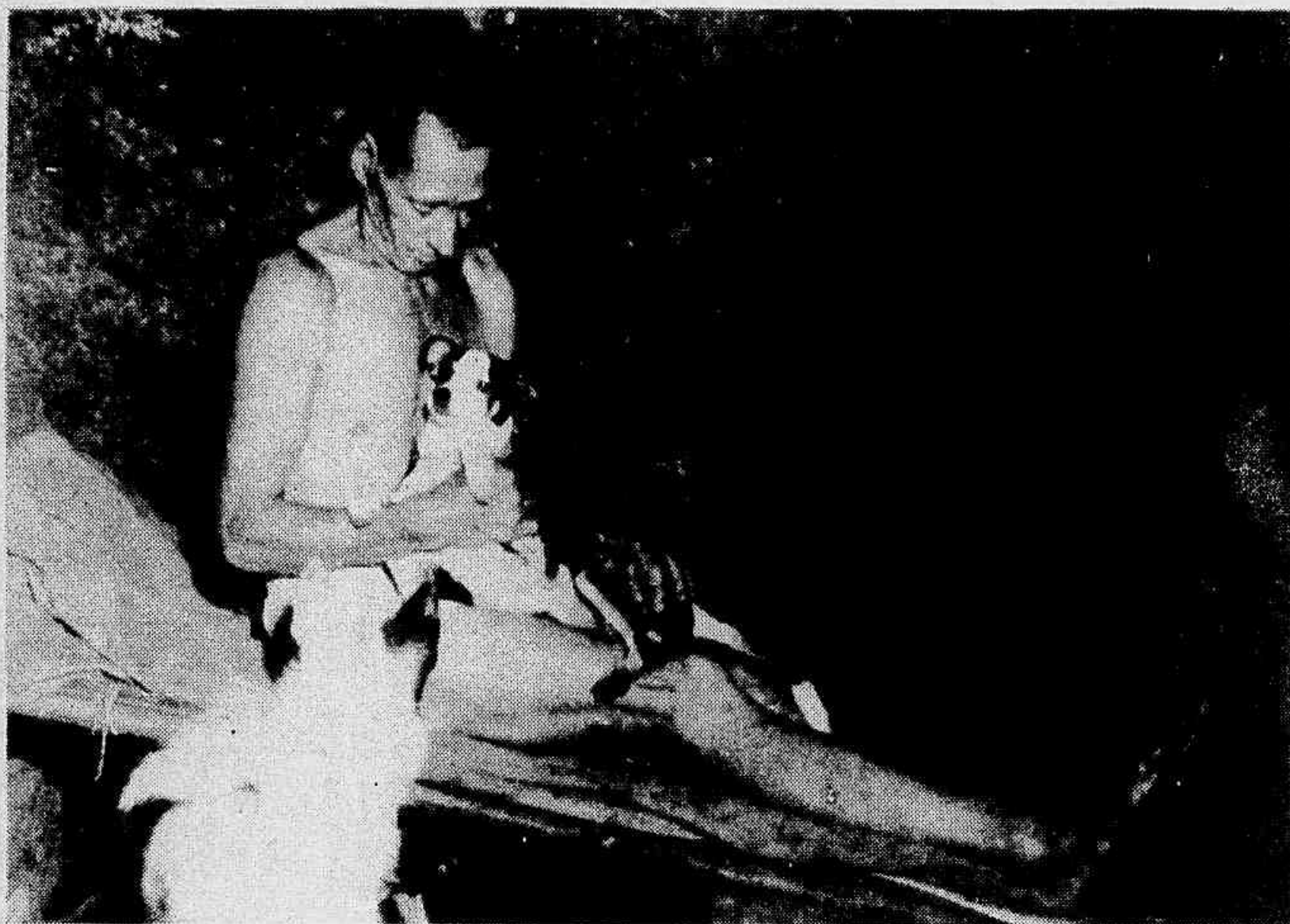
UM MONGE SEMI-NU

Antes de contarmos a história curiosa e triste de José Sebastião Amoedo, para que os leitores tenham uma idéia da vida que ele e seus comparsas levam nas furnas do Pão de Açúcar, faremos resumida explanação sobre o terreno por nós visitado, porque, para quem olha de qualquer ponto do Rio de Janeiro para aquela maravilha da natureza, a idéia que tem é que se trata simplesmente de uma gigantesca pe-





EM PLENO Rio de Janeiro, a poucos passos da Avenida Rio Branco e de Copacabana, esse homem leva uma vida primitiva, embora feliz.



«BENTEVI» é um português pacato, já de meia idade. Vive junto ao Pão de Açúcar há muitos anos, rodeado de cães. Prefere-os às pessoas.

dra que possui em torno de si alguma vegetação. Mas a verdade é que, para se atingir o pedra do Pão de Açúcar, pelo lado da praia Vermelha, anda-se inicialmente cerca de três quilômetros sobre gigantescos canos de esgoto, à beira mar, numa altura de quarenta a cinquenta metros. Depois, galgando a encosta da serra, começa-se a subida por veredas, dentro da mata infestada de mosquitos que chegam a dar a impressão que não se está em plena civilização. Nesse bosque, além de pequenas raposas, existem pacas e tatus, já muito escassos, e aqui e ali, furnas gigantescas, justamente onde moram os figurantes desta reportagem.

Vamos, agora, à história do nosso primeiro personagem:

Sebastião Amoedo era casado e tinha três filhos, mas criava também um seu irmão mais novo, que era por ele educado. Apenas seis anos mais velho que o seu mano, Amoedo tinha por ele verdadeira devoção. Resultado: ao

regressar certo dia do trabalho descobriu que a esposa o trala com o próprio irmão.

Primeiramente, José pensou em eliminar os filhos, o irmão e a esposa. Pensando nisso (morava na Urca) foi andando sem destino. Attingiu a Praia Vermelha e prosseguiu. Finalmente encontrou uma gruta, dentro da qual passou a noite. No dia seguinte, voltou à cidade e com o dinheiro que tinha comprou roupas e apetrechos de pesca. Regressou à gruta e nunca mais quis sequer tomar conhecimento da existência dos seus. Faz 22 anos.

UM PINTOR EXCÊNTRICO

Manuel é um rapazinho de 25 anos, que veio do interior do Estado do Rio. Não tendo onde morar, foi andando aí pela cidade, a exemplo do que fizera José. Ganhou o mato, e também encontrou uma gruta. Achou a paisagem bonita, a pescaria fácil e resolveu ficar morando ali.

Mas, segundo ele próprio, há um problema em sua vida, que é o estudo. Por isso mesmo, Manuel é a exceção à regra, porque sai para estudar, diariamente. Mas não deseja trocar seu refúgio pelo melhor apartamento do Rio. Acha que um artista somente pode viver na miséria e em contacto com a natureza. Não quis tirar fotografias, embora anteriormente o tenha feito para este mesmo repórter, e foi nosso cicereiro dedicado durante a tarde inteira que passamos nas matas do Pão de Açúcar. Contou-nos histórias interessantes, de seus vizinhos, e disse também que recentemente os ladrões foram, durante sua ausência, à gruta em que reside, e levaram de lá mais de 30 telas por ele pintadas, algumas das quais já tínhamos visto por ocasião de uma visita que lhe fizemos em 1954.

O HOMEM DOS CACHORROS

«Bentevi» é um cidadão português que habita a melhor gruta do Pão de Açúcar. Em sua companhia moram cerca de 50 «vira-latas» muito bem tratados. Sua história é uma incógnita. Sabe-se apenas que detesta as mulheres e os próprios vizinhos, somente porque estes não cultivam certa planta que espanta as cobras jararacas, as quais matam seus cachorros. Não sai das imediações de sua fuma há 25 anos, passando o tempo todo de caniço à mão, ou simplesmente caçando restos de macumba, pois coleciona objetos deixados pelos pais de santo, achando que eles lhe trazem sorte...

UM ATLETA MUTILADO

Curioso, mas naquelas bandas, quase ninguém é conhecido pelo nome. «Capenga» não faz exceção à regra. Pesando cerca de 50 quilos apenas, «Capenga», um mulato magro, alegre e feio, é no entanto dono da mais bela cabrocha das redondezas. Embora mutilado, — pois não tem uma das pernas — é o «can-can» de toda a zona. Briga e pesca como ninguém. Sobe às pedras mais difíceis apenas com o auxílio de sua muleta. Corre pelo mato, saltando pelos galhos das árvores, com uma habilidade extraordinária. Interrogado sobre como tinha ido parar ali, disse simplesmente:

— «A vida aqui é mais saudável, mais fácil do que lá em baixo. Descobri isso há 12 anos, e desde então, não tomo conhecimento do que se passa no Rio de Janeiro».

— Porque vocês não constroem casas para morar?

— Porque as grutas estão aí mesmo, e não é só isso: se a Prefeitura viesse a saber que existem barracos por aqui, trataria de pôr a polícia em cima de nós. Não havendo barracos, não há razão para a polícia nos perseguir, coi-



SEMPRE HÁ lugar, mesmo nas habitações mais humildes do local, para o pequenino oratório improvisado a um canto.

sa aliás muito difícil, porque para vir até onde moramos, é preciso ser alpinista.

— Mas não vivem ladrões por estas bandas?

— Claro. Todas essas grutas vazias por aí, são ocupadas por ladrões, desses que vivem assaltando casais aí pela Praia Vermelha. E' mesmo arriscado a qualquer pessoa andar por aqui. Mas, com gente de máquina fotográfica, eles não se metem, porque seria provocar a polícia.

— Gente de máquina fotográfica? Não compreendo.

— Eu me refiro às máquinas de jornal e revistas, eles as conhecem. Quando o sr. vinha chegando, não notou que muitas pessoas botavam o chapéu na cara e sumiam de mansinho? Os que ficaram nas grutas e falaram com o sr., são os que nada têm a temer...

— E como foi que você perdeu essa perna?

— Foi num desastre de bonde.

— E como consegue subir montanhas e correr desse jeito?

— A gente acostuma, sabe... A muleta acaba sendo mais útil que a perna. A minha, tem mais elasticidade, posso engatá-la numa pedra e ir adiante. Numa briga, é um braço comprido que tenho...

— Mora há muito tempo aqui, «Capenga»?

— Muito tempo...

— Dizem que você é a pessoa mais respeitada da zona.

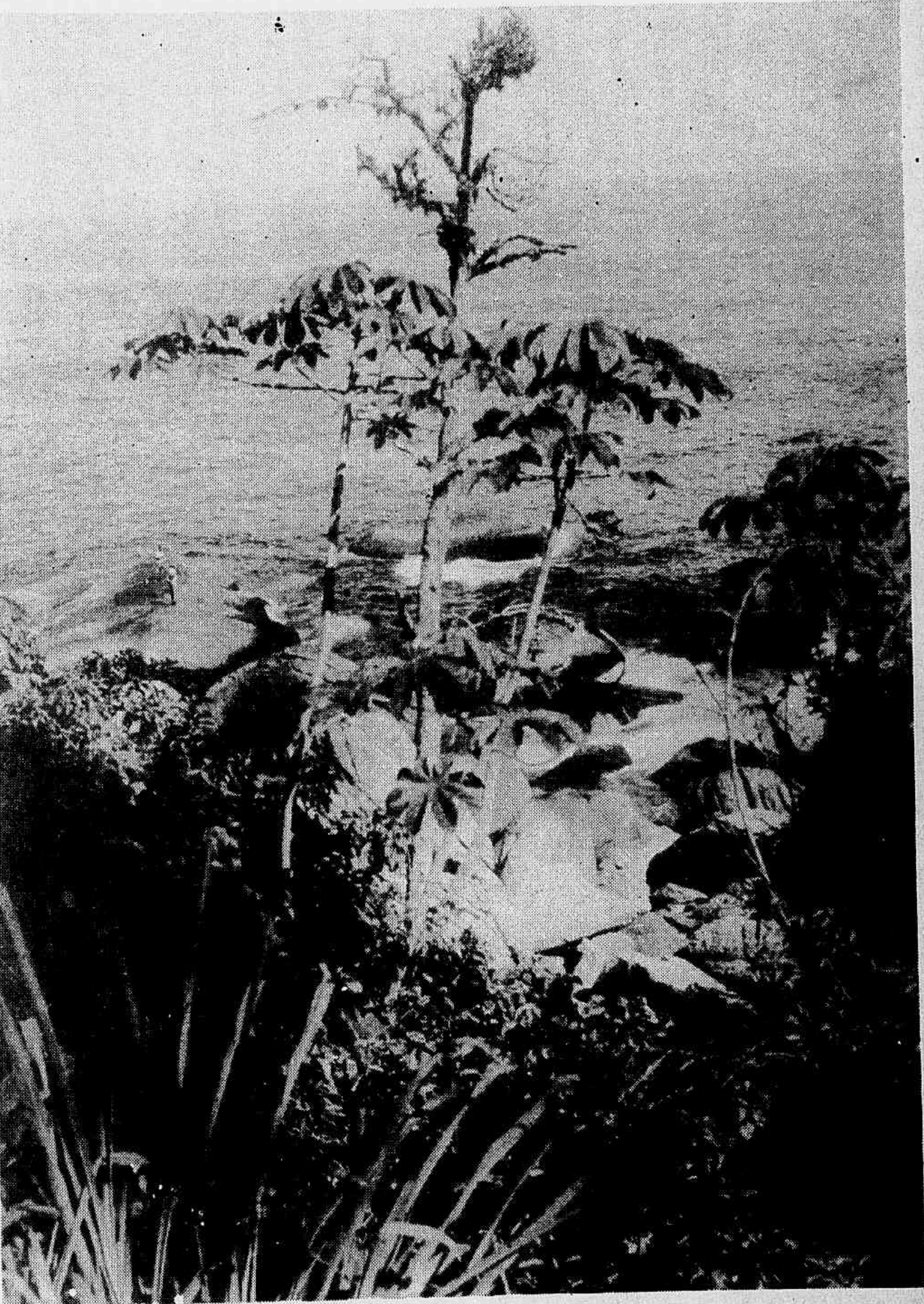
— Bem, eu não «bulo» com ninguém, mas se «bolem» comigo...

— Seus filhos nasceram aqui?

— Nasceram, sim. Tenho dois e fui eu mesmo o parteiro. Aliás, quando nasce uma criança nestes lados, sou quem pega as bichinhas...

Sobre «Capenga», outros moradores contaram histórias interessantes. Disse-nos um cidadão, que «Capenga» pesca porque gosta, mas não necessita, porque os moradores se sentem na obrigação de fornecer-lhe alimento em troca da «proteção» sadia que ele lhes dá. Ligeiro para correr, para brigar e no manêjo da faca, é por isso o terror dos malfeitores, que sabem que todo o mal feito a qualquer pessoa das cavernas do Pão de Açúcar, tem como resultado o revide implacável do negrinho, que além disso, é excelente nadador. Por isso mesmo, quando há dificuldade, ou quando há carência de peixe, «Capenga» resolve a situação com um arpão. Tendo bom fôlego, sem fazer uso de máscara e nadadeiras, ele é capaz de arpoar peixes de regular tamanho em mar aberto, fornecendo dessa maneira alimento para todos.

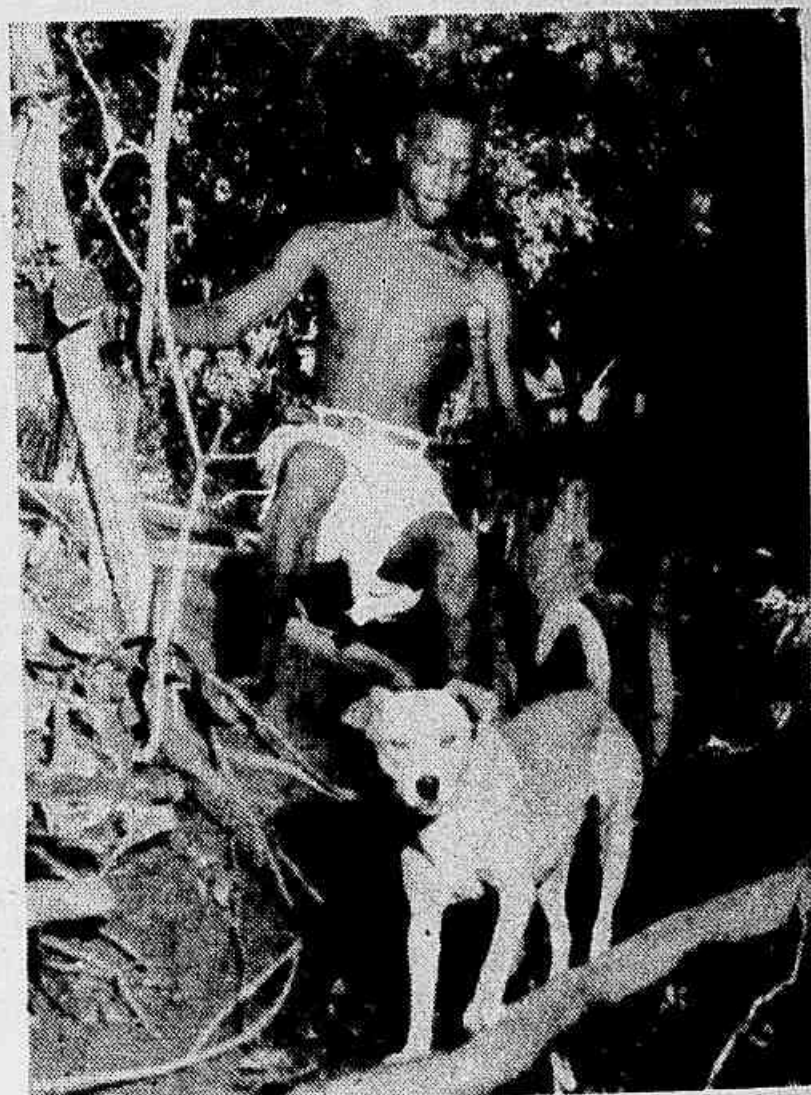
POUCOS apartamentos de Copacabana e da Lagoa poder-se-iam gabar de uma vista tão bela quanto a que do local se descortina.



UMA FAMÍLIA TÍPICA: o marido, a mulher, o rebento do casal, e, sôbre a pedra, um vigilante cachorrinho.



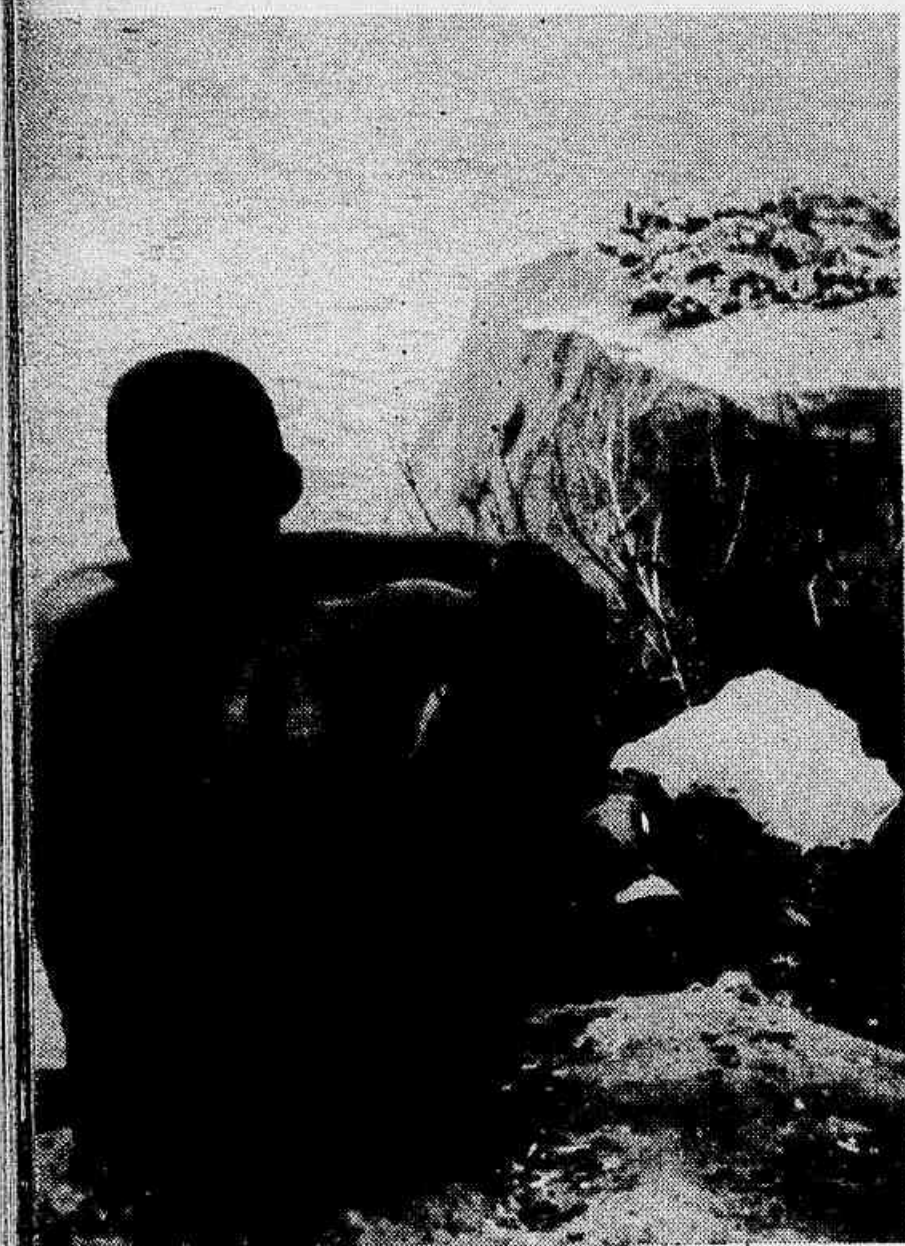
«CAPENGA» com seu filho. No local, todos se conhecem pelos apelidos. Os nomes ficaram esquecidos lá em baixo, no asfalto.



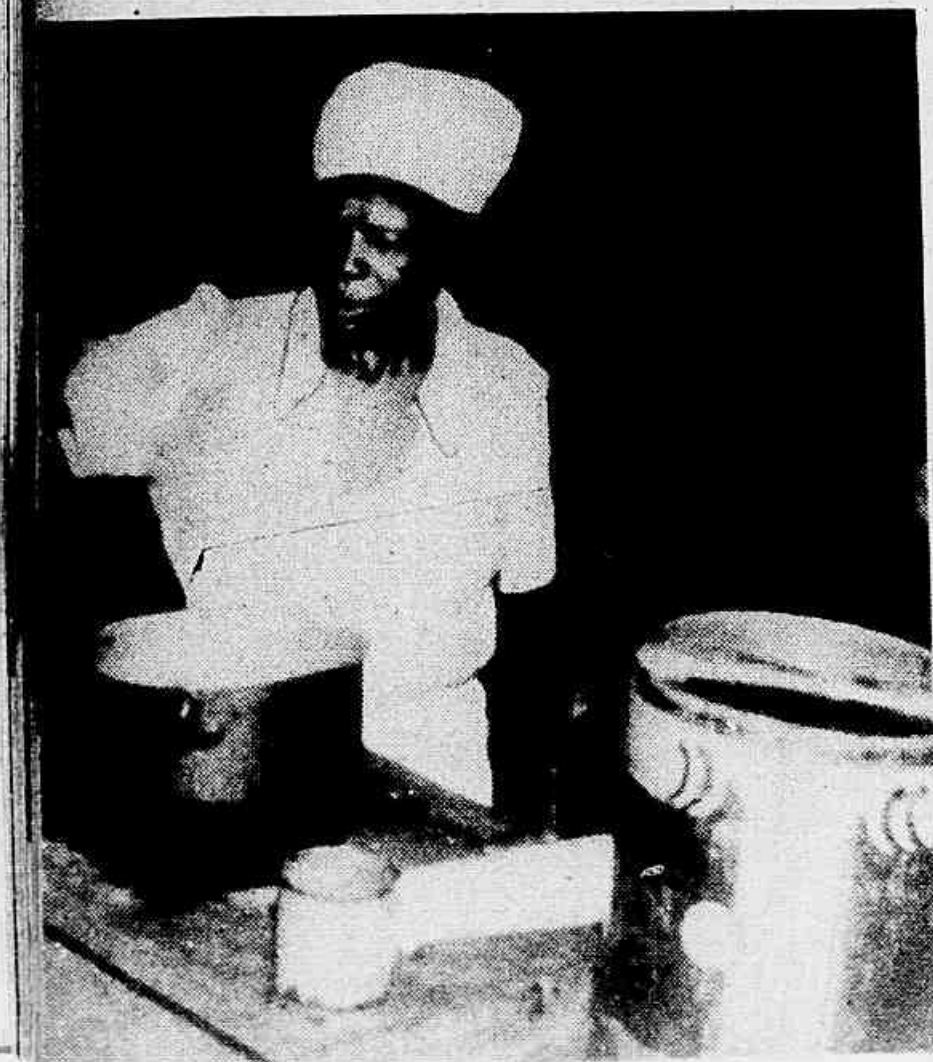
«CAPENGA» é o atleta do grupo. E' impressionante a facilidade com que sobe e desce pelas veredas escorregadias e íngremes.



AGIL e bem-humorado, «Capenga» nos serviu de guia durante toda a duração de nossa visita. Seu cão o acompanhava aonde quer que fosse.



A PAISAGEM é uma das poucas coisas grátis que ainda existem. Os habitantes das raízes do Pão de Açúcar, quanto a isso, não se preocupam



PORCOS E LEÕES MARINHOS

De conversa em conversa tomamos conhecimento do já famoso leão marinho que ronda aquelas praias. Disseram-nos os modernos trogloditas, que existem dezenas de leões marinhos por ali, há muito tempo. Alguns são pequenos, outros chegam a ter 5 metros de comprimento e a pesar, segundo os cálculos, uns 2.000 quilos.

Mas vimos — isto sim — centenas de suínos que nos assustavam ao se espantarem na mata. Soubemos que os tais porcos são de propriedade de um criador clandestino que vive num eterno dilema: sabe que todos os seus vizinhos comem seus porcos, mas não se pode queixar à polícia.

UM MUNDO DIFERENTE

Infelizmente, não é possível, dentro de uma simples reportagem, contar toda uma série de histórias que dariam muitos volumes. Mas o resumo dessa história é que aquele recanto é um mundo diferente.

Dentro de uma cidade como o Rio de Janeiro, pessoas há que vivem nas mais primitivas condições de vida: em grutas, alimentando-se com os recursos que a natureza lhes proporciona. Embora durmam no chão duro, temos apesar disso que reconhecer que a vida ali é diferente e boa. Ouvem-se os aviões. Sobre as cabeças de cada um, passa o bondinho do Pão de Açúcar; a paisagem é magnífica e há fartura de peixe, razão possível da presença dos leões marinhos.

Ninguém pensa em pagar aluguel. Não há igualmente o problema da feira livre e os sobressaltos comuns de uma cidade. Também não há estradas por ali, e, finalmente, não há nada, absolutamente nada, que perturbe aquela gente que se escondeu da vida, sem recorrer à morte, pois, nos dias atuais, é comum a fuga da vida. Muitos se evadem buscando a morte. Mas aquela gente do Pão de Açúcar, não. Eles mudaram de vida, preferiram o estado primitivo e quem nos poderá afirmar que a civilização tem mais vantagens? Quem?

As portas das casas dos trogloditas das encostas do Pão de Açúcar, são galhos de árvores. Por isso, em vez de bióxido de carbono que emana dos veículos, eles respiram clorofila, durante o sono e também durante o dia. O peixe que pescam não vai ao gelo, a água não atravessa adutoras: vem do âmago da terra, cristalina e pura.

Que importa que alguns pensem que o Presidente ainda é o sr. Getúlio Vargas? Naquelas bandas, o chefe é «Capenga». A todos interessa a saúde de «Capenga». Juscelino, Nereu, Jango, Getúlio, Café Filho ou Carlos Luz... esses mandaram ou mandam nas gentes dos arranha-céus, ou mesmo no povo das favelas...

GETÚLIO MORREU?

«Capenga» nos levou a uma gruta distante, que fica bem no topo da pedra principal do Pão de Açúcar. Pelo caminho, disse ao repórter:

— Há mais de um ano que eu não falo com o «Téu-Téu». Não sei o nome dele e acho que ele mesmo não sabe. É difícil conversar com ele, mas eu indo, talvez ele fale:

— Boa tarde, «Téu-Téu», como vai?

— Vou indo.

— Trago um repórter que quer falar contigo.

— Não sei pra que. Um dia deste veio um outro aqui, tirou meu retrato; tava mais morto que vivo da subida. Esse também tá... Mas, como vão as coisas lá por baixo?

— Ainda estamos em estado de sítio.

— Estado de sítio? Então querem de novo derubar o dr. Getúlio?

— Getúlio, ora, «Téu-Téu». O dr. Getúlio suicidou-se há muito tempo.

— Que nada, home, tá brincando?

— Não, ele morreu mesmo e depois dele o Café Filho assumiu, ficou doente e não voltou mais ao poder.

— E quem é que manda, agora?

— Deixa eu acabar. Olhe, o Café Filho ficou doente e foi substituído pelo sr. Carlos Luz, presidente da Câmara. Houve uma confusão tre-

A COMIDA, composta de raízes, pesca (sempre abundante) e ervas variadas, é preparada em cozinhas improvisadas, no interior das grutas.



O HOMEM feliz não usava camisa. «Bentevi» também não a usa. Detesta os homens, e procura somente os cães para companhia.





E' SOBERBA a vista descortinada do alto do local. Eis «Capenga» e alguns vizinhos, mostrando, ao longe, alguns aspectos da cidade.



PARA SE CHEGAR ao local, é necessário andar por sobre esses gigantes canos de esgoto, durante três quilômetros, ou mais ainda.

menda e o sr. Nereu Ramos é agora o Presidente da República. Você não ouviu, aqui tão perto, atirarem no «Tamandaré»?

— Tiro essa gente dá a três por dois, como é que ia saber que estavam atirando no Tamandaré? Além disso, tiro que se ouve aqui só mesmo tiro de canhão...

— Mas o «Tamandaré» é um navio de guerra, um cruzador, «Téu-Téu».

— Ora, eu sei que há o «Minas» e o «São Paulo». Também, esse navio novo... Ora, também, eu não vou lá por baixo há uns 20 anos.

— E' possível?

— E'.

— E como você veio parar aqui?

— Coisas da vida.

— Algum desgosto?

— Não pergunte não senhor, com licença.

«Téu-Téu» retirou-se e «Capenga», como já escurecia, convidou-me a descer a montanha. No caminho, embora o repórter insistisse, afirmou desconhecer detalhes sobre a vida de «Téu Téu» e concluiu:

— Ele até falou muito, hoje, e sabe porque? O sr. não viu aquelas costelas de porco penduradas na parede? Ele andou matando porcos do vizinho e falou para ver se eu não perguntava nada.

E assim terminou nossa visita às encostas do Pão de Açúcar, o cartão de visitas do Rio de Janeiro, em cujo âmago cerca de uma centena de brasileiros vivem na condição de trogloditas. Poucos vêm à cidade propriamente dita, talvez porque, tendo vivido no borbórinho da metrópole, acham que a vida ali é bem melhor, sem COFAP, sem o SAPS, sem nada...

VEJAM SÓ a entrada dessa «habitação». Um homem mal pode nela entrar encurvado. A idade das Cavernas não é, como se pensa, algo de peculiar aos compêndios de História.



METAMORFOSE DO RIO DE JANEIRO

EDUARDO TOURINHO

EM fins do século XVI, a Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro derivou das cumieiras do desaparecido Morro do Castelo para a várzea estralada de lagunas e marchetada de charcos.

Além da lagoa de Socopenopan — **caminho batido dos socós**, que é a atual Lagoa Rodrigo de Freitas — havia a do Boqueirão ou das Mangueiras, que o vice-rei D. Luís de Vasconcelos fez aterrar a fim de que o Passeio Público fosse construído por mestre Valentim. Contavam-se, ainda, a do Destêrro — que ficava entre o Morro de Santo Antônio e o de Santa Teresa — e a de Santo Antônio, propriamente, que inundava o Largo da Carioca dos dias presentes. A da Sentinela — que o gentio chamava Capueirusu, **lavoura grande abandonada** — espriava-se da Rua do Senado a Catumbi, cobrindo a Rua Frei Caneca.

Três ladeiras ligavam, então, o Morro do Castelo ao chamado Campo da Cidade: a da Misericórdia, a do Cotovelo e a da Ajuda. Era essa — a da Ajuda — que dava passo para a zona

agrícola desses tempos: o Catete, as Laranjeiras, Botafogo e a Gávea.

No começo da era de seiscentos, as primeiras vias públicas rasgavam-se na planície: as ruas da Misericórdia, de S. José, da Assembléia e a Direita — a mais importante de todas — que se tornou a Rua Primeiro de Março. Na época, concentrava a maior expressão econômica. As terras em que se abriu a Rua de S. José — então Caminho de Santo Antônio — pertenciam a Barbosa Calheiros, descendente de um dos conquistadores da cidade. Em 1609 tinha um vistoso sobrado, que era a residência do fidalgo Luís de Figueiredo. E teve também o repulsivo depósito de escravos que precedeu ao sombrio Trapiche do Valongo, instituído pelo marquês do Lavradio. A da Assembléia — chamada Caminho de S. Francisco — cortava a sesmaria de Braz Cubas. Potentados como Diogo de Maris, Álvaro Gomes Osório, Gonçalo Gonçalves — o Velho — e Miguel Ayres Maldonado, passaram a residir nessas ruas da várzea.

O Porto das Mercadorias era na Rua D. Manoel, onde os jesuítas montaram um guindaste para o transporte de cargas da baixada para o Morro do Castelo, tal haviam feito na Cidade do Salvador. E, perto, ficava a **Balança-de-ver-o-pêso**, onde as caixas de açúcar eram conferidas antes do embarque e que foi explorada pelo bravo, talentoso e voraz general Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

Em 1680, o casario alcançou o Largo da Carioca, que a lagoa cobria. Em 1643, um cano de escoamento para o mar-fôra aberto na atual Rua Sete de Setembro. Torna-se a Rua do Cano. Dois anos antes — com a mesma finalidade — uma vala atravessava a Rua da Uruguiana até a Prainha. É essa a Rua da Vala. A do Ouvidor foi em 1673, Travessa do Gadelha. Um trecho, em 1590, tivera o nome de Aleixo Manoel, fidalgo da Ilha Terceira que aqui enriqueceu e foi Vereador do Conselho da cidade. Foi, também, chamada Rua do Barbalho e — de 1690 até meados do século XVIII — era a Rua da Cruz. Em 1780 torna-se, enfim, Rua do Ouvidor em lembrança do ouvidor Francisco Antônio Berquó da Silveira Pereira — que nela morou. Ao encerrar-se a centúria, a Rua dos Ourives — aberta até o Morro da Conceição — polarizava o comércio do ouro e tornara-se morada preferida dos judeus. Distantes dos Quadrilheiros e da ação do Fisco, abrigava contrabandistas e moedeiros falsos.

A minguar de **Cirorgiões, Licenciados** e artífices, o Rio era o paraíso dos que possuíam Engenho ou Fazenda, como Martim Clemente de Matos, Botafogo, Francisco Velho ou Domingos Leitão. Tinham casa no centro da cidade e largos tratos de terra que centenas de escravos trabalhavam de sol a sol. Latifundário na Tijuca, em Jacarepaguá e em Campos dos Goitacazes

tornou-se Salvador de Sá e Benevides. Dono de prédios na cidade e de Fazendas na Tijuca e em Guaxanduba, fez-se Ayres Maldonado — conquistador de Campos e, aqui, provedor da Misericórdia.

O território que constitui a Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro integrava-se no das antigas Capitanias da Paraíba do Sul, Cabo Frio e S. Vicente, de que foram Donatários Martim Afonso de Souza, Gil Góis da Silveira e Pêro Góis. Os Tamoios chamavam a terra, de um lado, YTERÔ ou NITERÔ — **água reunida, estuário**, no tupi — que Hans Staden, em 1548, grafou ITERRONE; o padre Simão de Vasconcellos (1667) NITHERÔ e o cônego Januário da Cunha Barbosa — no século passado — NICTHEROY: **mar escondido**. Teodoro Sampaio opta por **baía segura, água abrigada em seio**. O outro lado da angra — o Distrito Federal de hoje — era GOANÁ-PARÁ, o **lagamar**, a Guanabara enfim. Em 1833 houve como que uma revisão dos limites territoriais da cidade. Para a então Província do Rio de Janeiro passaram alguns distritos e freguezias. O ato adicional à Carta de 25 de março de 1824 tornou o Rio de Janeiro Município Neutro ou da Côrte, com a área que até o presente não mais sofreu alterações.

Em 1851, iniciou-se a navegação a vapor entre o Rio e os portos europeus. Três anos depois, os logradouros públicos tiveram iluminação a gás. O primeiro trecho da Central do Brasil foi inaugurado em 1858. A rede de esgotos foi começada em 1866 e as novas canalizações de água em 1880. O telégrafo submarino para o estrangeiro é de 1874 e as linhas de bondes datam de 1868, com a **Jardim Botânico**, que era a «Botanical Garden Rail Road Co.» Debeladas as epidemias — febre amarela, varíola e peste bubônica, **as patrióticas** — coube ao prefeito Pereira Passos iniciar, em 1902 e 1906, a transformação da cidade. Casarões coloniais, becos e vielas cederam lugar a longas avenidas, largas ruas, esplendentes edificações... E essa metamorfose ainda não terminou...

EM nada mais lembra a cidade o Rio de Janeiro do século XVII, com caminhos intransitáveis, ruas sem calçamento, lixo em pirâmides e a Cadeia sem grades de onde os presos fugiam. O Conselho — a Câmara — e os Ouvidores mal podiam prover as necessidades da «urbs» em expansão. Só em 1680 pôde o Conselho fazer fornecer — por duas vezes — azeite de baleia para iluminação das casas. No ano seguinte, tiveram os Vereadores **quatro mil réis de propina** em «cada huma das festas reais»: as procissões de Corpus-Christi, do Anjo, de São Sebastião e de Santa Isabel.

E, por isso, na CORREIÇÃO de 1696 proclamava o ouvidor Manoel de Souza Lôbo: — «Este Senado é tão pobre que muitas vezes não chega a receita a despesa»...



NÃO SE TRATA de nenhuma rua mourisca em Lisboa ou em Toledo, mas do Beco dos Teles, próximo à Praça 15. Um Rio de outras eras.

Entre "acelerado" em 1956

1171



um
VOLKSWAGEN
novo!



E Você pode entrar decididamente com o pé direito acelerando o seu Volkswagen - presente da Cibrasil aos prestamistas.

Venha imediatamente inscrever-se para o sorteio de janeiro! A Cibrasil já entregou um total de 93 automóveis... e o próximo pode ser seu. E se você não for sorteado, suas mensalidades serão integralmente devolvidas no final do plano. Inscreva-se agora! Um Volkswagen novo e zero quilômetros é o presente que todos desejam...

Mensalidades de Cr\$ 100,00, Cr\$ 200,00 e Cr\$ 300,00 (1.º pagamento mais selos e taxas)

Cibrasil

AGÊNCIA CASTELO: AV. ALM. BARROSO, 81-A
AGÊNCIA GOVERNADOR: AV. PARANAPUÃ, 1563-D
AGÊNCIA LEBLON: AV. BARTOLOMEU MITRE, 297-A
AGÊNCIA RONSUCESSO: R. CARDOZO MORAIS, 55

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

21-1-1906.

COMO DEVEMOS FUMAR

SEM pretendermos tomar parte na eterna questão sobre as vantagens ou inconvenientes do uso do fumo, procuraremos unicamente, aqui, servindo-nos do bello trabalho do dr. Nalbasse, medico persa, dar algumas noticias sobre o fumo que, estamos certos, interessarão mesmo ao leitor não fumante. O historico do tabaco começa, pode-se dizer, com a descoberta do novo mundo; os marinheiros de Christovam Colombo observaram que os habitantes das novas terras tinham o habito de queimar umas folhas secas e aspiravam a fumaça pela boca. Foi na ilha Tobago que tal costume foi observado pela primeira vez e d'ahi o nome de tabaco. Christovam Colombo trouxe para a Europa, as primeiras sementes da planta; vinte e cinco annos depois, Fernando Cortez mandou, também, algumas amostras a Carlos V. Mas, só cincoenta annos mais tarde é que esta planta ficou conhecida em todas as cortes europeas. Jean Nicot, embaixador de Francisco II, rei de França, em Portugal, trouxe para seu paiz as folhas e alguns pés de tabaco, que por muito tempo foi considerado como uma planta medicinal, denominada herba de Nicot, ou nicotina. Curava, então, todas as moléstias, o que se dá com todos os remedios novos. Entretanto, já se começava a fumar o tabaco, como na America; e dentro em pouco, a cousa tornou-se um divertimento, um habito, uma mania, uma segunda natureza, apesar de todas as prohibições dos soberanos. Luiz XIV tinha verdadeiro horror pelo tabaco e não admitia que se fumasse no palacio. Na Inglaterra Jacques I prohibio o uso do fumo em 1604. O Papa Urbano VIII ameaçou com a excomunhão a todos os que utilisassem a herba maldita, e até os soberanos do Japão uniram os seus esforços aos da Europa, nesse sentido. Tudo, porém, foi inutil. Se não se fumava, durante o reinado de Luiz XVI, em compensação tomava-se muito rapé, e pode-se dizer que uma das elegancias do Seculo XVIII consistia em deixar cahir sobre o colete, a blusa ou a renda das mangas, para sacudil-o em seguida com um elegante agitar dos dedos. Alias, a humanidade sempre fumou. Os romanos usavam cachimbo de ferro para queimarervas aromaticas de que elles aspiravam as fumaças; ainda hoje, não é só o unico producto vegetal que diversas populações mascam, fumam ou tomam em pitadas; ha ainda o bethel, a coca, ouregão, hortelã, mangerona, salva, alfazema, absyntho, ópio, hachich. E' fabuloso o numero de fumantes que se acham espalhados pela superficie do globo; poucos, muito poucos, porem, são os que sabem fumar. «Que cousa detestavel que é o vosso fumo, dizia um oriental; alias os senhores, na Europa, não sabem fumar». E' bem conhecido na verdade a prodigiosa variedade de tabacos orientais, desde as folhas mais simples até as misturas de todas estas qualidades, addic-

nados de perfumes diversos ou expostas aos vapores de pinheiros de Alepo, dando formação ao producto conhecido pelo nome de latakich. O dr. Nalbasse, um entusiasta do fumo, reconhece, entretanto, que o abuso é cheio de inconvenientes e o prohiibe terminantemente ás crianças; mas aos adultos, desde que delle não abusem, até declara que o seu emprego é indicado em muitas circunstancias. Algumas odontalgias não encontram instantaneo alivio após tres ou quatro fumaças tiradas de um cigarro? Terminando, aconselha o dr. Nalbasse que não se fume nunca em jejum, nem no quarto de dormir, nem exceder o numero de 3 a 4 charutos por dia, ou o seu equivalente em cigarros ou cachimbo, nem usar o cigarro até a ultima porção, deixá-lo desde que tres quartas partes estejam queimadas. Este conselho funda-se no facto de que o alcaloide contido nas folhas de tabaco, a nicotina, só se volatilizando a 250 graos, é arrastada com a fumaça até a ultima porção do cigarro ou charuto, e será absorvido pelo fumante, se este teimar em consumir completamente todo o seu fumo.

O SEMESTRE COMEÇOU E ACABOU DE MANEIRA MELANCÓLICA — POUCO DINHEIRO E POUCO MOVIMENTO



Ela também filma.

POR várias razões e pouco dinheiro o segundo semestre da Sociedade não foi nada feliz. O movimento social, reflexo da situação social, política e financeira reinante no país, foi dos mais fracos.

Com um nome que deu trabalho à crônica social, esteve no Brasil o Príncipe Mukhrani, da Geórgia, que vive atualmente na Espanha e ameaçou ficar residindo no Rio. Inaugura-se em São Paulo a III Bienal de Arte Moderna. Olga James, no Copa, espantou a todos, dizendo que era uma «boa praça, cheia de truques»; havia aprendido a frase, num almoço com os jornalistas. Chegam ao Rio Constante Moore e Bernardino Pereira para cantar e ver amigos. Numa bonita reunião, no Glória, comemora-se as bodas de prata do casal Guilherme da Silveira. Sarita Coelho foi passear na Europa;



O político transforma-se em teatrólogo.

conheceu e casou-se com o diplomata Raul de Vicenzi, atualmente em Londres.

O aeroporto do Galeão é tomado por uma quantidade excepcional de celebridades que desembarcam de um avião da «Varig»: Jeanne Crain, Walter Pidgeon, Barbara Rush, Oleg Cassini, Cholly Knickerbocker (que entrevistamos), Danton Walker, Bob Consideni, enfim, grandes nomes do cinema e da imprensa norte-americana. Valeu por dez anos de atividade do nosso Departamento de Turismo da Prefeitura. Receberam um milhão de homenagens e foram disputados para almoços e jantares. Enquanto a sra. Paulo Sampaio toca para a frente o seu plano para as Bandeirantes a sra. Sidney Murray organiza jantar em favor da Associação Beneficente de Reabilitação. E chega o primeiro grande choque para as pessoas de Sociedade.

Num acontecimento ao mesmo tempo trágico e inútil, perdem a vida um grupo de pessoas, entre os quais o sr. e sra. Waldemar Schiller, dois exemplos de simpatia, camaradagem e muita categoria. Muito se falou, muito se protestou, mas, até hoje, as mangueiras continuam estourando e as escadas de incêndio enguiçam quase sempre. Com uma excepcional platéia, pela quantidade e pela qualidade, estréia no palco do Copacabana, a peça «O Rio», do jornalista Carlos Lacerda. Patrocinado pela sra. Miguel Couto Filho e organizado pelo cronista Torreão, teve lugar o famoso «bal de têtes». Chega dos Estados Unidos a sra. Vera Butler. Substituindo os Embaixadores Fornari, da Itália, chegam ao Brasil os Marqueses Lanza D'Ajeta. O «Chá da Primavera» constituiu mais um sucesso e lotou completamente os três salões do Copa. A Hípica teve o seu mais concorrido jantar das terças, com a apresentação de Ataulfo Alves, suas pastôras e a Velha Guarda Aplausos.

É discutida e lavrada a ata da primeira reunião da Sociedade de Teatro e Arte, no Country. Enquanto o sr. Ricardinho Fazanello faz as malas e embarca para os Estados Unidos, alastra-se no Rio a notícia do namôro da srta. Carmen Terezinha Solbiatti com o sr. Tony Mayrink Veiga. A revista «Forma» faz uma exposição retrospectiva dos trabalhos publicados. O movimento social está fraco. Estão em grande moda os pequenos jantares seguidos de sessões de cinema em casa. «Bolachinha» e «Pinguinho» foram os donos da noite de apresentação dos Pequenos Cantores de São Domingos, no Copacabana. Iniciativa que alcançou seu objetivo.

Opera-se com um conhecido otorrino carioca, o sr. Hermelindo Matarazzo. Após uma longa temporada no Rio, a belíssima srta. Negra Avellaneda, filha de paulista e argentino, volta para Buenos Aires, onde reside. Envergando a jaqueta azul de marinheiro comandante, com botões e dragonas douradas, presente de Jean Dessés, Elza Maxwell dá início ao cruzeiro pelo Mediterrâneo. Ainda na Europa, toda a imprensa gasta espaço com o provável namôro do Príncipe Ali Khan com a bela modelo, Betina.

Com um sabor acentuadamente eslavo, a Casa Canadá apresenta o grupo «caftan» da linha «Y» de Dior. Trata-se de alguma coisa muito audaciosa, exigindo um tipo especial de mulher para usá-la. Em Niterói, Ludmila Popov é eleita a «charme girl», e o tem à bessa. Um bolo de 370 velas comemora igual número de apresentações do trabalho de Silveira Sampaio, «No país dos Cadillacs». O Embaixador e sra. Antônio Faria receberam para jantar que, ter-

minado, teve a surpresa da presença dos Marqueses Lanza D'Ajeta e seus convidados, que ficaram para ouvir Amália Rodrigues.

Piedade Coutinho, a campeoníssima, está empenhada na construção de uma piscina onde as crianças atacadas de paralisia infantil possam se exercitar. Na Europa, e no mundo todo, só se fala do romance do século, com a Princesa Margaret e o piloto Peter Townsend. O Embaixador da Espanha e Senhora de Suñer receberam na data do descobrimento da América. Abre-se com sucesso o II Salão da Feira dos Decoradores. Excelente o trabalho do sr. Hênio Moreira.

Sob a regência de Eleazar de Carvalho, teve lugar a bela «Noite Experimental de Música».



Ele redescobriu o Brasil.

com solo de piano de Jacques Kliem. Patrocinada pelo Embaixador Hardion e pelo ministro Raul Fernandes, teve formidável repercussão a apresentação do filme de Sacha Guitry, em favor das organizações filantrópicas franco-brasileiras. Abre-se um segundo restaurante chinês. Ada Maria Pereira é escolhida para representar o Caiçaras (ganhou nas duas vezes) na disputa do título «elegante Bangu». «Poeira de Estrélas», de Lucia Benedetti, é apresentado num Municipal completamente tomado.

Em «Um giro em Sociedade» promovemos uma «enquête» entre os homens de Sociedade para saber quais as mulheres mais elegantes, mais bonitas, mais inteligentes, mais simpáticas, de mais «charme» e etc. Participaram desta «enquête», S.A.I. Dom João de Orleans e Bragança, Ministro Alencastro Guimarães, Senadores Gilberto Marinho e Assis Chateaubriand, Barão Max Stuckart, Alfredo Tomé, Aloysio Muniz Freire, Jorge Guinle, Sérgio Figueiredo, Roberto Seabra, Murilo Moreira, Harry Stone, Antonio Maria, Alberto Faria, Alberto Proença de Faria, Luís Barroso, Joaquim Guilherme da Silveira, Carlos Eduardo de Souza Campos e Ary de Castro. Ficamos satisfeitos com o inte-



O ministro ajudou a escolher a mais elegante.

rêsse que a «enquete» provocou e só a falta de espaço nos tira da idéia a vontade de transcrevê-la aqui.

Danny Dauberson está no Rio, com menos sucesso que em São Paulo. Numa tragédia de manchetes mundiais, Ann Woodward, que estivera no Brasil, fazendo parte do avião das celebridades, mata seu marido com um tiro de espingarda. Os tribunais concluíram pela sua inocência. O Lagoinha faz seu primeiro aniversário. Jean Sablon faz sucesso novo com repertório velho. A «cartomante» Senhora Clotilde Melo Vianna foi o sucesso do Bazar da Stela. Os Embaixadores Lanza D'Ajeta dão mais uma recepção. Estão tendo o mesmo sucesso que seu antecessor, os Embaixadores Fornari.

Banzo-Aiê, mais um presente que o sr. Carlos Machado oferece à noite carioca. Uma beleza. O Museu de Arte Moderna marcou mais um tento, com a apresentação dos «Dez Anos de Filmes Sobre Arte». A Sul América fez sessenta anos, num elegante coquetel. O Conselheiro Carlos Eiras é escolhido para Chefe do Cerimonial do Itamarati. O Glória lança o seu Teatro de Arena, com Pirandello. Rosinha Sezerdelo Machado, a «glamour-girl» enfeita a plateia. Nasce o sexto príncipe de Dona Esperança de Orleans e Bragança. Jarma Lewis entusiasma-se com os tecidos Bangu.

Gostaríamos de terminar estas notas retrospectivas como o fazem os filmes norte-americanos. Infelizmente, não é possível um «happy-end». A última nota alegre do ano, de importância social, foi o baile organizado por doze solteiros de Sociedade. Mas, depois disso, dois fatos que envolveram uma das mais tradicionais famílias brasileiras (Guinle) tiveram lugar. Primeiro, o falecimento deste simpático baterista e excepcional homem de negócios chamado Carlos Guinle Filho; depois, o divórcio de Dolores e Jorge Guinle.

Nossos votos são de que, no ano próximo, possamos registrar tão somente fatos alegres.



Seu único crime é cantar bem.



«Poeira de Estrélas» no Municipal

MORREU, COM MISTINGUETT, A ÚLTIMA REPRESENTANTE DOS "VIEUX TEMPS"

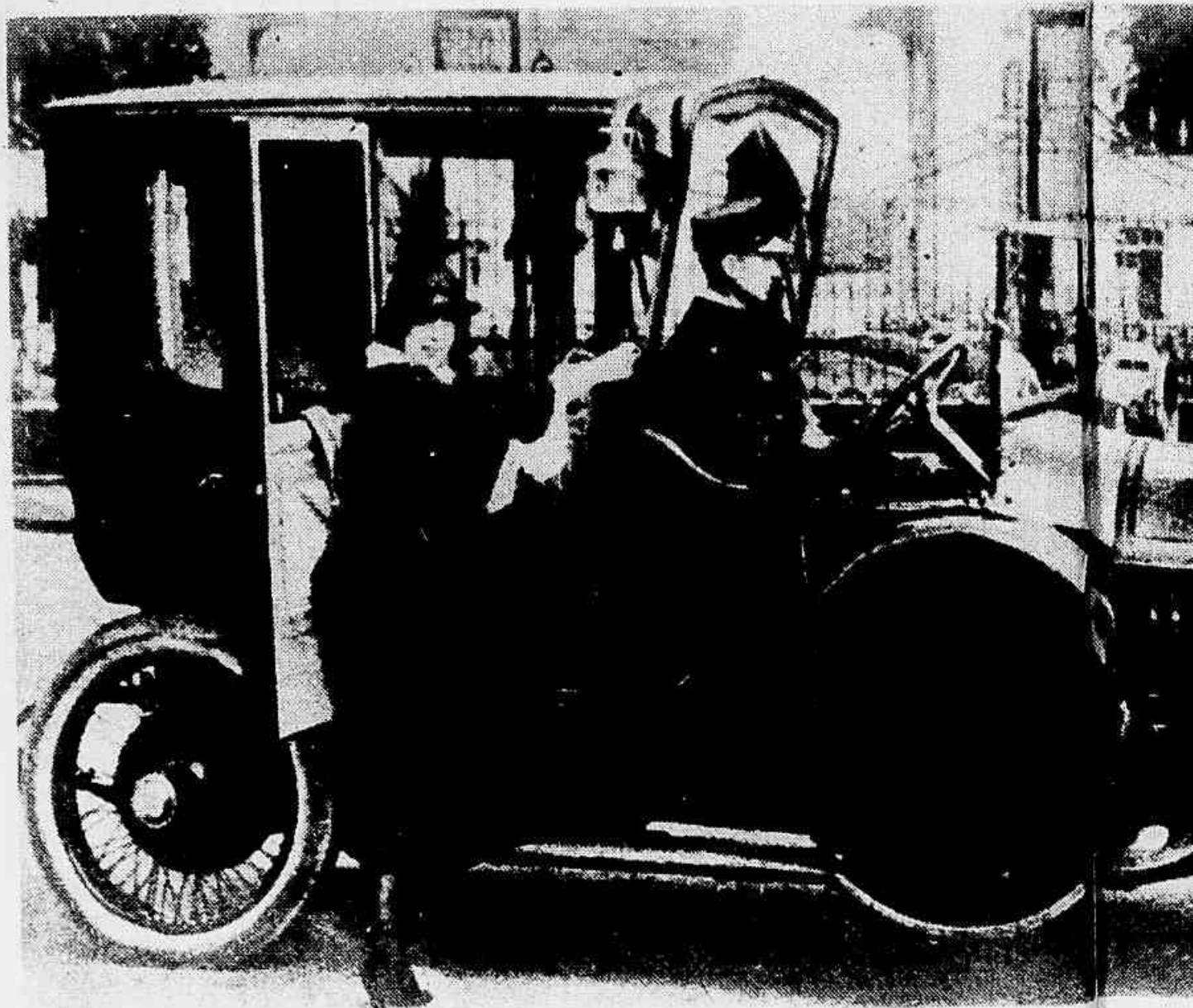
O GRANDE AMOR DA VEDETA POR MAURICE CHEVALIER
E SEUS CIÚMES DE PATACHOU ★ MAX LINDER E AS
FITAS CÔMICAS DE ANTES DA PRIMEIRA GRANDE GUERRA
★ UMA GRANDE AMIGA DOS REPÓRTERES ★ ENTREVIS-
TADA, PELA PRIMEIRA VEZ, POR JEAN COCTEAU ★ MEIO
SÉCULO DE CARTAZ À CUSTA DE DUAS PERNAS "ESPI-
RITUAIS" E DE UM SORRISO MAGNÉTICO ENCANTADOR

Texto de JOÃO ALVARENGA

Se houve uma «estrela» de teatro a quem os repórteres das cinco partes do mundo ficassem devendo um tributo de gratidão, foi Mistinguett. Jamais essa mulher negou uma entrevista, ainda quando iam ouvi-la de caso pensado, para indagar bisbilhotices, a começar pela idade. Mistinguett orgulhava-se de ter sido a mais prestativa colaboradora dos rapazes de jornal e não esquecia aquele detalhe importante:

— A primeira vez que fui entrevistada, ocasionou em mim uma emoção só igual à da minha noite de estréia no palco. O repórter —

um jovem magro e simpático — chamava-se Jean Cocteau... Ambos começávamos. Lembro-me que isso aconteceu no meu camarim do Eldorado... Subitamente, a porta entreabriu-se e vi ao meu lado aquele desconhecido que me oferecia um ramo de violetas... Eram belas, frescas e perfumadas. Comovi-me com o presente... Mas pensei que se tratasse de um galanteador comum. Preparei-me para ouvir algumas frases banais e para o despachar, porque deveria entrar em cena dentro de cinco minutos...



Esta foi a Mistinguett das pernas espirituais, no apogeu de uma carreira que atravessou do século XIX ao XX.

Antes da primeira Grande Guerra, no seu automóvel considerado o mais elegante de Paris. Milhões a aplaudiam e milhares a invejavam...



Já na meia-idade, ela e dois de seus cães prediletos. (Só os admitia da mais nobre raça).

Mistinguett sorria, ao lembrar o episódio remoto:

— Não minto se lhe disser que nessa noite o contra-regra quis multar-me... A orquestra atacou três vezes a minha música e eu no camarim...

Esse episódio foi incluído em «Toute ma vie», o livro biográfico da vedeta e foi também recordado, inúmeras vezes, por Jean Cocteau.

Outra recordação bastante grata a Mistinguett era a sua primeira filmagem, antes da guerra de 14:

— Eu não sabia nada de cinema... E um dia convidaram-me para ver uma fita cômica. Era posada por um bom amigo, rapaz simpático, irrepreensivelmente vestido... Max Linder! Oh, Max Linder, como sabia divertir o público! E leve um fim tão triste...

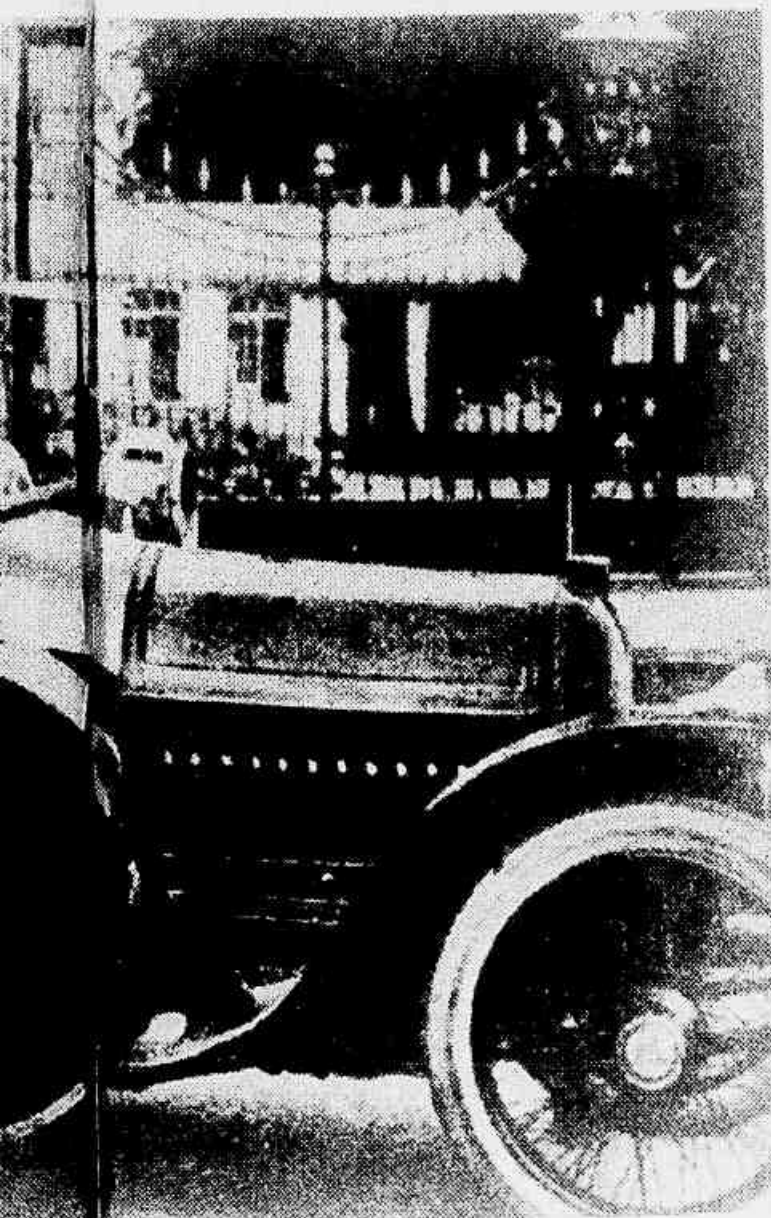
De fato, Max Linder foi, depois, mobilizado, durante a primeira Grande Guerra. E veio a suicidar-se, mais tarde, sofrendo de neurose.

— Filmávamos em plena rua ou nas «terrasses» dos cafés de «boulevard»... Lembro-me que eu fazia sempre uma bizarra «midinette», de sombrinha aberta, saia apertada e os dedos cobertos de anéis com pedrarias falsas... Pagavam-me uma ninharia. Eu não ligava ao dinheiro mas sentia-me feliz indo ver as minhas fitas, depois, nos cinemas daquele tempo, com acompanhamento de piano, feliz porque fazia rir o público humilde, com as minhas caretas e os meus pino-tes... Tinha sempre de cair, sujar as meias e desancar com o guarda-chuva nas costas de um conquistador barato que me perseguia, fazendo-me bater com o nariz no poste... Havia infallivelmente um polícia, alisando os bigodes, para me socorrer ou para me prender... Bons tempos! Eu era pouco mais que uma adolescente...

As memórias de Mistinguett incluem um capítulo destacado sobre Maurice Chevalier, outro seu grande amigo.

— Conheci-o em um «cabaret» de Montmartre e causou-me uma forte impressão. Seu modo de cantar era novo, seus gestos eram precisos e seu sorriso transmitia bondade e ventura a qualquer mulher. Vestia-se com exotismo, ou de marinheiro descuidado, com a boina a pender na orelha esquerda, ou de vagabundo do «boulevard de Clichy»... Só mais tarde se especializou naquela sua figura elegante de «smocking» e chapéu de palha. Nessa noite imaginei o sucesso que Chevalier poderia alcançar no Folies Bergère. Ensaivamos ali, nesse tempo, uma «Valse Renversante», muito em moda, e eu precisava de um «partenaire». Falei ao diretor do Folies, naquele rapaz desconhecido e simpático de Montmartre. Ele aceitou o meu alvitre e mandou convidá-lo. Assistiu ao seu trabalho, na véspera, sob anonimato, no «cabaret», gostou. Deu-lhe o papel de meu dançarino. Senti-me imensamente feliz quando pela primeira vez lhe caí nos braços, quando senti o seu perfume barato e quando demos a primeira volta no salão... Meu peito arfa-

Quando filmava comédias em duas partes, fitas cômicas no tempo de Max Linder, já famosa e mundialmente conhecida.





Quando dançava com Maurice Chevalier, que era então um «brôto» irresistível. Fizeram, ambos, uma dupla notável.

va... E ao trocarmos o primeiro beijo, compreendi que Chevalier participaria da minha vida futura, por muitos anos...

Mistinguett ri, sacode os braços e esclarece:

— Foi bom. Mas não durou tantos anos assim... Ficou uma gran-

de amizade que nunca mais se apagou. E uma amizade dessas, vale mais que um amor eterno...

Contavam os mais íntimos que o grande amor de Mistinguett, talvez o maior, havia sido Chevalier. E que muito na intimidade, ela ia aliante nas recordações:

— Não guardo nenhum ressentimento de Maurice, mas creio que ele me fez o maior mal que um homem pode proporcionar a uma mulher. Eu o amei perdidamente, e ele, pouco mais tarde, deixou-me, obrigando-me a continuar uma vida efêmera. O público bem que compreendeu o meu sofrimento. Assim mesmo guardo de Maurice as melhores, as mais gratas lembranças. E o meu reconhecimento ao público também é enorme, porque muita gente me aplaudia com generosidade e muitas cartas me escreviam, cheias de estímulo... Foram os dias mais amargos da minha mocidade.

Quando, anos mais tarde, Mistinguett soube do romance de Chevalier com madame Patachou, seus zelos, para não dizer ciúmes, voltaram. Um dia, em plena rua, viu-os se despedirem. Chevalier beijou Patachou.

— Por que Maurice beija a Patachou em plena «avenue des



Satisfeitíssima com o sucesso do seu livro de memórias, «Tôda a minha vida», que nem tudo contou da sua vida amorosa...

Champs Elisées»? Porventura ele não vê o ridículo em que está incorrendo?

Como se vê, tantos anos mais tarde, Mistinguett ainda guardava forte afeição pelo colega. Muitas vezes eles se encontraram, pela vida adiante, mas não voltaram a trabalhar juntos.

O Brasil também participou das emoções maiores dessa mulher que atravessou do século XIX para o XX, e se manteve, por mais de cinquenta anos, em grande evidência. Duas vezes ela nos visitou. Quando o fez pela primeira, na companhia Bataclon, trazida por madame Rasi-mi, foi uma decepção para as pla-



...Mistinguett deixava fotografar-se com os motoristas da «Gare du Nord». Nesse ano, apareceu em «Paris-Miss» no Casino de Paris.



Durante um baile de máscaras, Mistinguett oferece uma garrafa de leite a um urso «de verdade», pensando que era alguém fantasiado...

téias do Rio. Aquêles que a conheciam em Paris, nela viam o motivo das suas saudades e aplaudiam de coração aberto. Aquêles que nunca anteriormente a haviam conhecido, salvo através do cinema, julgaram-na demasiadamente velha. E quanto às pernas espirituais, não faltou quem dissesse:

— Exagêro! Só porque nenhuma outra vedeta do seu tempo levantou tanto as saias, é que essas pernas ficaram tão famosas.

Depois ela voltou e o público brasileiro já a recebeu com certo respeito — o respeito que inspiram as artistas não muito moças. A tradição de Mistinguett foi-se consolidando. Hoje, ao saber-se da sua morte, aos 82 janeiros bem vividos, o brasileiro emocionou-se como se a morta fôsse uma compatriota. Nosso público tem dessas coisas.

As memórias de Mistinguett não abrangem tôda a sua vida, mau grado o título, e por outro lado, como sempre acontece, a autora deixou de lado muitos episódios que não lhe agradava recordar. Nem sempre os artistas gostam de lembrar o passado. Certa vez, um repórter indagou de Procópio Ferreira se não cogitava de escrever as suas memórias. E Procópio:

— Memórias vem a ser um sinal de velhice. De não se fazer mais

nada... Eu ainda pretendo fazer muita coisa dentro e fora do teatro...

O mesmo aconteceu com Mistinguett. Houve quem afirmasse que suas memórias teriam sido escritas por Jean Cocteau, o primeiro repórter que a entrevistara. Ou por uma secretária muito íntima. O mesmo aconteceu quando Josephine Baker editou as suas memórias.

Mas os últimos dias de Mistinguett, fora do palco, das «boites», entregue a uma vida caseira, na residência do filho brasileiro, não deveriam encerrar muitos motivos para revelações pósteras. Mistinguett só não admitia uma coisa: qualquer insulto às suas pernas «espirituais».

Quando, em Paris, há dez anos, foi realizado um concurso para a eleição das mais bonitas pernas.



Suas pernas eram famosas, mas seu rosto inspirava uma grande simpatia.

Mistinguett compareceu com as suas. Exibiu-as, num desafio corajoso às parisienses em flor, e houve comentaristas que, por generosidade ou saudosismo, elogiaram as pernas da vedeta setuagenária, com tôda a unção.

Nos bons tempos, Mistinguett não perdia uma oportunidade para fazer propaganda. Das pernas e dela inteira. Posava ao lado dos «chauffeurs» e dos carregadores da Gare

que ultrapassar — adeclara de uma vez.

Quando o cinema americano se interessou por Mistinguett, ela rejeitou excelentes ofertas. E era ainda o tempo do silencioso, sem ter necessidade de falar o idioma inglês.

— Hoje não penso mais em cinema. Faria, de muito bom grado, um filme heróico, em benefício dos soldados da França. Eles, porém,



Pouco disposta a perder a fama de suas pernas, Mistinguett submete-se a um confronto com as de um grupo de concorrentes mais moças. E acabou classificada com «menção honrosa».

du Nord, comparecia às exposições que se inauguravam, prometia viajar de aeroplano (quando apenas Santos Dumont dava a volta à Torre Eiffel) e vestia-se com exuberância, espalhafatosa, em cores vistosas, para provocar ataques dos jornais e particularmente das cronistas elegantes.

— Minha elegância é a minha personalidade e ninguém a conse-

não carecem do meu benefício porque são heróis...

A morte de Mistinguett levou consigo a última representante dos bons tempos. Não será difícil encontrar quem a substitua. E Maurice Chevalier, velhote, cansado, arrependido, sentiu a morte da antiga apaixonada, como se voltasse aos seus vinte e cinco anos.



ÚLTIMO FLASH JUSCELINO CHEGA A WASHINGTON

O Presidente Eleito do Brasil, Juscelino Kubitschek, está atualmente fora do país, em viagem de cordialidade a vários países estrangeiros. Em avião especial, partiu ele do Rio de Janeiro com sua comitiva, e chegou, vinte e poucas horas depois, aos Estados Unidos, onde, em Washington, foi recebido no Aeroporto Militar por Sua Excelência o Vice-Presidente da República, Richard Nixon. É justamente um flagrante da visita de Juscelino aos Estados Unidos que

aqui apresentamos. Nêle, se vê o Presidente brasileiro quando era auxiliado pelo vice-presidente norte-americano a tirar seu pesado capote de inverno. Posteriormente, Juscelino Kubitschek pronunciou importante discurso no recinto da Organização dos Estados Americanos, onde disse da sua satisfação em participar, como Supremo Magistrado do Brasil, em uma reunião dos 21 Estados Americanos.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46



Ano 56 — Nº 3 — Rio de Janeiro — 21-1-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente: Gratuliano Brito
Diretor-Comercial: Ivan Guimarães
Diretor-Geral: Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade: J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores: S. L. Guimarães A. Mendes.
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENFEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

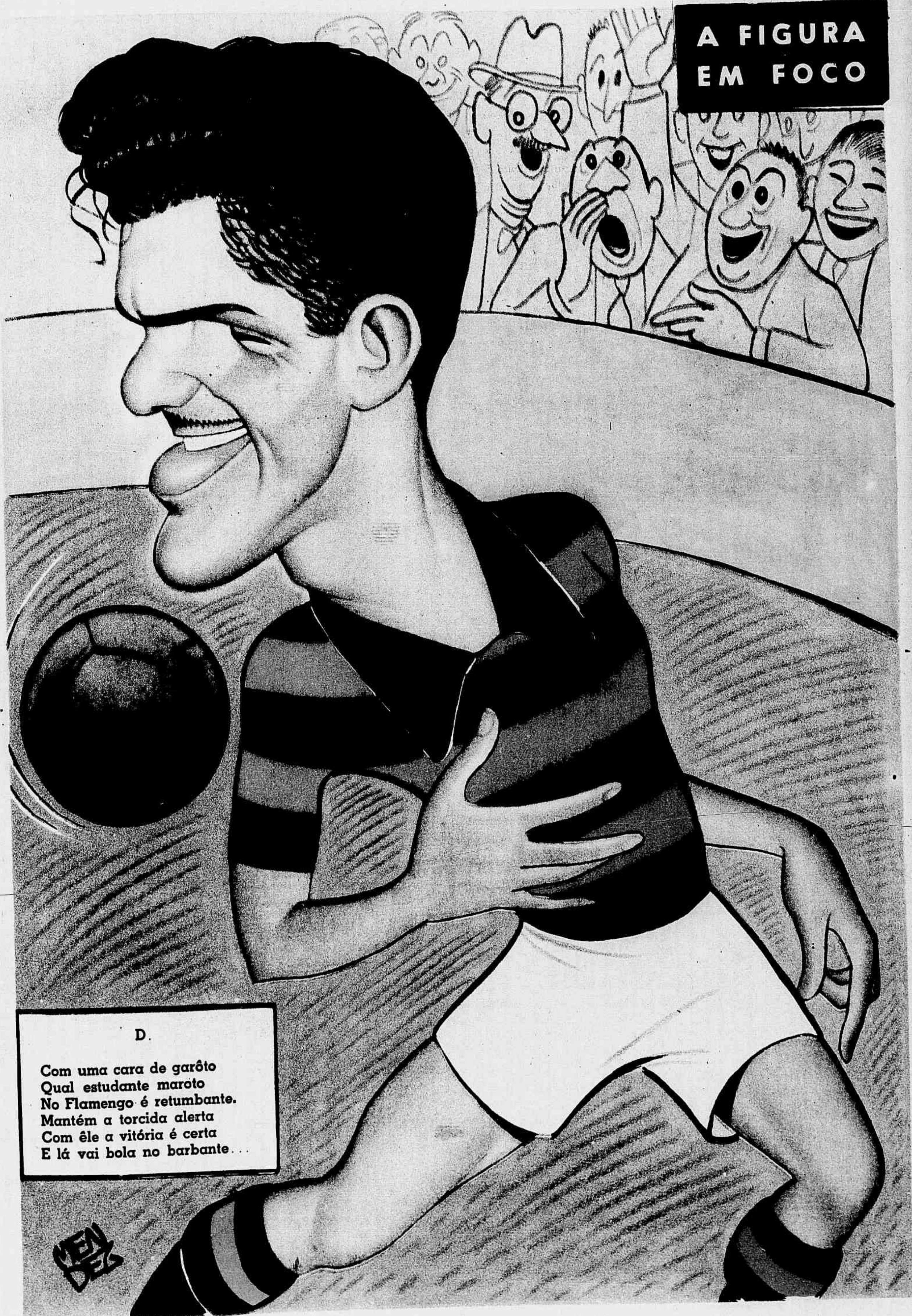
Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**A FIGURA
EM FOCO**



D.

Com uma cara de garoto
Qual estudante maroto
No Flamengo é retumbante.
Mantém a torcida alerta
Com ele a vitória é certa
E lá vai bola no barbante...

VEN
DEZ



DORA

Novela de T. P. KRAG

Ilustração de RAMÓN

T. P. Krag nasceu em 1868, na Noruega, tendo sido, pois, contemporâneo de Ibsen e de Björnson, embora sem jamais atingir às alturas, nem a popularidade desses dois célebres escritores escandinavos. «Dora», cuja publicação hoje iniciamos, faz parte do volume «Crepúsculos», editado em Oslo em fins do século passado.

MORRERAM três pessoas, faz algum tempo, durante um passeio efetuado em barco: uma jovem, seu marido, e um amigo. Conheci intimamente aos dois homens. Como acaso que eu recebesse a triste notícia, me encontrava localizado em um lugar pouco afastado da enseada em que estava situada a propriedade de meu amigo. Um dia, resolvi visitá-la, decidido a esmiuçar certos detalhes que os jornais aparentemente ignoravam, de tal modo buscavam eles em apresentar esse trágico acidente como envolto em mistério impenetrável. Rápido processo judiciário tinha sido instaurado, porém sem qualquer resultado.

Encontrei ali o velho Jacob, criado do moço proprietário, o qual, enquanto sacudia pesadamente sua cabeça coberta de cabelos grisalhos, começou a falar:

— O que sei sobre tudo isso? Muito pouca coisa; porém todos os demais, com exceção de um só, sabem ainda menos que eu. Trabalhei trinta anos sob as ordens do velho proprietário, e estava há dez aos serviços do jovem senhor George. E, a dizer toda a verdade, esse acidente quase que não me surpreendeu, muito embora não estivesse mau o tempo... Quando lhe disserem aliás que foi mesmo um acidente, é melhor não dizer nada... Quando se sabe, como eu, que o patrão tinha falado, antes de embarcar, com Suné Luné, esse homem que jamais se enganou sobre o estado do tempo!... Porém é preciso começar por um princípio. Tudo ia tão bem, e ninguém seria capaz de se queixar de um patrão como o senhor George. Estava ele com 29 anos, quando ELA apareceu. E foi, então, como outrora no paraíso: as mulheres só fazem trazer desgraça e maldição aos homens, aqui na terra. E, tanto quanto possa lembrar-me, as mulheres de hoje em dia são ainda piores do que aquelas de minha mocidade. Então, contentavam-se elas com um pequeno passeio pela estrada, ou com um beijo furtivamente trocado sob as folhagens. Agora, porém, elas querem ir muito, muito além. Ah! é verdade! As jovens dizem assim: «Deixe-me, não pode ser, não, não!» e se defendem, de tal modo astuciosamente, que mais ainda se deixam por nós enlaçar, e depois ainda dizem: «Como tu és desalmado! O que fizeste?» Ah! é melhor não ser jovem, nos tempos que correm...

E, como disse, ELA apareceu. Vivera na capital, em várias grandes cidades, sabia tocar piano e tinha também um conhecido, com o qual

compartilhava mesa e cama, embora nem o pastor nem quem quer que fôsse os houvessem abençoado. Que pensa o senhor de tudo isso? Pois bem, ELA veio por essas plagas, e é preciso reconhecer que era uma mulher que tinha sua beleza e elegância. Seu corpo era uma obra delicada e sedutora, e seus olhos, sua boca, seu nariz, davam, a quem acaso os via, vontade de tornar um dia a revê-los.

O pastor, o advogado, o médico, não desconheciam certamente a quem tinham pelas proximidades, e escusavam-se de recebê-la. O que de resto, pouco ou nada se lhe dava; quando ela encontrava suas mulheres ou filhas, mirava-as com olhar tão altivo, que o ódio fazia-as corar, como se lhes tivesse sido dito: «Que desejam vocês? Não é preciso ser assim tão feias».

Para ser breve, meu caro senhor, meu patrão enrabichou-se de modo incrivelmente tólo por essa mulher. Sabia o que desejava, e possuía mais propriedade e mais dinheiro do que seria necessário. Contudo, via-se, sem possibilidade de engano, que o que tencionava era casamento. Os amigos bem que o vieram prevenir, sussurrando-lhe o que a respeito da moça circulava por aí; contaram-lhe mesmo de um amante deixado na capital, mas, a despeito de todas essas notícias, sua intenção tornou-se mais firme ainda. Talvez sofresse no íntimo, pois a cada dia que se passava mais magro e pálido se tornava. Afinal os preparativos foram concluídos, e ao cabo de mais algumas semanas, os dois se casaram.

No início, tudo parecia correr às mil maravilhas. Todos nós nos alegrávamos, de vez que todos tínhamos grande amor ao nosso amo. Ela mesma se revelava uma excelente pessoa, doce e boa para com os pobres, sim, ultrapassando até em bondade ao pastor e a todos os demais. O patrão, por seu lado, tratava-a como um grande aristocrata deve tratar uma mulher. Até na vida ordinária, de todos os dias, se acaso tinham de atravessar uma porta, ele a fazia passar primeiro, e ao subir numa carruagem, ele a ajudava ternamente, como se ela fôsse uma verdadeira princesa. E ela o seguia a todos os recantos, visitava com ele o pastor e o advogado, e ninguém mais ousava arriscar uma opinião reverberativa de seu procedimento anterior às bodas.

O marido fazia provas de uma confiança ilimitada; percebia-se facilmente que estava de-

cido a não ter o mínimo mau pensamento a respeito do que ela viesse a fazer.

Isso tudo durou cerca de um ano. Depois, veio essa tal viagem ao estrangeiro, que ele desejara fazer, mas que ela, visivelmente, não gostaria de ter feito.

Um dos empregados escutou a senhora dizer: «Tu me tinhas dito que não viajaríamos, George!» Ele respondeu: «Não pode ser de outro jeito». E ela, em trôco: «Se de fato fizermos essa viagem, George, não saberei responder por meus próprios atos».

Afinal, os dois partiram mesmo, de vez que o patrão permaneceu firme em seus projetos. Permaneceram fora pelo espaço de três meses. Quando voltaram, falavam-se menos, e percebemos, nós os criados, que todos os dois estavam convictos de terem feito um cálculo errôneo um sobre o outro. Ah! era penoso vê-los ir e vir como se tivessem a morte na alma. Sobre tudo meu patrão, cujo olhar triste e perturbado jamais poderei esquecer.

E eis tudo o que eu sei: um dia, meu patrão recebeu uma carta, e eu o vi sorrir enquanto a lia.

— Naturalmente, exclamou ele. E' preciso que ele venha. Veremos o que se faz. E' preciso que venha!

A jovem senhora nada disse.

Algumas semanas mais tarde, chegava em visita, ELE, o Outro! Ninguém sabia quem era, mas era muito amável, e bem educado como um estrangeiro. Nós logo desconfiamos de que entre ele e a senhora havia alguma coisa. Pareciam espantados, ao se encontrarem, próximos um ao outro. O patrão, igualmente, adotara atitudes estranhas. Ia caminhar sozinho pelo bosque, e muitas vezes fazia dó o vê-lo assim, sabendo-se embora que todos estavam de seu lado.

O estranho, vinha evidentemente de longe, do mundo onde o pecado impera, pois não tinha

o jeito de quem se apercebe da degradação que o circunda. Quanto a ela, ela apenas sorria mais e mais, e provocantemente ondulava o seu corpo com tôdas as gamas de sedução.

Finalmente, um dia o patrão teve seus olhos de uma vez por tôdas bem abertos, ao voltar para casa imprevistamente.

Era de tardinha, e Andréas, o filho do fazendeiro, veio chamar-me correndo. Disse-me que tinha vontade de tomar um barco e de ir ao encontro dos patrões, pois êsses estavam demorando demais. «Que está dizendo, menino? Eles estão passeando de barco a vela?», perguntei; «Sim», disse o garoto. «Mas não sei nada a não ser isso; pergunte a Suné Luné. E' um homem que conhece o bom e o mau tempo, e que já foi marinheiro».

Percebi que Andréas queria dizer: «Pergunte a Suné Luné se existe perigo». Porém, êle me declarou, mais tarde, que desejava que eu interrogasse o velho, porque o patrão lhe havia falado durante alguns minutos, antes de fazer-se ao largo. E' verdade que a senhora e o outro não faziam nenhum gosto em passear de barco. Porém o patrão os convidava, rindo, de um modo que só êle sabia fazer, e afinal partiram. O tempo não estava tão ruim como de vez em quando costumava.

Isso não impediu que êles tenham morrido afogados. Como se terá produzido a desgraça? Enfim, de que servirá aprofundar isso agora? Mas o que eu penso, é que não se devia ir passear de barco com um homem desesperado, por causa de um fato causado pela gente.

E foi êsse todo o esclarecimento que me foi prestado pelo velho criado Jacob.

No fim da minha estada, porém, encontrei, ao voltar ao meu lar, uma carta daquele a quem Jacob denominava de o Outro. Ela mostra, no fim de contas, como seus erros eram todos desculpáveis, e como resultava, todo êsse

caso misterioso, da fatalidade e de uma inexplicável obstinação. Escrevia-me meu amigo:

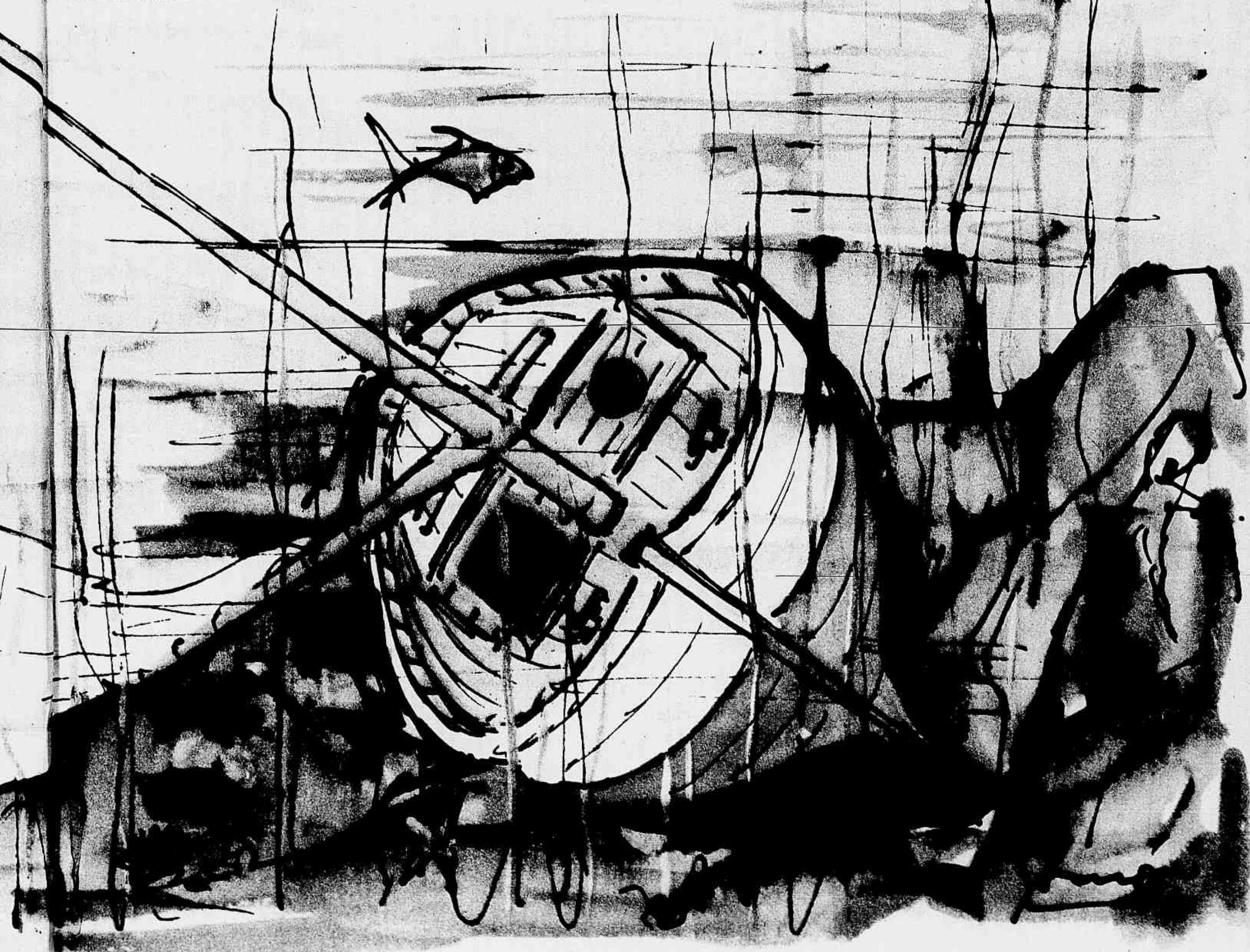
— Eis-me em visita ao nosso comum amigo George, e, a dizer tôda verdade, bem longe de gozar a tranqüilidade habitual ao campo, tanto minha alma e meu espírito se encontram atormentados... Por isso te escrevo, muito embora minha carta não vá chegar às tuas mãos senão ao fim das férias. Por essa ocasião, espero ardentemente encontrar-te, a fim de te explicar, mais tranqüilamente, as razões que ora me perturbam.

Que poderia eu fazer? Eu não via com bastante claridade a situação. Estava prêso entre as garras de uma terrível e obscura soberana. E nosso bom e caro George está perdido para mim, êle e sua amizade. O que sobretudo me entristece é ter-lhe causado pena, a êsse homem de tanto valor, amigo como só êle sabia ser. E pensar que ninguém consegue fugir à fatalidade!...

Não sei se já lhe tenho falado de Dora, a filha do funcionário Boeg. Em determinado tempo, ela morou na capital, em casa de alguns parentes afastados. Via-a pela primeira vez em certo meio-dia de maio, ano passado. Ela estava no parque com algumas conhecidas. Essas conversavam com animação, enquanto ela sorria, e revejo agora seu sorriso por detrás de um véu muito branco, seu fino perfil de linhas marcantes contrastando na luminosidade das primeiras horas da tarde.

Desde essa primavera que me recordo dela, pois tornei a vê-la diversas vezes, os cabelos muito louros em cachos maciços, o rosto pálido, os lábios coloridos, os olhos erguidos altaneiros. O conjunto dava a qualquer um a impressão metade clássica e escultural, metade moderna e arrojada.

(Continua no próximo número)

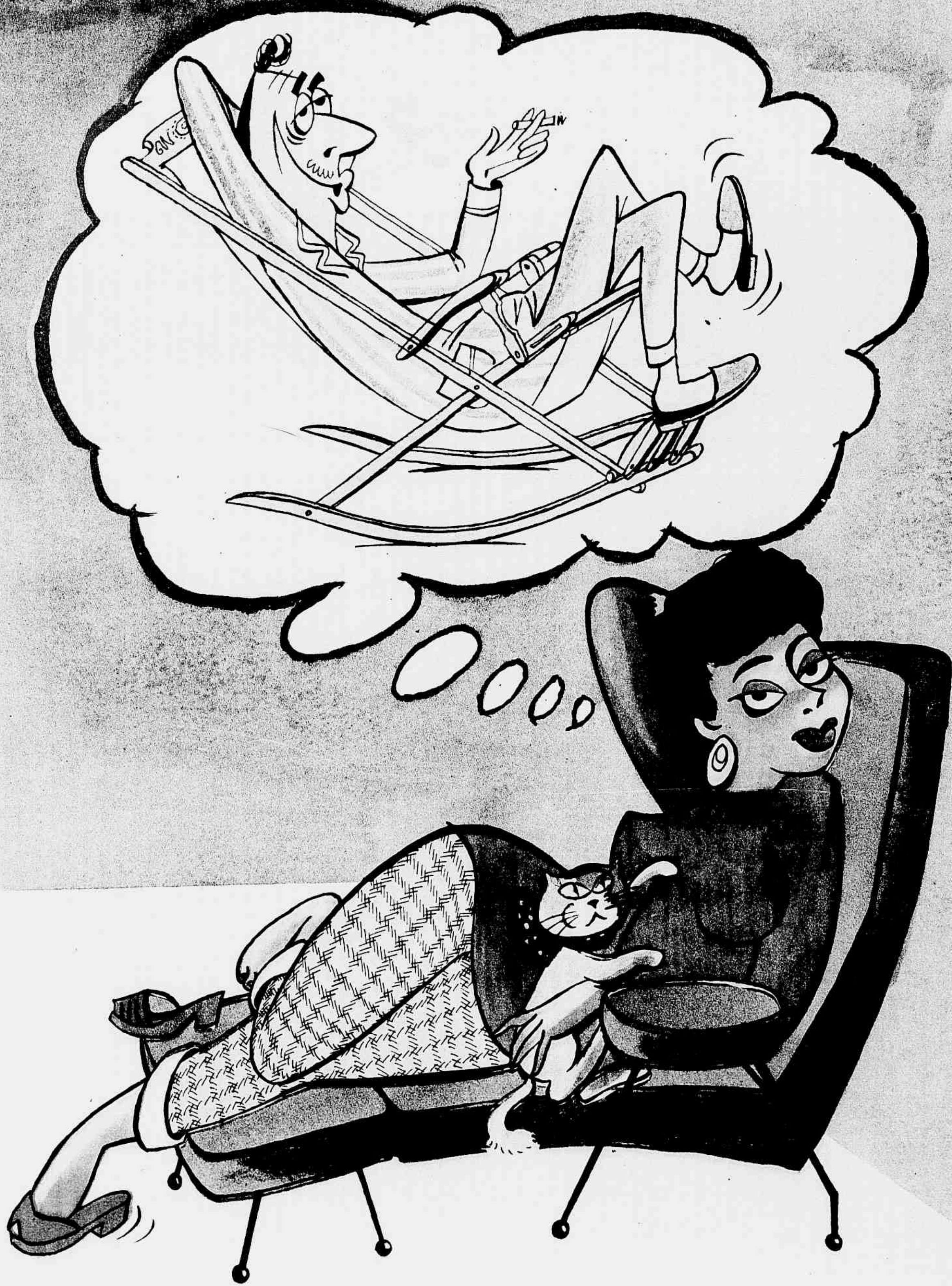


FORTUNA (por isso acordado) **APRESENTA**

O HOMEM SONHA



A MULHER SONHA



Dormir

BEM ***



É MUITA COISA

COLCHÃO DE MOLAS

Selo DE
OURO

